

# MILITIA

ANO VII — N.º 42

NOVEMBRE - 1955





# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	98
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
Seleção e orientação profissional na Força Pública - Cap. Ricardo Co- laço França .....	6
Relembrando — Cel. Daniel de Queiroz .....	12
Coisas da Força Pública - Cel. Anchieta Torres .....	14
João Ramalho Reabilitado — Cel. Lúcio Rosales .....	16
A Nossa Bandeira — Cel. Maurino Cezimbra Tavares .....	21
Um Grupo de Execução — Osny Silveira .....	29
Assombração — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro .....	30
São Paulo e suas Organizações Policiais — Cap. João Vieira de Matos ..	32
Oração à Bandeira — Sd. Gabriel dos Santos .....	35
Crime Militar — Agnelo Camargo Penteado .....	33
Emprego de Cães Pastores — Cap. Djanir Caldas .....	38
Realidade — Antônio Nogueira Santos .....	43
Reumatismo — Cap. médico Flerts Nebó .....	44
O Quinhão da Força Pública no Policiamento Estadual — Monte Serrat F.º	48
Não — Sd. Ananias Pires Filho .....	50
Cães Pastores no Policiamento de São Paulo .....	51
Praças Excluídas das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros .....	54
O Problema do Bem-vindo — Sgt. rfm. Raimundo Marques de Oliveira ..	56
Secção Feminina — Rita de Cássia .....	58
NOTICIÁRIO	
Saúde .....	65
Visita de Cortesia à Assembléa Legislativa .....	67
Polícia Civil .....	68
Homenagem .....	69
Clube dos Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo .....	70
Baile de Aniversário do Clube .....	71
"Les Groggnards" .....	83
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Bahia e Distrito Federal (Polícia Militar) .....	72
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros) e Espírito Santo .....	73
Mato Grosso .....	74
Minas Gerais .....	76
Paraíba .....	77
Pernambuco e Rio de Janeiro .....	78
Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul .....	79
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Pedestrianismo .....	84
Hipismo .....	86
Galeria de Valores .....	92
Cabo Luiz Gonzaga de Oliveira .....	93
RECREAÇÃO	
Secção de Edipo .....	96



*Para que esta marca esteja em*

## **BOAS MÃOS**

*pagamos o que custa o serviço!*

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

**AEROVIAS BRASIL**

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

**AEROVIAS BRASIL**

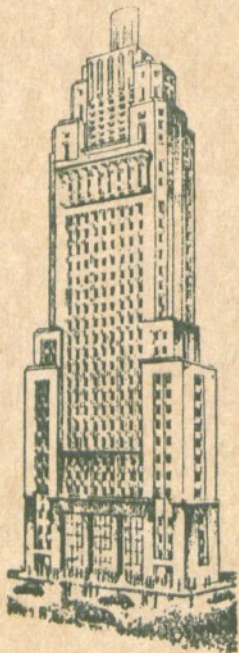
Chave dos bons caminhos

PANAM - Casa de Amigos



# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

**SERVIÇO BANCÁRIO**

**RAPIDO**

**EFICIENTE**

**SEGURO.**

O nosso

**DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,**

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

**RECEBER DEPÓSITOS**

ou

**PAGAR CHEQUES**

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO**

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).



Ainda uma vez poremos em foco a conveniência da precisa definição das finalidades das policias militares do Brasil.

Embora, através dos tempos, se venham revelando organismos vivos, atuantes, de alto teor cívico e moral, as centenárias milicias estaduais, credoras de variegados e valiosos serviços à Pátria e à Sociedade, não encontraram, ainda, seu rumo certo e definitivo, especialmente por falta da exata especificação de seus fins.

A despeito do texto constitucional que as institui "para a segurança interna e a manutenção da ordem nos Estados, nos Territórios e no Distrito Federal", na realidade, à falta de legislação complementar, pululam, sem plano diretor, sem conexão entre si e, via de regra, sem o necessário preparo, organizações paralelas, destinadas aos mesmos misteres. E tal estado de coisas assume aspecto mais grave quando se verifica que êsses órgãos ignoram, por completo, a existência das policias-militares estaduais, às quais incumbe a missão, segundo a Constituição Federal.

Por certo, essa orientação não é a que mais condiz com os interesses da Justiça, dos Estados e da coletividade. Razões jurídicas, econômicas e administrativas, além de comesinhos principios de racionalização do serviço, estão a indicar novos rumos para a obtenção de melhor sistema de manutenção da ordem e segurança públicas.

Enquanto se aguarda a almejada reorganização, urge o emprêgo ativo das policias-militares nas variadas modalidades de policiamento, para a satisfação dos altos interesses sociais e das unidades federadas. Para tanto, como é óbvio, impõe-se às tradicionais milicias nova estruturação, ajustada às atuais necessidades.

Assim, como fundamento de sua eficiência, é imperioso que as aludidas corporações:

- mantenham suas características militares, como meio à inteira consecução da hierarquia, da disciplina, da ordem e do respeito às leis;
- tenham organização flexível, correspondendo seus contingentes às múltiplas missões policiais a que se destinam, em consonância com o meio ambiente (condições geográficas, econômicas, sociais e culturais);
- selecionem e formem, com esmero, (moral, técnica e culturalmente), os quadros e a tropa, dando realce à especialização de seus homens.

Finalmente, importa acentuar que o emprêgo de oficiais e praças, nos serviços policiais, deve ser feito em funções bem definidas, compatíveis com os postos ou graduações, levando-se em conta, necessariamente, a elevada formação dos quadros das policias militares do Brasil.



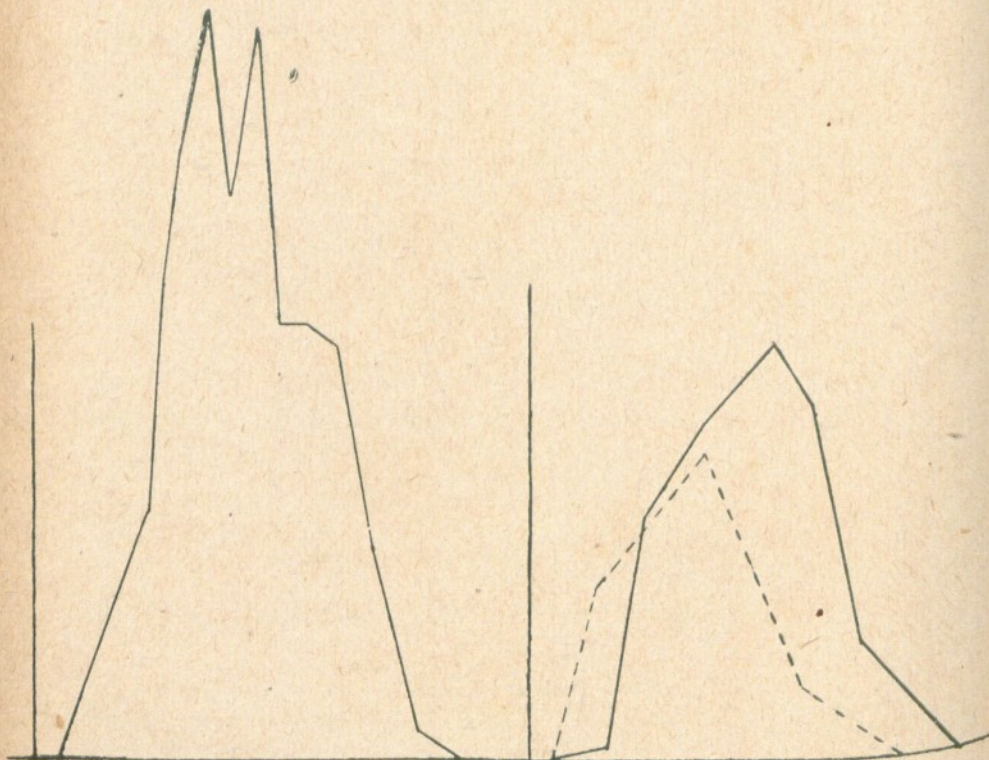
# Seleção e orientação profissional na Fôrça Pública

Conferência proferida pelo  
Cap. RICARDO COLAÇO FRANÇA

(Último da série)

## QUADRO MURAL N.º 5

Aplicação do teste «Otis» em 170 candidatos à Escola de Cabos, aprovados em todos os exames de seleção. (Agosto de 1953).



### CALCULO DE MÉDIAS

— Não selecionados = 31,8

— Selecionados = 42,7

### LEGENDA

Selecionados —————

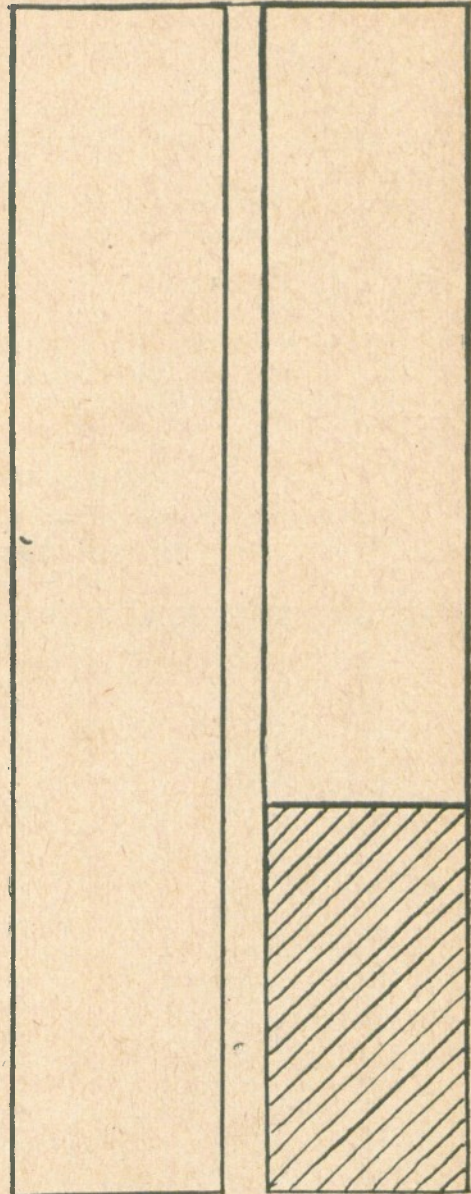
N. selecionados .....



40 %

13 %


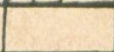
Aplicando o teste de inteligência de «Otis» nos candidatos à Escola de Cabos, obtivemos uma amostra que julgamos ser ao acaso, devido a procedência diversa dos elementos. Ao levantarmos o polígono de frequência verificamos, entretanto, uma bi-modalidade do mesmo, o que em estatística nos leva a supor estarmos em presença de dois grupos diferentes. Dessa forma, só os poderíamos julgar, com médias também diferentes. Tal fato nos levou a procurar a causa dessa heterogeneidade e verificamos, realmente, que, da amostra de 170 elementos, 101 haviam sido selecionados por nós e 69, não. Lançamos, imediatamente, a hipótese de que, talvez, fôsse essa a causa da bi-modalidade apresentada pelo polígono e, realmente, ao separarmos os valores obtidos pelos dois grupos, conseguimos dois polígonos de frequência, diversos. A turma não selecionada se acumulava nos valores inferiores e a selecionada nos superiores. É verdade que, apenas isso, não seria suficiente para comprovar a diferença existente. Ao calcularmos, então, as duas médias, obtivemos, para a turma não selecionada um valor = 31,8 e para a selecionada = 42,7. Pelo cálculo da comparação de médias, verificamos a superioridade da segunda sobre a primeira.



Evidentemente, tal amostra é pequena para se afirmar que a superioridade, ou melhor, a supremacia intelectual está com o grupo selecionado; mas, no conjunto de dados que aqui estamos expondo, fica algo mais pesando na balança a nosso favor.

**QUADRO MURAL N.º 6**

Candidatos à Escola de Cabos classificados nos 50 primeiros lugares

Legenda	
N. Selecion.	
Selecionad.	



res, nos exames de conhecimentos gerais realizados no C.F.A.

41, em 101 candidatos selecionados classificaram-se nos 50 primeiros lugares.

9, em 69 candidatos não selecionados classificaram-se nos 50 primeiros lugares.

Resultados:—

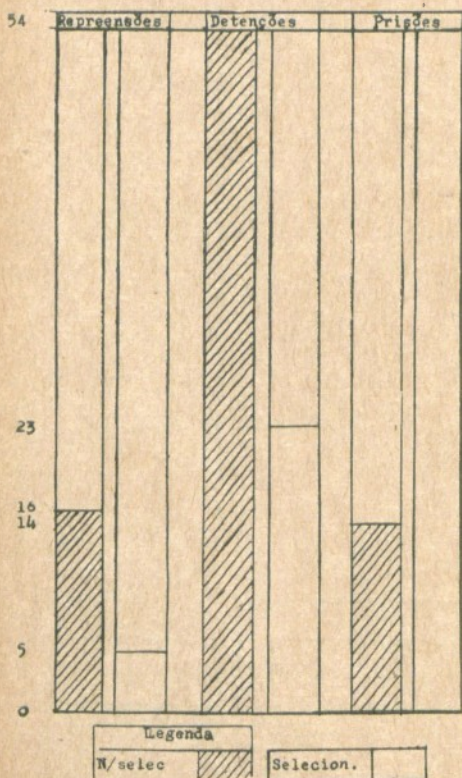
De acôrdo com os dados fornecidos pelo Centro de Formação e Aperfeiçoamento, dos 101 candidatos

selecionados pelo D.A.S.O.P., 41 classificaram-se nos 50 primeiros lugares, ou seja, aproximadamente, 41% dêsse total. Apenas 9 dos 69 não selecionados tiveram seus nomes incluídos nesses 50 primeiros lugares, isto é, 13% dêsse total. Essa diferença, constatada nas percentagens obtidas pelos dois grupos, vem demonstrar que podemos concluir pela supremacia intelectual do elemento selecionado sobre o não selecionado.

### QUADRO MURAL N.º 7

Punições aplicadas nos 170 candidatos à Escola de Cabos.

Consideramos, apenas, as punições aplicadas no primeiro ano de praça.



83 punições aplicadas, em 69 candidatos não selecionados, 120%.

28 punições aplicadas em 101 candidatos selecionados, 28%.

Resultados:—

Indistintamente, foram aplicadas nos 69 candidatos não selecionados, 83 punições, portanto, 120%. Da mesma forma foram aplicadas nos 101 candidatos selecionados, 28 punições, ou seja, aproximadamente 28%.

Observando o quadro mural que ora apresentamos, verifica-se que, das 21 repreensões, 16 foram aplicadas, no primeiro ano de serviço, em candidatos não selecionados e apenas 5, também no primeiro ano de serviço, em candidatos selecionados. Das 76 detecções, 53 foram aplicadas em elementos não selecionados e 23 em selecionados. Quanto às prisões, as 23 ocorridas foram aplicadas, tôdas, em elementos não sele-



cionados e, portanto, zero para os selecionados. Patenteia-se, assim, a

melhoria no terreno disciplinar como consequência da seleção.

### QUADRO MURAL N.º 8

Comparação entre os elementos punidos e não punidos, candidatos à Escola de Cabos. (Agosto de 1953).

24, em 101 candidatos selecionados já foram punidos. Aprox. 24%.

45, em 69 candidatos não selecionados já foram punidos. 65%.

Resultados:—

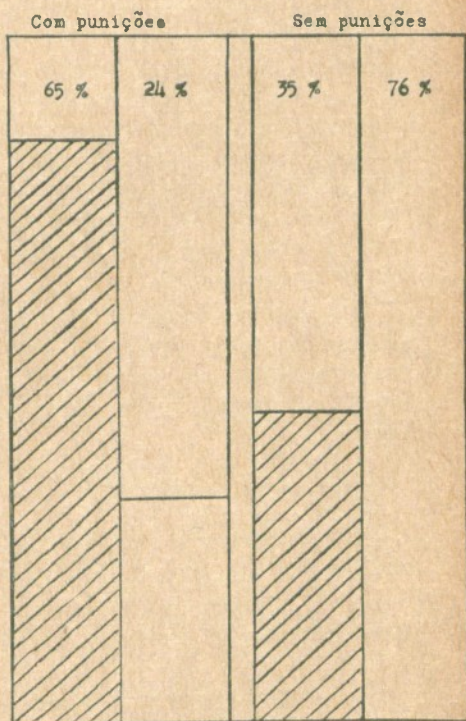
Dos 101 candidatos selecionados, 24 já sofreram punições, isto é, aproximadamente, 24%. Com relação aos não selecionados, 45 já foram punidos em um total de 69 elementos, ou seja 65%. Lógicamente, 76% dos elementos selecionados ainda não foram punidos, acontecendo o mesmo com 35% dos candidatos não selecionados.

Poderíamos nos alongar na mostra de outros dados comprobatórios do valor do atual processo seletivo que, não resta dúvida, pode e deve ser aperfeiçoado; mas, julgamos suficiente o que nos revelaram os quadros apresentados, ressaltando, de maneira positiva, a elevação no complexo personalidade-inteligência do elemento humano, que de 1952 para cá, vem ingressando nas fileiras da Força Pública.

Em síntese, melhorou-se a conduta individual, decresceram os casos psico-patológicos e elevou-se o nível mental do soldado. Logo, beneficiou-se a corporação e o serviço policial-militar que lhe está afeto.

Conclusão:—

Apresentamos os diferentes fatores de desajustamento entre o ele-



Legenda	
N/ selec.	
Selecionados	

mento alistado e a função geral policial-militar e, a grosso modo, as soluções que reputamos satisfatórias para os problemas decorrentes. Esquecemo-nos, porém, de duas proposições que julgamos de grande alcance e que consistem no alistamento condicional até o término do curso de formação, e acréscimo percen-



tual sobre os vencimentos, de acôrdo com o tempo de serviço prestado à corporação. Durante o período de alistamento condicional seriam feitas observações sobre as atitudes e rendimento individual nos diversos ramos da instrução, em coordenação com a seleção psicotécnica, obtendo-se dados preciosos para o aperfeiçoamento dos nossos serviços, desobrigando, ainda, o Estado de responsabilidade na tutela dos elementos que se mostrassem inadapáveis ao serviço. O aumento gradativo de vencimentos seria o melhor estímulo aos bons, concitando-os a permanecer em nossas fileiras.

De maneira esquemática, a solução geral do problema de alistamento, seleção e aproveitamento racional do homem, estaria calcada no seguinte:—

#### QUADRO MURAL N.º 9

I — Organização de uma única unidade escola.

II — Seleção de instrutores e monitores para a escola de formação.

III — Completamento dos meios e funcionamento efetivo do D.A.S.O.P.

IV — Alistamento condicional até o término do curso de formação.

V — Acréscimo percentual sobre os vencimentos de acôrdo com o tempo de serviço.

— A escola única para a formação do soldado, funcionaria em dois períodos a saber:—

1 — Período de adaptação — (com duração a ser estudada e determinada) — Os elementos selecionados e alistados, todos, condicional-

mente, seriam submetidos a uma instrução padrão, sem distinção de arma ou especialidade. Neste período, como parte integrante da instrução, seriam empregados testes situativos com a finalidade de se determinar as tendências, vocações, capacidades e aptidões individuais que, complementariam as observações das atitudes e rendimento, tudo, objetivando indicar a arma ou especialidade a seguir.

— 2 — Período de especialização — (com duração a ser estudada e especificada) — Os recrutas seriam orientados para uma das armas ou especialidades, segundo o que foi observado e anotado no primeiro período.

— Seleção de instrutores e monitores para a escola de formação.

Os instrutores e monitores seriam selecionados entre aquêles que apresentassem melhor:—

— Cultura profissional

— Qualidades pedagógicas

— Aptidão física

— Capacidade moral

— Equilíbrio mental e nervoso

— Qualidades de temperamento (calma, ponderação, energia, etc.).

— Emprêgo efetivo dos métodos psicológicos na adaptação, seleção, orientação profissional e readaptação do homem.

— Alistamento condicional do homem até o término do curso de formação, ou um substitutivo que facultasse alijar das fileiras os inadapáveis ao serviço.

— Acréscimo de uma percentagem sobre os vencimentos, de acôrdo com o tempo de serviço prestado



à corporação, objetivando o aproveitamento dos elementos capazes.

Aí está, em linhas gerais, o que o D.A.S.O.P. tem realizado para a Fôrça Pública e o que propõe para o aperfeiçoamento dos seus serviços.

E' preciso lembrar ainda, que a criação desse organismo não soluciona todos os problemas referentes às relações homem-trabalho. E' indispensável que ele possa funcionar sob as condições de organização que aventamos; pois, só assim, nos proporcionará meios adequados para a consecussão de uma solução próxima da ideal.

Aproveitamos este ensejo para agradecer àqueles que, superiores e camaradas, têm sabido estimular e cooperar para a germinação desta semente científica que já há algum tempo se lançou na Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Nossos louvores, portanto, aos seus iniciadores e à atual administração da Fôrça, criadora do Departamento de Alistamento, Seleção e Orientação Profissional. Considerando a fertilidade do meio, acreditamos na abundância de frutos, pois os primeiros resultados aí estão a acenar para um futuro promissor.



CAIXA ECONOMICA ESTADUAL

**NOTURNA**

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, 192

(PRÉDIO C. B. I.)

**Em PINHEIROS**

**AV. BUTANTÃ, 104 (PEGADO AO CINE GOIÁS)**

**Abertas das 12 às 23 horas**

**Aos sábados, das 9 às 15 horas.**

**JUROS DE 5% E 6%.**





*Cel. Daniel de Queiroz*  
Comandante Geral da Polícia Militar  
do Estado de Mato Grosso.

## RELEMBRANDO

O Estado de Mato Grosso é um dos maiores e mais despovoados do Brasil, apresentando enormes distâncias a vencer e, com a sua antiga pobreza, proporcionava as maiores dificuldades para os elementos da sua então Fôrça Pública.

Imagine-se o sacrifício de uma expedição da Fôrça Pública, partindo da capital (Cuiabá), a pé, composta de uma companhia reforçada e uma metralhadora Maxim, com a missão de restabelecer a ordem, perto da fronteira com o Estado de Goiás (mais de seiscentos quilômetros de distância) onde, aproximadamente quatrocentos garimpeiros se tinham amotinado, rebelando-se contra as autoridades, afrontando o Governo do Estado com telegramas de desafios, atacando o delegado de polícia local, na sua própria residência, que também era grande casa comercial, desbaratando à bala o destacamento da Polícia Militar e alguns

civis que se uniram na defesa da ordem.

Senhores da situação, os garimpeiros saquearam a casa comercial do delegado, nada deixando. O farmacêutico da localidade, que tomara parte na defesa do delegado, conseguiu fugir milagrosamente com êste e outros; como represália, os garimpeiros transportaram sua farmácia para outra vila, distante mais de cem quilômetros, apossando-se de todos os haveres da população; os prisioneiros que conseguiram capturar, em número de dezoito, foram sumariamente fuzilados e os seus corpos jogados no rio, sem a menor cerimônia.

É incrível, mas verdadeiro, que tomava parte saliente em todos êstes desmandos o dr. Juiz de Direito da Comarca, o qual, de mosquetão em punho, auxiliava os ataques e se vangloriava das suas façanhas.

A expedição, equipada apenas com fuzil descalibrado e munição, cin-



to cartucheiras e cobertor, dentro do qual cada um acomodava algumas peças do uniforme, está em ordem para vencer enormes distâncias, porque além das marchas havia a necessidade de reconhecimentos em localidades longinhas, nos flancos, para proteção.

Para assegurar o reabastecimento do pessoal da expedição foram adquiridos muares de carga, a fim de transportar o pouco do que se dispunha.

A luta era desigual, porque os fanáticos garimpeiros eram senhores da região e mestres nas emboscadas, como tiveram ocasião de provar em diversas oportunidades.

Na ocasião dos encontros que a expedição manteve com os garimpeiros, a maior preocupação era com os animais cargueiros, que sendo mais de centena, se espantavam e corriam para o lado do inimigo; daí o cuidado, pois, sendo os animais o único meio de transporte para a subsistência da expedição, sem eles esta ficaria sujeita a completa derrota pela fome, dado o grande despovoamento da região. Muitas vezes tinha-se que faltar um ou dois dias para reunir alguns animais que não puderam ser seguros; isso punha em risco os campeiros, porque o inimigo espreitava a oportunidade de surpreender algum grupo isolado.

Além do serviço de segurança em marcha, havia o de reconhecimento, à noite, quando em ativa vigilância e, quando de folga, em estado de alerta, a fim de não haver surpresa em condições desvantajosas; no dia seguinte, a continuação da marcha através do desconhecido; a

tropa sem cantil e sem marmitta ia carregando no lenço, em pano ou em fôlhas de árvores a farofa que lhe era distribuída antes do início da marcha; atravessa chapadões longos e secos, muitas vezes em marcha noturna para atenuar a sede, com atenção e vigilância para com o traçoero inimigo; em algumas escaramuças o adversário conseguia separar do grosso alguns elementos expedicionários, os quais, em marcha forçada, dando grandes voltas, por trilhas desconhecidas, alcançavam suas unidades, onde chegavam exaustos e famintos, mas com ânimo suficiente para prosseguir na jornada.

Esta era a vida policial daquela época e nenhum elemento reclamava, porque o ato seria interpretado como indisciplina ou covardia.

Com tôdas estas peripécias e muitas outras que seria enfadonho enumerar, a expedição executou a missão que lhe fôra atribuída depois de três meses de exaustivas marchas, diversas escaramuças, emboscadas e combates. Os expedicionários derrotam o inimigo nos seus redutos, restabelecendo o império da lei, repondo em seus cargos as autoridades e fazendo-as respeitadas.

Ocorreram-me êstes comentários, como exemplo aos contemporâneos e para que possam eles avaliar as lutas travadas pelos seus antecessores, em prol da ordem e do bom conceito da Corporação a que servimos, e que hoje a evolução já transformou, atenuando muitas das dificuldades antes defrontadas.

Aos mortos e feridos nestas ásperas lutas, o nosso preito de admiração e respeito.



# Coisas da Força Pública

Cel. Anchieta Torres

## UMA DESNECESSIDADE

**N**O tempo das vacas gordas, isto é, quando nadávamos em dinheiro, ao encerrar-se certo exercício financeiro, verificou a administração da Força Pública um saldo apreciável na verba "Material". Que fazer do dinheiro? Nossos quartéis estavam abarrotados, não cabendo mais nada. No Serviço de Transportes as viaturas eram tantas que só serviam para ocupar lugar e homens com a sua conservação; no S.I., os depósitos de fardamento, arriamento e outras coisas necessárias à vida da Corporação estufavam de cheios, parecendo figuras de desenhos animados; assim no S.S.; no S.M.B.; no S.E.; assim nos demais serviços. Não nos faltava nada. Nada de nada. Que fazer do dinheiro?

O chefe matutava, matutava e... nada.

Finalmente, após uma noite de vigília cívica, sentiu na cabeça não um estalo como o que sentiu, segundo dizem, o nosso padre Vieira, mas um verdadeiro estrondo à bomba atômica. Deu um pulo e gritou, imitando não me lembro quem: EUREKA! Havia descoberto o meio de empregar o dinheiro que sobrava. Ficou satisfeito porque não sentiria mais aquela angustiante interrogação: que fazer do dinheiro?

Mas, perguntarão os leitores, qual essa grande, essa genial idéia do che-

fe? Pasmem, como eu. O chefe resolveu adquirir um avião! Sim. Um avião. Mas, como os aviões custam caro, êle adquiriria para a Força Pública um aviõesinho barato, aí na casa dos seiscentos mil cruzeiros. Digo barato porque li ainda outro dia o anúncio da venda de um automóvel por um milhão de cruzeiros.

E o avião foi adquirido, apesar das ponderações dos órgãos competentes, no caso o E.M., o S.T.M. e o S.F.

Recebido o tréco (não confundir com téco-téco), surgiram dois problemas sérios: Onde guardá-lo? Quem o pilotaria? Sabido é que, desde 1932, a Força Pública não possui aviação e, conseqüentemente, não possui aviadores, mecânicos de aviação, campos, hangares...

Novo estrondo! E o caso da guarda do avião ficou resolvido: alugou-se um cantinho de um hangar particular não sei onde e lá ficou o bicho...

E o piloto? Aí o carro enguiçou e, parece-me, a tal máquina voadora permanece onde foi colocada, sem nunca ter voado, sem nunca ter prestado nenhum serviço e lá ficará como o glorioso JAÛ, acachapado em terra, como um pato, sem possuir, porém, as glórias daquele. Com o tempo se estra-



gará e será ou não recuperado. Quem sabe lá?

O caso, dosado com sal e pimenta, para satisfação dos leitores tem, entretanto, origem judiciosa.

No fundo só apresenta, como sempre acontece, o mal originário da descontinuidade administrativa e da falta de um planejamento a ser realizado em determinado prazo, ou do vêzo, muito nosso de recomençar, porque o programa do antecessor sempre não serve.

E' que a idéia talvez tenha nascido do fato de anteriormente ter-se criado uma companhia aéro-transportada, com o propósito de dispor-se de um con-

tingente policial, multi-especializado, pára emprêgo imediato em casos de necessidade, em qualquer parte do Estado, rãpidamente e em quaisquer circunstãncias, prevendo-se, para isso, que todos os seus integrantes fôssem paraquedistas.

Mas, é óbvio, o transporte em cada caso, devia ser feito mediante convênios com companhias de navegação aérea. Da solução de continuidade na administração, resultou a falta de penetração no problema.

E, por associação de idéias — contingente aéro-transportado, aviação — nasceu a da compra do tal téco-téco. (Agora é téco-téco mesmo...).



### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Aguai — Cachoeira Paulista — Guaratinguetá — Jacarei — Lorena — Paraibuna — Pindamonhangaba — Roseira — Santa Branca — Santa Izabel — São Bento do Sapucaí — São José dos Campos — Taubaté.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escritório e sede central: ( Diretoria . . . . 9-2658  
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones ( S. Comercial .. 9-2659  
SÃO PAULO ( S. Técnica . . . . 9-2681



# JOÃO RAMALHO REHABILITADO

Cel. LÚCIO ROSALES

(I)

**N**O dia 3 de dezembro de 1530, Martim Afonso de Souza, fidalgo da casa real, senhor de Alcoentre e Tagarro, alcaide-mor de Bragança e do Rio Maior, saiu de Portugal com destino ao Brasil.

Diz Max Fleiuss que a Martim Afonso, como assinala o professor Jordão de Freitas, foi incumbida a missão de escorraçar os franceses das costas do Brasil, despojando-as de «corsários franceses que iam tomando nelas muito pé», como escreveu Frei Luiz de Souza.

A 20 de janeiro de 1532 avistou Martim Afonso da sua nau, a Nossa Senhora das Candeias, a abra do porto de São Vicente. Ao verem os indígenas os navios portugueses, ficaram muito espantados e levaram a notícia aos campos de Piratininga (peixe seco), onde era chefe o cacique Tibiriçá, com cuja filha, Bartira, vivia maritalmente João Ramalho.

E' este homem extraordinário, João Ramalho, que tem sido julgado sob pontos de vista os mais descontraídos. Para uns, mercador aventureiro, degredado, com imputação de graves culpas, um ingrato para com Tibiriçá, cuja filha lhe amparara a vida; um indivíduo sem escrúpulos que fazia ostentação de sua mancebia com várias índias, afron-

tando, desta forma, os princípios religiosos e a moral.

Useiro e vezeiro em fazer alvoroço e depredações, auxiliado por seus filhos bastardos, mamelucos, gente ruim; era analfabeto, judeu, inimigo dos jesuítas; excomungado e se degredara, por vontade própria, entre os contrários, para eximir-se de colaborar com os povoadores do planalto.

Para os seus defensores, João Ramalho era fidalgo, o sinal que usava em sua assinatura é emblema de nobreza, o seu caráter é de homem de bem, é o bravo que afronta a selva, sobe a serrania escura, penetra a mata virgem, impõe-se ao gentio, é o intemorato defensor da nascente povoação de Piratininga.

Após brilhantes estudos, feitos por historiadores de incontestável valor, já pela honestidade e erudição, já pela capacidade de julgar com elevado critério histórico, a figura ciclópica de João Ramalho está inserta entre os vultos de maior glória do nosso passado histórico.

A sua ação colonizadora, o seu devotamento à terra inculta e bravía, onde tudo estava por fazer; a sua abnegação, vivendo primitivamente, no mais completo desconforto; a sua bravura, defendendo o nosso solo con-



tra os selvagens, infensos à civilização, por um instinto muito natural. fazem de João Ramalho um herói nacional, uma das colunas mestras da nossa nacionalidade.

Alberto Rangel, em seu livro «Quando o Brasil Nascia», assim se expressa sobre o alcaide-mor de Santo André da Borda do Campo:

«Erigira João Ramalho a Santo André em guarda avançada na crista do planalto, onde errava o seu instinto aventureiro, reclamando o horizonte e a posição de avanço, para o êxito das criminosas capturas na montaria do gentilismo.

Apertado na faixa marinha, o grande solitário não quis ver esmagada a sua ambição de salteador no sopé da Parapiacaba».

O ilustre historiador, autor de D. Pedro I e a Marquesa de Santos, obra de alto valor histórico, acima o fronteiro-mor de salteador, de aventureiro e criminoso.

Si há aventura no feito de João Ramalho, vindo às nossas plagas, não importa como. plagas desertas e cheias dos mais diversos inimigos, pugnar pela colonização, lutar pelos interesses de Portugal na posse destes domínios, abrir as portas à civilização, essa aventura é não um lábeu infamante mas ato de bravura heróica, a aventura do pequenino Portugal devassando os mares, a aventura dos paulistas conquistando o Brasil.

O outro vocábulo com que foi cognominado: salteador, também traz muito de desabonador ao grande de-

fensor do planalto. O salteador não tem escopo honesto, não está ao abrigo do reconhecimento da posteridade, age apenas arrastado pela índole vandálica, não tem em mira o menor benefício em prol da sociedade.

João Ramalho não foi um salteador. Praticava um comércio muito ilícito em sua época: preava índios para o trabalho, arrancava-os da barbárie para a civilização. O grande Padre Nóbrega também tinha os seus escravos. A época assim o exigia.

Leôncio do Amaral Gurgel, em seu livro «Ensaio Quinhentistas» escreve:

«João Ramalho era nobre, talvez não dessa nobreza aristocrática que se recebe através de velhos pergaminhos, carcomidos pelo longo decorrer dos séculos, mas sim nobre pela grandeza de sua alma, pois quer êle fôsse um degredado, vítima da intolerância do seu tempo, quer êle fôsse um simples naufrago, perseguido pelo destino ingrato, quer fôsse, enfim, um ambicioso explorador que viesse espontaneamente ao Brasil, em busca de riquezas, em qualquer dessas hipóteses, se o seu caráter fôsse pequenino e rasteiro, êle, o genro de Tibiriçá, que dispunha de alguns mil arcos entre os seus comandados, únicos e valentes conhecedores dos vastos sertões de Piratininga, naquele tempo, havia de por vingança ou por egoismo, tão comum em naturezas inferiores, opôr tenaz resistência aos lusos invasores».

Qual terá sido o espírito das acusações a João Ramalho, feitas por nomes tão abalisados como o do senador maranhense Cândido Mendes



de Almenda, e do dr. Teodoro Sampaio? Por que Ulrico Schmidel teve tão desagradável impressão de Santo André se lá fôra tão bem acolhido?

O padre Simão de Vasconcelos é o grande acusador primeiro do patriarca.

E' bem de compreender-se que estas acusações têm a sua gênese no julgamento algo apressado dos fatos históricos.

Ainda se não havia assás compreendido, à luz serena da crítica histórica, a grandiosidade da ação social e econômica dêsse homem que transpusera a muralha de Paranaipacaba e viera cantar o marco inicial da civilização no interior do Brasil, de onde se iniciaria a marcha triunfante para a conquista do torrão de Santa Cruz.

Cesar Salgado dá a palavra a todos os acusadores de João Ramalho e declara, de antemão, numa exaltação de acendrado patriotismo: «Darei a palavra a todos os promotores da injustiça histórica, que se pretende arvorar como labéu infamante sobre a memória do roble secular das gentes de Piratininga».

E para justificar esta sua asserção, transcreve a opinião de Pedro Taques, inserta na Genealogia Paulistana, que é a seguinte em suas primeiras palavras:

«João Ramalho foi capitão entre os mais portugueses; segundo escreve Taques, teve fôro de cavaleiro e foi fundador, pelos anos de 1550, da povoação de Santo André da Borda do Campo. guarda-mor e alcaide-mor da dita povoação e

dos campos de Piratininga, e em 1562, capitão-mor da expedição contra os índios Tupiniquins que, confederados com outras tribos, tinham pouco antes dado formidável assalto à nascente povoação de São Paulo de Piratininga».

A seguir cita as palavras do mestre de todos nós, Afonso d'Escragolle Taunay, tal como de certa feita dissera João Ribeiro do grande e cada vez maior Machado de Assis:

«Reservara o destino ao portador dêstes patronímicos simples (João Ramalho) um dos mais veementes títulos de indelével engastamento à memória de uma nação.

Daquele homem fa fazer o povoador por excelência, o agente do afeiçoamento à terra virgem do Sul do Brasil pelos conquistadores seus compatriotas. Reservara-o sobretudo para o patriarcado de uma progênie imensa, a que, como décimo quarto neto, muito me ufano de pertencer, dispersa por uma área digna de diversos impérios».

Com esta introdução, de um valor crítico-histórico incontestável, pois, a palavra credenciada do mestre Taunay é uma sentença irrecorrível, inicia Cesar Salgado a exposição dos acusadores que outra coisa não fazem senão trilhar as pegadas do crônista Simão de Vasconcelos que no dizer do não menos suspeito senador Cândido Mendes, os seus trabalhos revelam pressa, pouca ordem, e mesmo conhecimentos muito deficientes quanto à língua, costumes,



e teogonia dos nossos indígenas (Rev. do Inst. H. Bras., tomo XLII, parte 2.a pag. 173 - Apud Leôncio do Amaral Gurgel).

Diz Simão de Vasconcelos:

«Havia em S. Vicente hum João Ramalho, homem por graves crimes infame, atualmente excomungado. Mandou-lhe o padre Leonardo Nunes pedir com cortesia, fosse servido sair-se da Igreja, porque pudesse ele, celebrar o sacrificio, pois não podia em sua presença: fê-lo assi, e celebrou o Padre. Porém dous filhos seus, Mamaluços, dados por afrontados, determinarão castigar no servo do Senhor a injuria que tinha por feita ao pai; e levados de sua natural barbaria materna, esperarão-no à porta da igreja, onde chegando hum deles fez golpe sobre o Padre com a espada nua... Aqueles Mamaluços Ramalhos, de arvore ruím peiores frutos, tornarão agora a ressuscitar seus rancores; e forão maiores os males, que excitarão, que a própria peste. Moravão estes em hum lugar três leguas distantes de Piratininga por nome Santo André: daqui tramavão seus embustes e despedião a peçonha, que conceberam contra os padres, amotinando toda a criatura...».

Ouçamos Ulrico Schmidel que segundo Roberto Southey, o poeta historiador que nunca pôs os pés do lado de cá do Atlântico. autor, no entanto, de uma história do Brasil con-

siderada até hoje como obra clássica, palavras do íntegro historiador coronel Luiz Tenório de Brito, é êle um aventureiro e, na opinião do nosso grande poeta indianista, Gonçalves Dias, em tese que proferiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sôbre as Amazonas, Schmidel é referto de inverossimilhanças, como em tôdas as relações de viagem da-quele tempo:

«Rumamos, após, para uma localidade pertencente a cristãos. O chefe que estava na vila, chamava-se João Ramalho (Johann Reinmelle, Jean Reinuille, Juan de Reinville). A êste povoado eu queria designar como casa de latrocínio.

Foi nossa sorte o chefe não estar em casa, achando-se com outros cristãos que moram em São Vicente, pois êles, os cristãos realizaram, há tempos um convênio entre si. Os que vivem em São Vicente (e em outros povoados das cercanias) são mais de cêrca de oitocentos homens, que são (todos cristãos) e súditos do rei de Portugal. E êste João Ramalho (não quer ficar submetido ao rei de Portugal ou ao lugartenente do mesmo nessa circunscrição, pois êle diz) e declara que faz quarenta anos que está nesta terra, nas Indias, que a habita e que adquiriu, porque não devia governar êle a terra como qualquer outro? Por isso fazem a guerra entre si, pois êste João Ramalho querendo reunir cinqüenta mil indios (cinco mil), pode juntá-



los em um dia, tão grande é o seu poder nesta terra, ao passo que nem o rei, nem seus lugartenentes conseguem reunir dois mil índios».

Agora devo dizer também que seus filhos (seu filho), os do dito João Ramalho, nos receberam bem a nós cristãos, mas não obstante isso, tivemos maior receio entre eles que entre os índios».

E' sobre este depoimento do exótico viajante que foram calcados os primeiros estudos sobre João Ramalho.

A alegação de Schmidel, de ter tido mais medo dos cristãos do que dos índios, é um fato puramente subjetivo, uma frase inexpressiva, um exagêro doentio, que se não justifica em virtude de ter sido êle tratado carinhosamente pelos andréenses, conforme suas próprias declarações.

Entre os seus exageros está a cobra gigantesca que avistou e que punha no chinelo a famosa cobra que, à margem do rio Bagradas, fêz frente ao exército do pró-cônsul Regulo, informa mestre Taunay.

Sem embargo dizer o eminente historiador argentino, Bartolomé Mitre, ser Schmidel:

«aleman de temperamento flematico, observador atento y tranquilo de la naturaleza, sen imaginacion y despreocupado, aunque no exento de preocupaciones vulgares y de prevenciones personales»

julga Leôncio do Amaral Gurgel que Schmidel deu proporções inverosímeis

a certos fatos que constam da sua narrativa.

Não escapam êstes exageros de Schmidel à observação de Bartolomé Mitre que assim se expressa: «A veces se manifiesta algo crédulo respecto de las cosas que se le cuentan, con tendencia á exagerar el numero de las tribus barbaras con que combate».

Ternau-Compans julga Schmidel um simples soldado de pouca instrução e Bartolomé Mitre afirma ter sido um simples soldado raso. Estas afirmações têm a sua contestação.

W. Kloster e F. Sommer concluem que Schmidel descendendo de uma velha família benquista da cidade de Straubing, na Baviera, devia ter boa cultura escolar com relação à época e que depois se tivesse dedicado ao comércio.

Há uma forte contradição em Schmidel ao dizer que a impressão que tivera da aldeia habitada por João Ramalho era de cristãos e se assemelhava a um valhacouto de ladrões e que aí fôra bem recebido.

Não há duvidar, louvar-se nestas afirmações do primeiro historiador «del Plata», segundo Mitre, é arriscar-se a julgar os fatos com argumentos diametralmente opostos e aceitar dados de ficção, como uma certa dose de imaginação extravagante.

João Ramalho, a excepcional estrutura física daquele que se pode chamar o patriarca e fundador da raça, tronco vetusto e fortissimo donde ramificou a formidável prole dos mamalucos piratinianos, no conceito de Paulo Prado, impressionou grandemente a Tomé de Souza,



figura que, no dizer do mesmo historiador, é o representante mais perfeito do seu tempo e de sua raça. Homem zeloso e virtuoso diz o P. Manuel de Nóbrega; fidalgo honrado e homem avisado além de prudente e experimentado na guerra, afirma Gabriel Soares de Souza.

Tomé de Souza batalhara em Africa e Asia. Nessa prática fortificara as suas qualidades de homem de guerra e administrador, conquistando o renome de «Prudente» que o recomendou a D. João III, o Piedoso, e também o Povoador, mandando-o governar o Brasil.

Ninguém mais autorizado do que Tomé de Souza para aquilatar o valor de João Ramalho, ajuizar da sua atuação social nas terras do Brasil nascente, do seu esforço em benefício da civilização, e do seu trabalho proffcuo na conquista do nosso território tão ameaçado pela linha tor-desilhana.

Em carta de 1.º de junho de 1553, Tomé de Souza escreve a D. João III:

«... hordeney outra villa no começo do campo desta villa de São Vicente de moradores que estavam espalhados por ele e o fiz cerquar e ayuntar para se poderem aproveitar todas as povoações deste campo se chama a villa de Sarto André porque honde a citeuv estava hua ermida deste apostolo e fiz capitão della Johão Ramalho natural do termo de Coimbra que Martim Affonso ya achou nesta terra quando ca veyo. Tem tantos filhos e netos bisnetos e descendentes

delle ho nom ouso de dizer a V. A., não tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove leguas a pé antes de yantar».

Esse vulto histórico do passado paulista, que naquela época tinha a latitude do passado brasileiro, não pode ser objeto da fantasia que quis desbancar a verdade, na frase de Ermelino Agostinho de Leão, que continua a sua apreciação desta forma:

«Em tórno da figura de alto destaque do alcaide-mor de Santo André gravitou a imaginação dos historiadores e cronistas, tecendo enredos romanescos que se não explicam, nem se justificam à luz evidente dos documentos dos arquivos paulistas.

A fantasia quis desbancar a verdade; e, em vez da chan biografia de um homem de raro valor e de grandes vícios, apresentou-nos um conjunto dispatado de lendas, um emaranhado de conjecturas, dificultando a missão da critica histórica na restauração fiel dêsse passado, que, nem ao menos, podemos considerar remotissimo, da terra paulista».

Américo Brasilense Antunes de Moura, homem de letras, filólogo, professor e historiador dos mais eminentes, recentemente falecido, em seu nunca assás louvado trabalho «Os povoadores do campo de Piratininga — Traços biográficos e genealógicos», obra premiada pela Prefeitura de S. Paulo, escreve:

«João Ramalho. Nascido em Vouzela, Vizeu, Beira Alta.



Filho de João Vieira Maldonado e Catarina Afonso; parente do padre Manuel de Paiva, S. J. Casado em Portugal, c.1510 com Catarina Fernandes, veio logo depois para São Vicente. creio que em degrêdo. Mantendo relações com os traficantes do litoral, estabeleceu-se entre os tupiniquins, no campo de Piratininga, antes de 1513, dezenas de anos antes de qualquer povoador. Teve vida marital durante cerca de quarenta anos com uma índia, que recebeu o nome cristão de Isabel, a qual já separada d'ele, faleceu em Piratininga c.1559, deixando aos filhos e escravos uma casa (Anch. Cartas, p. 148-9). Esta era filha do principal da aldeia de Inhapuambuçu, que creio não fôsse Tibiriçá, mas o pai ou tio dêste. Chegado à terra Martim Afonso, Ramalho conciliou o ânimo dos indígenas, facili-

tando o estabelecimento dos portugueses. Acompanhou em 1532 Martim Afonso ao campo de que foi nomeado capitão-mor, com privilégio de resgates sendo infrutífera a primeira tentativa de vila no planalto».

Vários fatos aqui enunciados nos levam a concluir que João Ramalho foi um extraordinário vulto, uma figura de excepcionais qualidades e, conforme a opinião do emérito historiador Tito Lívio Ferreira, um vulto de excepcional relêvo no primeiro século da colonização, que se destaca desde a hora primeira, pelo ânimo intrépido, pela rija têmpera e pelo coração ousado.

A conciliação por êle realizada, entre os indígenas e os portugueses, é um feito de real valia. Não fôra esta sua ação patriótica e teríamos tido grandes dificuldades para iniciarmos, naquele instante, o povoamento do planalto, sentinela avançada do Brasil nascente.

# Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA  
EXERCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. <ARGUIISO>

— SAO PAULO



Miliciano,

a

SEC. REEMBOLSÁVEL DO S. I.

(Quartel do S. I. - Rua Alfredo Maia, 194)

defende os seus interêsses  
porque oferece o que Você  
necessita, a preços inferiores  
aos da praça.

Faça-lhe uma visita \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ logo que puder



# A NOSSA BANDEIRA

*Cel. Maurino Cezimbra Cavares*

*Da Polícia Militar da Bahia*

**N**O solo pátrio ou em terras distantes, no tópo de uma haste, levantada nos quartéis, escola de civismo e de bravura; no mastaréu dos navios, sentinelas avançadas de nossa soberania, do intercâmbio da boa amizade entre povos amigos; no bastião das fortalezas, que não assinalam sômente a praça de guerra, a segurança, a solidez, a fortificação, mas a energia, o vigor, a constância e o valor dos que a defendem nas horas difíceis; nos campos da luta, onde o estuar do patriotismo é centelha que abraza os corações dos valentes, que se imolam em sua honra; nos dias festivos; à frente da tropa, que a conduz marcial e garbosa, arrancando aplausos e vivas de quantos lhe assistem a passagem, desfraldada e imponente, majestosa e linda; aqui ou alhures onde quer que estejamos, freme o nosso peito de entusiasmo e de amor por êsse sagrado Pavilhão, cujas fimbrias envolvem a todos num abraço materno.

Oh! terra bendita! Graças a vós, oh! Deus misericordioso! nunca se maculou o nosso «auri-verde Pendão». E ai de quem ousá-lo. Antes morrer do que vê-lo em mãos adversárias, conspurcado, ultrajado.

Não nos faltam, felizmente, exemplos de coragem e de civismo, atestados eloqüentes de como temos sabido defendê-lo, nas regiões inós-

pitadas de Montevidéu, Argentina, Paraguai e nos campos da Europa, em conflitos a que fomos arrastados pelo amor à liberdade, sem intuito de cobiça, conquista ou vingança.

Abatendo a tirania, combatendo o despotismo, protegendo os povos fracos e dominados por impiedosos algozes, é que as nossas forças de terra, mar e ar têm ido, além fronteiras, e com elas o nosso Estandarte, que, rôto pelas metralhas e pelo impacto dos canhões, volta mais magnificante e ainda mais liberal, porque, com os feitos de seus filhos indômitos, granjeou, naquelas plagas longínquas, admiração e respeito, na implantação da ordem, do trabalho e da paz, fatores do progresso de uma nação.

A sua presença anima e exalta o combatente, porque recorda o sítio, a família, o lar, lembranças que são como o clangor dos clarins de guerra, incitando-o ao aniquilamento do inimigo, certo, assim, do retôrno, quanto antes, aos pagos venturosos da Pátria agradecida.

Nessa inspiração sobreexcedem a si mesmas a ousadia, a intrepidez, a resolução, a audácia, a galhardia, apanágio dos fortes, dos temerários, dos arrojados.

Ei-los:

«No fragor do combate, é arrebatada pelos paraguaios a Bandeira





do invicto 30.º Corpo de Voluntários. A luta era desigual, os nossos recuavam. A vitória favorecia o inimigo. Eis senão quando o corajoso ten. cel. Apolônio Peres Campelo Jacome da

Gama sentiu a triste realidade. O destemido militar não vacila um só momento: «Retomar a Bandeira ou morrer», foi a sua decisão. A ordem eletriza a todos que, ao toque



de «carregar», se lançam sôbre os paraguaioes, que, atônitos pela surpresa, são debandados.

«A bandeira, rubra de sangue e perfurada de balas, é trazida ao velho comandante. Este, emocionado, ajoelha, beija-a, respeitosa e de repente, tomba ao chão. Correm os officiaes mais próximos para ampará-lo. O heróico chefe estava desfalecido, tendo nas suas mãos, apertado, o pano de bandeira. Nunca mais recobrou a razão. Ele que se julgava deshonrado pela perda do lábaro sagrado, consciente da sua imensa responsabilidade, enlouquecera na comoção de uma alegria, que o levou, pouco depois, ao túmulo».

Soldados, em continência ao bravo coronel Apolônio, sentido!

E a bandeira do 26.º, confêccionada pelas mãos graciosas de gentis senhorinhas do Ceará? No entrecchoque da refrega, no vaivem da peleja, nos lances de heroismo, no recontro do combate, fende-se o quadrado, o número de mortos sobe a dezenas. O Batalhão está aniquilado, derrotado. Mas, a Bandeira fôra salva. Não caíra em mãos vandálicas aquela relíquia tão preciosa, que tantas vêzes abriera caminho à vitória.

«Osório ficou indignado com o desastre em que perecera o 26. Mandou chamar Figueira de Melo ao quartel-general, na manhã do dia seguinte.

Em frente à barraca, sob uma árvore, cotovelos fincados na mesa de pinho, esperou-o. Ao seu lado, tranqüillo, Argolo coíflava a barba escura. Pedra, de pé, apoiava-se à espada,

Resin, sentado num tamborete, pregava os olhos no chão.

Osório levantou-se nervoso. Deu alguns passos para lá e para cá. Depois, com um arranco:

— O Sr. prepare-se para ser submetido a conselho de guerra.

— Mas, Sr. General, replicou o outro, eu cumpri o meu dever.

— Perder um batalhão é um crime!

— Não o perdi por meu gosto e, por minha infelicidade, não morri com os meus soldados. Obedeci a ordens superiores, indo em socorro da vanguarda.

— E quem lhe deu ordens de perseguir o inimigo?

— O entusiasmo da vitória e o meu dever de soldado.

— Mas porque não recuou, logo que se viu cercado?

— Porque seria comptometer o 13 de infantaria, que me seguia e que se sacrificou depois, bastante, para salvar os destroços do 26.

Osório mordeu o bigode. Tirou maquinalmente um charuto do bolso e amolgou-o. Fitou um instante o coronel, que não baixou os olhos, e como último recurso:

— Coronel, onde está a Bandeira do seu batalhão, a Bandeira bordada pelas moças do Ceará?

Figueira de Melo baixou, então, a cabeça e as lágrimas correram pela sua face emurchecida.

Nisto, de um dos grupos de soldados que espiavam das proximidades o que ali se passava, um caboclo de cabeça chata, com as divisas de cabo na blusa rôta e o número 26 na bar-



retina, destacou-se, deu alguns passos para a barraca do quartel-general, juntou os calcanhares, fêz a continência e disse, dirigindo-se a Figueira de Melo, com a mão no coração:

— A Bandeira do nosso 26, Sr. Comandante, está aqui!

Abriu a blusa, tirou a bandeira rasgada e ensangüentada, que trazia de encontro ao seu corpo e a depôs sobre a mesa de pinho».

Temos aí um modêlo soberbo de estoicidade, onde não sabemos o que mais admirar, se a firmeza da sua attitude em justificar-se do fracasso, imposto pelas circunstâncias da lei da guerra, ou da valentia com que guiava os seus intrépidos soldados à glória!.

Que esta prova de responsabilidade e dever militar sirva-nos de lição e jamais se quebrem em nós o ânimo, o denôdo e o brio na vicissitude, no revés, no ensejo em que a Pátria periga.

No culto à memoria dos antepassados, que escreveram, com o seu precioso sangue, os feitos épicos de nossa história, evidenciam respeito às leis e às instituições do País.

O dia da Bandeira, criado a 19 de Novembro de 1889, é para nós, brasileiros e militares, senão a maior data cívica, uma das maiores, porque encerra a consagração de nosso amor a êsse símbolo da Pátria, já tantas vêzes coberto de louros imperecíveis.

O Pavilhão do Cruzeiro, que cobre, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, as plagas riquíssimas do vasto e imenso colosso da América Latina

— o nosso querido Brasil, «País da força e da fartura, do trópico e do equador», é o fanal que deve orientar os nossos homens públicos, civis ou militares, estadistas ou políticos, guerreiros ou pacifistas, a conduzirem-no, com patriotismo e dignidade, ao lugar que o destino dadivoso preservou para si, entre os demais povos civilizados.

Mas, para isso, é necessário que as forças do bem se organizem, pondo-se de atalaia contra os traficantes, os fraudulentos, os usurpadores, os espertalhões, os velhacos e os enganadores que, à socapa, fazem o jogo do inimigo, corrompendo a mocidade, desacreditando o govêrno, fomentando a desordem, provocando a indisciplina.

Não somente a êsses devemos combater, mas, também, aos que porfiam em escravizar a liberdade, pregando a dissolução dos costumes, a negação da autoridade, a destruição da família, a desmoralização dos superiores, através de apócrifos e anonimatos, a abolição da propriedade, a repulsa à religião, o repúdio ao livre pensamento, em disseminar doutrinas alienígenas, que conturbam os espiritos, exacerbam ódios, atritam gentes, provocam revoluções, pervertem e invertem a ordem.

Alertemo-nos, pois, contra êles, inimigos da Pátria, que vivem a espalhar a inveja, a malquerença e a discórdia entre irmãos, solapando, ademais, os alicerces da sociedade, com falsas promessas e mentiras soêzes entre os menos avisados: operários, soldados, marinheiros, camponeses e estudantes.



E' de vigília a hora que atravessamos, de reação e de combatividade.

Não há lugar para os indiferentes, os acomodaticios, tão nocivos e perigosos quanto aqueles, senão mais, porque cobardes.

#### MEUS CAMARADAS:

Olhos fitos na Bandeira, genuflexos diante do altar da Pátria, almas contritas e corações elevados a Deus, juremos engrandecê-la, cada vez mais, pelo trabalho construtivo, pelo propósito de bem desempenhar os encargos com seriedade e, sobretudo, com honestidade; pela fidelidade aos princípios democráticos; pela lealdade aos chefes, a quem devemos obediência, acatamento e respeito; pelo amor à cultura, difundindo o saber, vulgarizando a instrução; pelo desbravamento do campo, no plantio das terras, desenvolvendo a agricultura; pela penetração dos nossos sertões, construindo estradas; pelo devotamento completo ao seu progresso; pela prática de atos nobres, que a dignificam e a enobrecem; pela conservação dos monumentos, que testificam as obras dos nossos avoengos; pela guarda das tradições, que vitalizam e nobilitam o amor da Pátria, avivando-lhe o passado, referto de gloriosas reminiscências.

Só assim poderemos bem servi-la.

Hoje, dia da sua evocação, é próprio que os brasileiros, congregados, se unam para venerá-la, indicando, assim, às gerações futuras, que ela foi sempre adorada, reverenciada, quer na paz, quer na guerra; nos momentos bonançosos de novas esperanças para um porvir radiante, como em circunstâncias difíceis e aflitivas, em que a alma da nacionalidade sangrou de angústia e os campos de batalha se cobriram de cadáveres e o sofrimento e a dor se entrelaçaram, com o patriotismo dos filhos impertérritos deste abençoado torrão, para vê-la rasgar o espaço, altaneira e nobre, à procura do infinito, onde os anjos possam, também, exaltá-la, entoando louvores ao Senhor.

Saibamos, pois, cumprir o nosso dever, cultuando a Pátria, na imagem da sua Bandeira, que, "desfraldada aos ventos dos combates, lançada ao sôpro irreprimível das procelas, exposta ao crivo da metralha, enegrecida pelo fumo e pelo hábito empestado dos canhões, nunca se abateu.

Fazei dela o objeto constante de vossos pensamentos; adorai-a como a estrêla polar de nossa vida, honrai-a com entranhado e sagrado amor».

Viva a Bandeira brasileira !

Tudo o que não muda está morto.

AZORIN

A lembrança do passado rouba-nos metade do presente, e a preocupação do futuro a outra metade.

SAINT-BEUVE



## UM GRUPO DE EXCEÇÃO

OSNY SILVEIRA

Todo o mundo fala mal da COAP e não se pode negar fundamento a essa atitude inamistosa da opinião pública para com um organismo criado presumivelmente para ajudar o povo, mas que até aqui nada tem feito a seu favor. Ninguém se lembra, no entanto, de que a COAP e todos os organismos análogos são efeito e não causa. A ausência de uma política econômica verdadeiramente esclarecida por parte do governo federal, a inexistência de adequada legislação sobre preços, a impossibilidade de influir nos mercados externos de onde nos vêm muitos produtos indispensáveis, decretaram a ineficiência quase absoluta desse órgão.

Dentro de tais premissas, muito pouco se poderia salvar desse esdrúxulo departamento que o governo criou sem que possa fazê-lo funcionar normalmente. Há nele, um aspecto que seria injusto omitir ou equiparar aos demais: é o grupo de homens que integram a divisão de policiamento econômico da COAP. Se acompanharmos atentamente a ação desse pugilo de abnegados servidores, poderemos imaginar como seria o povo bem defendido se existisse de fato, por detrás deles, uma organização à altura das necessidades coletivas. O pouco que fazem é um milagre de dedicação, de espírito de sacrifício e de amor à causa pública.

A figura do «fiscal», seja de que fôr, assumiu em nossa pátria, por culpa de alguns dos integrantes da classe, uma posição nada satisfatória. Ou é o rigor excessivo, a punição sem motivo, a exigência desordenada, ou é a corrupção, o suborno e a fraude. Dificilmente, para o grande público, o fiscal se situa num ponto intermédio, como o funcionário que está apenas procurando cumprir criteriosamente o seu dever. No entanto, existem elementos assim, que compreendem a importância e a responsabilidade das suas funções e as executam com inteiro critério e enérgica sobriedade. Entre eles, os militares da Força Pública de São Paulo destacados para o serviço de policiamento econômico da COAP. Acompanhar uma de suas diligências, tomar contacto com os seus homens, apreciar a maneira pela qual encaram a difícil tarefa, tendo tudo contra si — desde a lei até a má vontade da população — é fazer um curso de administração pública e reconciliar-se definitivamente com ela.

Ainda bem que isso acontece. Afinal, alguma vez há de refletir-se nesta coluna uma palavra de aplauso, de envolta com tantas de crítica necessária e contundente a certos figurões vazios que teimam em fazer de conta que valem alguma coisa.

(Transcrito da "Folha da Tarde", de 14-X-53).



# ASSOMBRAÇÃO

Cap. Plínio D. Monteiro

(Ilustração do autor)



Decididamente todos seus ex-colegas de ginásio estavam melhor do que êle na vida !

— Veja o Mário. Disse há meia hora que está ganhando 15 a 20 mil cruzeiros mensais. Verdade que êle estava com o colarinho poido, sujo... E o Armando ? Fôra assassinado; morreu moço ainda, uns trinta e oito anos mais ou menos. Si o «jôgo do bicho» estivesse liberado, eu jogaria no 38, e faria também uma centena — 738 — é um bonito número !

Tinham tomado umas caipirinhas. Também, há quanto tempo não se viam ? Bem que o Mário podia ter pago coisa melhor que cachaca; (20 mil cruzeiros !) mas êle insistira na «malvada». Afinal de contas o efeito é sempre o mesmo.

— E se tomasse mais uma pinga ? Nunca gostei dêsse nome; aperitivo, sim. Ou rabo de galo. Bem, onde vou tomar o tal ? Que idéia besta essa de não venderem mais na Praça da Sé ? Não voto mais nele na próxima eleição. Azar dêle.

Pensando melhor; bastava; estava num bom ponto; nem triste, nem alegre, filosofando... Além disso não valeria a pena perder o lugar na fila do ônibus. Quando êle era criança não havia filas. São aborrecidas pela demora; porém êncerram boas oportunidades. Tinha conhecido a Norma na fila do lotação, e tinham sido bem felizes depois. Chegara a pensar em casamento ! Isso já tinha passado, e já tinha acabado também como tudo o mais nesta vida.

— Tudo nasce, vive e morre. Nem é bom pensar.

Qualquer um pode morrer de repente. a condição é somente estar vivo.

.....

Não quis jantar. Tomou mais uma talagada das boas e subiu para o quarto. Tirou a roupa com dificuldade e se atirou na cama. O teto rodava, a cama oscilava; o guarda roupa teimava em mudar de lugar. Mudou de posição e atirou



longe o travesseiro. Que coisa horrível! Sentou-se na cama, mas sentiu-se cansado e deitou-se de novo.

— Essas caninhas não valem mais nada. E' tudo falsificado. Signal dos tempos. No interior sim, é pura, não faz mal nenhum.

Aquêlê ponto vermelho na parede estava crescendo e correndo em zig-zags. Que bobagem, era o espectro da lâmpada. Espectro, morte; outra vez a mesma idéia idiota.

Pensou em dormir.

— Não! quando a gente está assim dá cada pesadelo...

.....  
Não saberia dizer agora se estava dormindo ou acordado. A sensação da agonia deveria ser aquela. Ainda o pensamento de morte!

— Acho que tem alguém em baixo da cama. Ah! Ah! Ah! Fantasmas! Ora, FANTASMAS! Não que não acredite. Porque «yo no creo en brujerías, pero que las hay...» Que calor! deve ser por isso que chamam cachaça de cobertor de pobre.

Desceu as escadas; ora, mas êle não estava dormindo? No sopé da escada cumprimentou um individuo fardado de músico de orquestra do interior. Que diabo de uniforme an-

tigo era aquêlê? Voltou-se pesadamente, o vulto e a escada tinham desaparecido. Que vontade de correr, mas parecia que não tinha mais pernas. Estava, agora, numa sala enorme e soturna; e o tal «sujeito» sentado à boa moda européia, junto da lareira.

— Acho que êle tem duas cabeças; não, é uma só. Não, não tem cabeça...

O fantasma desapareceu outra vez, e alguma coisa lhe agarrou as pernas.

— Larga, larga, larga!

.....  
Acordou com uma sensação estranha. Que sede! Tragou quase meia moringa d'água.

Fantasma, ora fantasma. Quem era êle para ter a honra de uma casa assombrada? Isso é para castelo inglês, que tem sempre um ou dois abantesmas de propriedade exclusiva, para valorização do ambiente de novela. Afinal, aquêlê fantasma parecia ser o do seu avô. E como bebia quando era vivo!

— Todos dizem que vovô era um fracassado devido à bebida... Acho que era mesmo. Preciso deixar de beber. E está decidido: — Nunca mais...

————— :: —————



*Fotogravura*

**MODERNA**

**VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.**

**R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAULO**



# SÃO PAULO E SUAS ORGANIZAÇÕES POLICIAIS

**L**EMBRAMO-NOS de São Paulo aí por volta de 1926, quando, ainda crianças, tínhamos a petulância de jogar bola de pano na calçada da nossa rua. Folguedo de duração efêmera, porque logo aparecia o «Quimba» lá na esquina e... «pernas para que te quero»; às vezes ficávamos sem bola e fechados em casa por uma semana, em virtude da visita feita aos nossos pais pelo zeloso policial.

A cidade era ainda pequena, àquele tempo, e nossa rua, iluminada a lampeão a gás, não possuía bares e salões de bilhares; apenas uma confeitaria onde os olhos se enchiam à vista das gulodices. Cinema! Oh! os cinemas daquele tempo. Só aos domingos, depois de uma semana de bom comportamento.

Certa vez, a curiosidade infantil levou-nos a assistir à prisão de um homem embriagado que perambulava pela nossa rua. Um homem bêbado e fazendo arruaça em nossa rua! Coisa rara e nunca vista por nós. Compenetrado e cioso do seu dever, lá vinha ele — o «Quimba». Conduziu o bêbado até perto de um poste, onde havia uma caixa de ferro; abriu-a, girou um ponteiro, ouvi-

mos o tilintar de uma campainha e, alguns minutos passados, ali estava a «viúva alegre», o carro de préso. O assunto estava encerrado para aquele impertérito policial, que continuou imperturbável a sua missão de mantenedor da ordem.

A noite, ouvíamos o trilar de apitos e sabíamos que lá na rua, mal iluminada pela luz amarela dos lampiões, o «Quimba» velava por nossa segurança.

Assim era há pouco mais de cinco lustros. Tínhamos um policiamento efetivo, permanente, diuturnamente feito por homens fardados. Policiamento que víamos e sentíamos.

A cidade cresceu, sua população subiu quase verticalmente na escala das estatísticas. Hoje São Paulo é uma grande metrópole que se espalha pelos quatro pontos cardiais. A electricidade dominou a «urbs»; multiplicaram-se os bares, cafés, salões de bilhares; surgiram os clubes noturnos, «dancings», «boites»... A cidade agigantou-se.

Mercê dêsse crescimento e em razão de fatores outros, multiplicaram-se as organizações policiais. A antiga Chefatura de Polícia projetou-se na atual Secretaria da Segurança



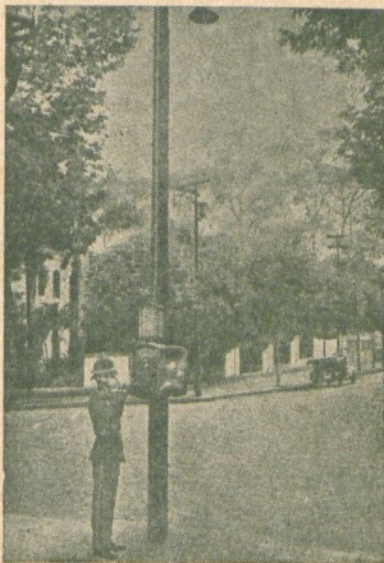
Pública. Outras organizações de farda surgiram, ao lado da Fôrça Pública; cêrca de meia dúzia delas disputam hoje a primazia da execução do serviço de policiamento, o qual, em certos setores, ou não existe ou é mal executado.

Já não vemos mais aquela figura que tanto nos impressionou e que hoje admiramos — o «Quimba». Desapareceram as caixas de ferro com que se chamavam os bombeiros, o carro de prêso ou a assistência pública. Em lugar daquele policial ficou o vácuo, suprido apenas quanto ao policiamento noturno, agora feito por outra organização policial. As caixas de ferro foram substituídas por eficiente serviço de radiotelegrafia e radiofonia. As verbas dos orçamentos do Estado pularam para a casa dos milhões. E o serviço de policiamento ostensivo, o serviço de policiamento feito por homens de farda... piorou.

Embragados e desocupados se espojam pelos cantos de ruas; falsos mendigos percorrem as filas de ônibus; homens e mulheres de moral abastardada provocam cênas deprimentes na via pública, sob a luz ofuscante da eletricidade ou em lugares afastados; «bonitões» encetam verdadeira caçada, em plena luz do dia, nas ruas centrais e nos cinemas; nos bairros, qualquer árvore ou parede de casa residencial, qualquer canto menos iluminado, é transformado em mictório ou W. C.; os «granfinos», encastelados em seus «rabos de peixe», assediam moças com as propostas mais indecentes. Causa-nos revolta e até asco ver, durante o dia e principalmente

de noite, os degradantes espetáculos de imoralidade desta grande cidade. As cenas se repetem com freqüência alarmante a assustadora, enquanto policiais, em número apreciável, se cruzam... a passeio ou em trânsito para o quartel ou para casa, ou em serviço extraordinário.

Sabemos que existe uma Lei de Contravenções e um Código Penal, mas não sabemos da existência de um policiamento intensivo, extensi-



vo e permanente a prevenir a sua infringência.

—:—

Não há negar que a cidade de São Paulo atravessa, em sua história, uma fase crítica no que respeita ao policiamento preventivo; o policiamento de rua, permanente, ostensivo, realizado por policiais fardados.

Já não podemos confiar demasiado na educação e formação fami-



liar, nesta grande metrópole, onde boa porção da infância passa a maior parte do tempo nas ruas; e a juventude, à falta de outro derivativo, nos bares, salões de bilhares, «dancings», etc. A estes jovens e àquelas inocentes crianças, delinquentes em potencial e incentivados pelo meio ambiente, cabe-nos, a nós policiais, em harmonia com o Juizado de Menores e com a Secretaria da Segurança Pública, vigiar-lhes a conduta fora dos lares e no trato com a sociedade, à qual pertencem e da qual constituem u'a manifestação individual. Aos demais já envolvidos na teia do vício, nada mais nos cumpre fazer senão subtraí-los ao meio social e entregá-los às autoridades competentes.

— o —

Impõe-se a volta da Fôrça Pública ao serviço de policiamento, pela forma como era executado pelos admiráveis policiais daqueles tempos idos. Não somos saudosistas, mas apenas amantes da ordem pública e da moralidade dos costumes.

Vamos delimitar funções de maneira harmônica e em benefício da coletividade. Ao povo de São Paulo, ou de qualquer outro lugar, pouco importa que haja uma ou mais organizações de polícia; ao contrário, sua pluralidade é da essência do regime democrática. O que interessa ao povo é a execução do serviço pelo qual paga sob a forma de impostos; assiste-lhe o direito de exigir que o Estado torne efetivo e perfeito tal serviço.

Definam-se as funções e finalidades, não em compartimentos estanques e burocraticamente emperrados, mas harmônicos.

Nada impede, legalmente, que a Fôrça Pública volte seus olhos para o policiamento de rua. Em não o fazendo, estará descumprindo o mandamento constitucional que instituiu as Polícias Militares «para a segurança interna e a manutenção da ordem nos Estados».





# ORAÇÃO À BANDEIRA

Sd. GABRIEL DOS SANTOS

*Amarelo, verde, branco, azul, "auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança, estandarte que a luz do sol encerra as promessas divinas da Esperança...". És forte, és altaneira, és a mais linda, a mais sugestiva bandeira. Tu representas o nosso Brasil e retratas muito bem tôda a grandeza da Pátria; todo o seu encanto, seu valor e a sua riqueza.*

*A eterna primavera, o eterno frescor da verdura sem par de nossas imensas matas; nossas vastas e exuberantes searas; as águas límpidas, cristalinas das cachoeiras, as possantes massas d'agua dos nossos caudalosos rios, (verdadeiros mares), as linças puras dos nossos meigos regatos, serpenteando por entre a verde alcatifa; a riqueza incalculável, incomensurável, de nosso solo, o ouro de que possuímos a maior jazida; o nosso céu de purissimo azul, sempre belo, em que, nas noites brilhantes cintila o majestoso Cruzeiro do Sul, tudo isso, oh! Bandeira de meu país, tu representas, alegre, festiva e triunfal, em tôdas as tuas côres!*

*Tu que assististe ao nascer do nosso povo, aos sofrimentos das horas difi-*

*ceis e aos entusiasmos dos momentos de vitória, sê bendita, oh! Bandeira de minha terra, tremulando nos topos dos mastros, sempre vitoriosa, nunca vencida, jamais subjugada.*

*Continua tua jornada gloriosa, passando por nossas densas florestas, descendo ao fundo dos nossos vales agrestes, dos abismos escarpados; galgando os pináculos altaneiros das nossas montanhas, arrastando em tua jornada triunfal a nossa juventude entusiasta, cheia de amor pátrio, disposta a arrostar os maiores perigos, viver e lutar, para que tu, auriverde pendão da esperança, sobrevivas, imperes sempre!*

*Estende-te sôbre nós como imensa asa de condor, porque, é "contemplando teu vulto sagrado" que "compreendemos o nosso dever". Abriga-nos tua sombra. Serás perpétuamente protegida por aquêles que são teu escudo: o glorioso Exército de Caxias, a Marinha de Barroso, o braço rígido dos teus operários, do teu povo. E, assim, o nosso valor, a nossa honra, a nossa inteligência, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz, estarão assegurados, defendidos.*



# CRIME MILITAR

*Agnello Camargo Penteado*

(Juiz Auditor Suplente da Justiça  
Militar do Estado de S. Paulo).

Doutrinariamente, crime «é todo ato externo do homem, positivo ou negativo, moralmente imputável e injusto, cuja repressão é útil ou necessária à conservação da ordem social». Sob o ponto de vista legal, crime «é a violação moralmente imputável de um princípio tutelado pela lei penal, ou seja de um seu dispositivo». O agente, que pratica um delito, não viola a lei penal, mas o preceito que originou o artigo do Código que lhe comina uma pena. Daí ser o delito a violação do preceito consagrado pela sanção penal.

Para haver crime não é suficiente o ato externo; é preciso que haja imputabilidade moral, que é o pressuposto lógico da responsabilidade criminal que, por sua vez, exige a vontade inteligente e livre, isto é, o livre arbítrio.

«Sub specie juris», no dizer de Nelson Hungria, e em sentido amplo, crime é o ilícito penal. E' o fato (humano) típico (objetivamente correspondendo ao descrito «in abstracto» pela lei), contrário ao direito, imputável a título de dolo ou culpa e a que a lei contrapõe a pena (em sentido estrito) como sanção específica.

O crime é um fato, pelo qual se deve entender não só a expressão da vontade mediante ação ou omissão, como também o resultado («effectus sceleris»), que é a conseqüente lesão ou periclitacão de um bem ou inte-

rêsse jurídico, penalmente tutelado. Vê-se, pois, que não há crime sem uma vontade objetivada, sem a voluntária conduta de um homem, produtiva ou impeditiva de uma alteração no mundo externo, bem como sem um resultado, constituído por um dano ou um perigo de dano («eventus damni» ou «eventus periculi»).

Entre a ação, ou omissão, e o resultado, deve existir uma relação de causa e efeito, indispensável à imputação, e o fato elementar do crime deve corresponder fielmente à descrição contida no preceito legal violado. E' a este último caráter que se dá o nome de tipicidade, ponto de partida da famosa teoria dogmático-jurídica de Beling: «qualidade do fato em virtude da qual este se pode enquadrar dentro de alguma das figuras de crime descritas pelo legislador mediante um processo de abstracção de uma série de fatos da vida real».

O fato, ainda, para ser criminoso, tem de ser, além de típico, contrário ao direito, isto é, estar positivamente em contradição com a ordem jurídica, uma vez que pode existir tipicidade sem injuricidade, enquanto que esta não pode existir sem aquela. O indivíduo, por exemplo, que mata em legítima defesa ou em estado de necessidade, realiza formalmente o crime de homicídio e, no entanto, comete um fato que se a-



presenta objetivamente lícito (art. 29 do C.P. Militar).

Mas não só a tipicidade e a injuricidade são suficientes para o reconhecimento do crime como fato punível, sendo também necessário que haja uma relação subjetiva ou de causalidade psíquica vinculando o mesmo fato ao agente. O agente deve ter querido livremente a ação, ou omissão, e o resultado (dolo), ou, pelo menos, a ação ou omissão (culpa). A culpabilidade, que abrange o dolo e a culpa «strito sensu», todavia, tem como condição a capacidade de direito penal, a responsabilidade penal do criminoso.

Os fatos criminosos podem revestir-se, finalmente, de certas características que os distinguem dos crimes comuns, assim como os militares, determinando competência especial para a respectiva punição.

Militares são, além dos crimes cuja prática só é possível por quem seja militar, ainda os que afetam as instituições militares e a segurança externa do país, incluindo-se nos primeiros qualquer crime cometido por militar contra militar. Militar é também o crime previsto no Código Penal Militar, seja qual fôr o agente,

desde que praticado contra militar em formatura ou manobra, em serviço ou função de natureza militar, ou em lugar sujeito à administração militar. O ministro Edmundo Lins, depois de estudar o crime militar desde os romanos até hoje, assim resume a sua classificação (Pandectas Brasileiras, III-241);

1.º — os que o são por sua natureza, também chamados essencialmente ou pròpriamente militares, isto é, os que só pelos militares podem ser cometidos, em se tratando de infração específica e funcional da profissão militar, de sorte que nunca podem ser comuns. São, pois, «ratione personae et materiae» delitos militares; e

2.º — os crimes impròpriamente ou acidentalmente militares, a saber, os delitos comuns, mas que ficam sujeitos ao foro militar: a) - «ratione personae» por serem militares o sujeito ativo (gente) ou o sujeito passivo (vítima) do delito; b) - «ratione temporis», por serem praticados em tempo de guerra ou a êle, por lei, equiparado; c) - «ratione loci», atento ao lugar em que foram praticados.

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9.º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.



# Emprego de CÃES PASTORES



CAPITÃO

DJANIR

CALDAS

**N**ÃO constitui novidade para a Fôrça Pública de São Paulo o emprêgo do cão pastor, no serviço de policiamento. Não constitui ainda privilégio de nossa querida Corporação tal medida, uma vez que outras organizações policiais, de países onde a civilização já atingiu, na era em que vivemos, o ápice de seu desenvolvimento, se utilizam do referido animal, em grande escala, como elemento auxiliar e imprescindível em todo e qualquer trabalho policial que demande buscas, pesquisas, proteção, vigilância, etc. Assim acontece na Alemanha, Áustria, França, Itália, Inglaterra, Suíça, Canadá, Argentina, Rússia, Uruguai, bem como entre os povos escandinavos. Apesar dessa verdade incontestada, surgem, agora, em São Paulo, alguns técnicos, até o momento desconhecidos, para opinarem sobre a inconveniência da medida ora em execução pela Fôrça Pública.

Como, no entanto, discute sempre aquêles que nada tem com a questão; aquêles que desconhece por completo o lado técnico do assunto; aquêles que não tem, como nós, a sagrada missão de zelar pela manutenção da ordem, da segurança e garantir, em tôda sua plenitude, o exercício dos poderes constituídos do Estado, aceitamos de bom grado pro-

ferir a presente palestra, não para elucidá-lo, mas somente para situar o fato dentro de um ambiente desprovido de sofismas e, mais ainda, cõscios de que a lei é fonte de direitos e deveres, e não cátedra de doutrina. Assim sendo, num pequeno estudo retrospectivo, veremos que o «cão de policia» é uma criação germânica, cuja concepção e sucessivo emprêgo remontam ao século passado. Não obstante, somente se efetuou um desenvolvimento decisivo muito mais tarde, no setor policial. Universalmente sabemos que o cão, entre todos os animais domésticos, constitui o mais inteligente, indulgente e fiel auxiliar para o homem, o qual dêle se aproveita, explorando suas primordiais qualidades, tais como: a velocidade, a resistência, a adaptação, a afeição (muitas vezes excessiva) e, sobretudo, a coragem indômita, o ouvido e o olfato apuradíssimos. Dotado de sentidos aguçados e de uma impar percepção instintiva do perigo, ainda dispõe o «policia» de uma dentadura formidável. A sua poderosa mordida pode definir-se como meio persuasivo que incute medo, porém, com efeito menos perigoso que u'a arma branca, ou pior, de fogo.

No cão policial é absurdo conceber o absoluto privilégio de uma



determinada qualidade, como da coragem e agressividade, sem associar conveniente dose de equilíbrio com a reflexão. O excesso de agressividade pode ser uma prerrogativa do cão de guarda e de defesa, pois que a sua exuberante excitabilidade não trói quem tem a responsabilidade de sua conduta.

Defesa e polícia, são duas atribuições aparentemente em contraste, no animal. Em realidade são duas funções que não se prestam a substituir uma à outra, mas se combinam e se completam. De fato o «policia», antes de ser tal, é cão de defesa, sendo tarefa essencial de sua ação aquela de proteger seu amo. O cão a ser utilizado no policiamento, necessita, antes de tudo, ser educado de baixo de uma disciplina férrea, que u'a missão impõe. Ele tem que saber mover-se em qualquer terreno e na água, em tôdas as circunstâncias de temperatura e as condições imprevistas do ambiente ao qual êle é chamado a agir. Êle deve defender o dono com a mesma disposição e empenho, com os quais age se comandado ao ataque, para prender um delinqüente ou contraventor ou impedir uma fuga, prevendo ainda o perigo, seja qual fôr a forma em que êle se apresente. Defende a propriedade com uma vontade incondicional e com uma incorruptibilidade proverbial. E' útil tanto no acompanhamento da pessoa, quanto na exploração do terreno, estando em condições de seguir os vestígios que constituem uma pista, recolhendo indícios preciosos que normalmente escapam à atenção do homem. Pode ainda manter ligação entre vários pontos, assumindo atribuições próprias de um cão porta-ordens, como

também poderá ser utilizado na guarda de depósitos, a exemplo do que se faz nos EE. UU. da América do Norte, assim como nos trabalhos de vigilância de penitenciárias, cadeias públicas, etc. Enfim, as possibilidades de sua aplicação são inúmeras, por isso é de se considerar que êle seja um cão para todos os fins, mas não para tôdas as pessoas, pois é necessário ter uma sensibilidade própria e intuitiva, compreendida e valorizada, para obter-se um resultado prático. É necessário que o cão tenha o seu condutor, o qual deverá conhecer o seu íntimo em tôdas as suas expressões e manifestações gerais, devendo igualmente apressar e estender os limites de sua possibilidade de emprêgo e, em certas circunstâncias, a utilidade e a oportunidade da intervenção.

O cão e o seu condutor constituem um binômio completo, do qual o primeiro representa o meio para chegar ao fim, enquanto o segundo, o elemento indispensável, incumbe-se da conclusão, pôsto que tem a facultade intelectual para induzir e deduzir.

As propriedades físicas que caracterizam o «cão de polícia», em nosso caso, o pastor alemão, podem assim ser reunidas: cão de tamanho médio, vivo a ágil, robusto e resistente, pronto e decidido, devendo reunir em si dotes de coragem, inteligência, vigilância, captação e adaptação ao meio. Uma boa capacidade de olfato é essencial para um bom resultado. Êle deve ser desconfiado perante estranhos e, ao contrário, bastante efeiçoado ao dono. Excitação, atenção e temperamento depõem a favor da agressividade que êle deve possuir em grau máximo, pelo



fato natural que ela pode ser mais facilmente debelada do que inculcada. Mas um «policia!l» n!o deve ser agressivo sem raz!o, portanto n!o lhe pode faltar reflex!o que forme um estado de equil!brio que d!a ao dono a tranq!illidade de ter um c!o sempre pronto para a sua defesa.

Sabemos faltar ao c!o o meio de compreens!o mais importante, que !a fala. Quando algu!m nos afirma, em seu entusiasmo, que o seu c!o s!o falta falar, mas que entende tudo, isto ser! uma afirmativa um tanto exagerada. ! certo que o c!o, com o tempo e com a conviv!ncia, reage a muitas palavras e a muitos movimentos. Procure, no entanto, contar, ao seu c!o, uma anedota qualquer; pode estar certo de que !le n!o achar! gra!a... Ao contr!rio, qualquer peda!o de p!pel, tocado pelo vento, ou qualquer p!ssaro que levante v!o, o excitar! bastante. Deve-se isto a uma sabedoria inata. S!o a!es instintivas, que foram provocadas por rea!es de seus sentidos e, aos quais, n!o houve necessidade de serem ensinadas. No entanto, quando se ensina um animal, procura-se sempre despertar-lhe a excitabilidade de tr!s sentidos (auditivo, sensitivo e gustativo), a fim de que o mesmo possa compreender o que desejamos que !le entendesse, pela ordem de comando e de que forma deveria reagir. Com o tempo, bastar! s!mente a ordem de comando. E' necess!rio frizar-se que qualquer a!ao indesej!vel, que possa levar a uma err!nea excitabilidade de sentidos, dever! ser eliminada. O c!o entender! mais r!pido e melhor, quanto mais oportunidades tiver de fazer e acumular experi!ncias. A experi-

!ncia leva o c!o !a compreens!o, se esta f!r produto da repeti!o. Por menor que seja o conjunto de palavras !s quais o c!o reage, maior ser! a sua memoriza!o dos movimentos de seu dono.

H! u'a norma que ! aplic!vel a todos os c!es.

Tanta faz, tratar de tend!ncia forte ou relaxada. A norma repousa no fato de que !timas realiza!es s!o alcan!adas mais depressa, quando mais acertadamente se f!r edificado o trabalho no sentido da influ!ncia adequada da excitabilidade dos sentidos. A modalidade, se h! tend!ncia forte ou relaxada, nada modifica e s!mente apresenta valores diferentes em casos individuais, os quais, no entanto, d!o um id!ntico resultado final. Finalizando tais considera!es, podemos tomar, sem receio de erros, como norma de trabalho, o seguinte:

— Costume ! a base da educa!o e treinamento!

— Treinamento ! o h!bito a diversas atitudes baseado na mem!ria.

N!o nos contradiremos ao afirmar que, tudo que exigimos do c!o, ser! s!mente o produto da assimila!o de sua mem!ria. Repeti!o leva ao h!bito!

Ap!s tais considera!es, de car!ter essencialmente t!cnico, sempre necess!rias, no entanto, para melhor compreens!o do assunto, passaremos a exp!r as vantagens decorrentes do empr!go do c!o pastor, nos servi!os policiais afetos ! nossa F!r!a. Como organiza!o policial-militar, com fun!ao especificamente definida em lei, n!o poderia a F!r!a P!blica



deixar, sem o risco de tornar-se obsoleta, de acompanhar, com vivo interesse, o desenvolvimento das organizações irmãs de países reconhecidamente desenvolvidos. Das observações colhidas, adaptadas à nossa formação, dentro da índole de nosso povo, vem aparelhando-se a nossa Corporação, dia a dia, com recursos modernos que lhe permitem desempenhar cabalmente sua missão precípua. Dentre os meios auxiliares utilizados, no ingente trabalho de preservar a ordem pública, surge o cão pastor, prèviamente adestrado. Nas inúmeras experiências já realizadas, ficou sobejamente patenteada, através de diferentes provas, que o policiamento efetuado com a ajuda do cão, tornou-se mais dinâmico, mais prático e, principalmente, mais humano. Já não mais se justificam os meios violentos de repressão, pois atentam os mesmos contra a nossa formação de homens livres. O policial tem que ser visto, não resta a menor dúvida, como um amigo, como um representante do poder constituído, sempre em condições de bem servir ao público. Fora desse plano, será inútil qualquer raciocínio.

Retornando às experiências já referidas, pudemos constatar, com real satisfação, que a utilização do cão pastor no policiamento, nos permitiu as seguintes observações:

a) — Com o dinamismo dado à ação, foi possível um trabalho completo de prevenção e repressão, em menos de cinco horas, com um efetivo reduzido (10 homens), em todo o bairro de Vila Maria, onde as estatísticas vem demonstrando, anualmente, a intensidade de ocorrências policiais lá verificadas. Pois

bem, os resultados aí estão. Com cinco patrulhamentos no citado bairro, a partir de 15-IX-953, data da instalação da 19ª. C.P., constatamos um fato inédito até agora. Arma alguma (revólver, punhal, navalha, chicote de aço, «sóco inglês», estiletas, etc.) foi apreendida no último serviço, em 10-X-1953, nem tampouco foi registrada ocorrência de certo vulto, desde o início do patrulhamento;

b) — mais prático se tornou o serviço, pois se deu ao policial uma auto-confiança, até então bastante discutida, para agir isoladamente em locais desprovidos de melhoramentos públicos e sobejamente conhecidos pela sua periculosidade. Resalte-se que, no presente caso, a confiança do policial em seu acompanhante é irrestrita, pois o conhecendo perfeitamente, sabe que jamais será deixado sem auxílio, qualquer que seja a circunstância. Esse fato psicológico exercido pelo animal junto ao homem tem sido aproveitado ao máximo, nos teatros de operações, pelas tropas beligerantes. Durante o último conflito, as tropas americanas se utilizaram em suas ações, nas ilhas do Oceano Pacífico, de grande quantidade de cães pastores, para proteger os vigias (sentinelas), bem como para dar caça aos inimigos que permaneciam escondidos, com a missão de atuarem na retaguarda das tropas atacantes. Conhecemos, também, pois não constitui segredo, a atuação dos cães pastores russos contra as divisões blindadas alemãs, criando um problema para o alto Comando Germânico, na frente de Estalingrado, pois os referidos animais, com os corpos co-



bertos de explosivos poderosos, se atiravam aos engenhos blindados, inutilizando-os para a ação, no momento;

c) — mais humano também, porque nas ações mais profundas, a exigir do soldado o uso de meios mais violentos, segundo a intensidade da agressão, não mais se torna necessária tal reação, em virtude do cão responder pela defesa de seu condutor, não lhe dando azo para utilizar-se de sua arma, em defesa própria; de outro lado, temos o delinqüente ou contraventor, imobilizado diante da atitude agressiva tomada pelo animal, sem meios de ação para escapar do mantenedor da ordem que, em outras ocasiões e sem o auxílio prestimoso do animal, se veria na imperiosa contingência, para salvaguardar sua integridade física e conservar sua autoridade, de empregar a arma que traz consigo, gesto que o levará fatalmente às barras do tribunal, a fim de ser julgado. Sabemos, perfeitamente, o que é um processo em nossa terra. Inquéritos policiais superlotam nossos tribunais, dificultando a ação em tempo útil de nossa Justiça. Geralmente um espaço considerável de tempo se coloca entre a ação do soldado e o início do sumário de culpa, no tribunal. As testemunhas oculares já não se recordam, por esquecimento ou conveniência, com clareza, do fato. Surgem novas testemunhas. Toma novo rumo o processo. Chega, finalmente, o dia do julgamento e, para nossa surpresa, o correto mantenedor da ordem, cõscio de sua autoridade e cumpridor fiel de seus deveres, é condenado. Que representa tal fato para a

organização? Aparentemente muito pouco, pois somente sentimos que os alicerces de um edifício cedem, quando se esboroam.

Os trabalhos que estamos desenvolvendo na Capital de São Paulo, em perfeito entrosamento com as autoridades civis das Circunscrições Policiais, cujos efetivos ainda não satisfazem às necessidades sempre crescentes dos serviços policiais, têm provado a utilidade do cão pastor, do mesmo modo como está reconhecidamente provado, na República Argentina, a eficácia, maximé na cidade de Buenos Aires, do referido animal, durante 23 anos, como elemento auxiliar da Polícia Federal junto às 40 «Comissarias» existentes.

Finalizando, diremos que unicamente a ação policial, sempre estimulada e aplaudida pelos homens de bem, torna possível a tranqüila convivência em sociedade, que deposita confiança absoluta ao colocar-se ao abrigo de organismos dotados de autoridade e força legal capazes de garantir e proteger seus bens e suas pessoas, mantendo a ordem, suprema aspiração de toda coletividade bem organizada, uma vez que a mesma é também condição essencial da Liberdade e do Direito.

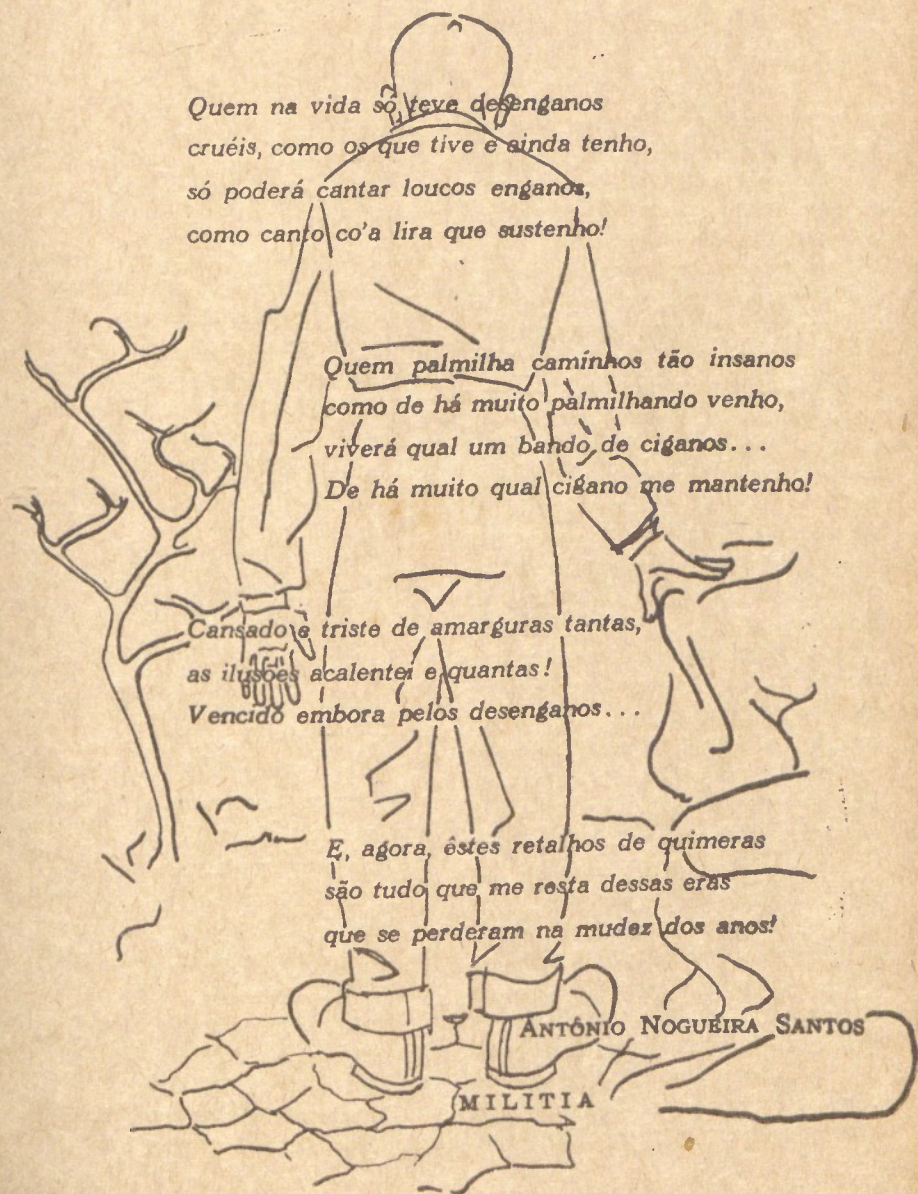


#### FONTES DE CONSULTA:—

- Revista «Rasegna Cinofila», Maggio 1951.
- Artigo de Alfred Kummerfeld (Alemanha), traduzida pelo Dr. Erwin Rathsam e Theo Gygas.
- Apontamentos da Polícia Federal da Argentina.



# REALIDADE



Quem na vida só teve desenganos  
cruéis, como os que tive e ainda tenho,  
só poderá cantar loucos enganos,  
como canto co'a lira que sustenho!

Quem palmilha caminhos tão insanos  
como de há muito palmilhando venho,  
viverá qual um bando de ciganos...  
De há muito qual cigano me mantenho!

Cansado e triste de amarguras tantas,  
as ilusões acalentei e quantas!  
Vencido embora pelos desenganos...

E, agora, êstes retalhos de quimeras  
são tudo que me resta dessas eras  
que se perderam na mudez dos anos!

ANTÓNIO NOGUEIRA SANTOS

MILITIA



# REUMATISMO

*Flerts Nelso*  
Capitão médico

## (III)

No princípio da era moderna, Paracelso teve diante do reumatismo um ponto de vista iconoclasta e original. Sua explicação patogênica das artrites era uma pedra a mais que o descontente lançava contra o conhecimento médico dogmatizado. A obra paracelsiana tem uma transcendência indubitável na história do reumatismo, pois que ele trocou a nomenclatura existente e reuniu todos os estudos reumáticos e artríticos sob a denominação comum de «enfermidades tartáricas»; baseava-se, para tanto, na sua visão sobre o reumatismo, como uma doença metabólica na qual os produtos restantes do metabolismo humoral se precipitariam no organismo de forma análoga ao tártaro dos barris de vinho. Por analogia, Paracelso introduziu o tártaro sob a forma de sais, no tratamento anti-reumático. O tratamento paracelsiano das artrites, ainda que em linhas gerais semelhante ao preconizado pelos antigos, parece que graças à sua percepção clínica e aos seus detalhes de oportunidade e técnica, trouxe ao seu inventor grandes êxitos. Paracelso assim o descreve em sua obra: «Onde a Natureza produz dor, acumala-se substância mórbida e é necessário eliminá-la. Se a natureza não consegue esse propósito por si própria, o médico deve

proporcionar uma saída natural, justamente no lugar doente, e assim curará com rapidez a dor e a inflamação».

Finalmente Paracelso, que estava introduzindo os minerais na terapêutica médica, utilizou para o reumatismo um produto orgânico complexo de ouro coloidal, que era completamente inócuo, o qual, deve-se ressaltar, si se compara com o perigo da administração de nossas injeções modernas de tiosulfato de ouro.

Ambroise Paré no século XVI também ocupou-se do que ele chamava «enfermidade artrítica», supondo-a originária de processos metabólicos anormais relacionados com as alterações dos quatro humores clássicos.

Até o século XVII o quadro nosológico do reumatismo, compreendeu na realidade a gota, as artrites e todas as formas de reumatismo conhecidas. A primeira tentativa de classificação diferencial pertence a Guilherme de Baillou, também chamado Ballonius.

A primeira divisão dos reumatismos efetuada por Ballonius, foi desenvolvida por Cullen, no século XVIII, ao estabelecer por sua vez a diferença entre o reumatismo agu-



do, subagudo e crônico, separando d'êstes as formas de dores chamadas até então reumáticas e que correspondiam a processos patogênicos diferentes. Etiologicamente, Cullen atribuiu a origem do reumatismo ao frio, à humidade, em contraposição à opinião geral.

Fuller (1854) considerou que a toxemia sanguínea determinada pela ação do frio, cansaço etc., era a verdadeira causa etiopatogênica. Pouco depois gozou de certa popularidade a teoria do acúmulo excessivo de ácido láctico no sangue e nos tecidos. Todavia, com Hoffman, iniciou-se a tendência de referir que toda a dor com edema e sem supuração pertencia ao reumatismo. Essa tendência, como sabemos, goza dos favores do público ainda na atualidade.

No transcorrer de todo o século XVIII, muitas outras teorias foram aparecendo e desaparecendo, tentando determinar a causa e a etiologia do reumatismo, naturalmente que cada uma delas trazendo a sua contribuição, maior ou menor, segundo o caso no estudo desta doença.

O impulso mais clinicamente decisivo que recebeu o estudo das doenças reumáticas, vem da obra de Sydenham. Si Baillou havia esboçado uma diferenciação clínica dos diversos quadros sintomáticos, até então confundidos, Sydenham, com sua obra clássica sobre a gota, com a primeira descrição clínica completa da febre reumática, em 1676, e ao definir a coréa que leva seu nome, estabeleceu os fundamentos sobre os quais se edificaria todo o conhecimento discriminativo das doenças reumáticas.

Em 1812 W. C. Wells descreve, pela primeira vez, os nódulos do reumatismo agudo. Em 1827, foi publicado o primeiro tratado de reumatismo crônico.

Na década de 1830.40, Bouillaud realizou um trabalho formidável sobre o reumatismo agudo, que ficou até o momento atual com o seu nome. Ele fixou claramente a sintomatologia do reumatismo articular agudo que definiu como inflamação do sistema fibroso articular endo e pericárdico, pleural meningico etc., com uma alteração sanguínea particular. O mais fundamental da obra de Bouillaud foi sua concepção extra-articular do reumatismo, ao descrever o reumatismo cardíaco, em 1836. Era o redescobrimiento daquilo que Ambrósio Paré havia imaginado trezentos anos atrás e era a concepção global do reumatismo, na qual o aspecto articular, grosseiro, da doença, passava a um plano secundário, para dar a participação viceral seu verdadeiro caráter de diretor clínico do quadro mórbido geral.

Lasegue, estribado na mesma noção emite a frase que passou a ser lei (1849): «O reumatismo lambe as articulações, as pleuras e até as meninges, porém, morde o coração»!

German See é quem introduz na França o salicilato.

Em meados do século XIX (1866-67) produziu-se uma interessante controvérsia clínica na Sociedade dos Hospitais de Paris, com relação à natureza dos reumatismos blenorrágicos, o que motivou a volta aos estudos do problema etiopatogênico.

Coincidindo com o predomínio das investigações laboratoriais sobre



a clínica, com o auge da microbiologia, na Alemanha, desenvolveram-se, na segunda metade do século XIX, as teorias predominantemente patogênicas da doença reumática, graças à facilidade e ao entusiasmo com que se inclinou a classe médica para a novidade da investigação que prometia uma solução para cada um dos problemas etiológicos até então insolúveis.

Rosenow desenvolve posteriormente sua interessante teoria dos germes, segundo a qual os focos de estreptococos crônicos, de localização amigdaliana, dentária, vesicular ou prostática, seriam responsáveis pelo grande número de síndromes entre os quais include, além do reumatismo cardioarticular, a úlcera péptica e certas anemias secundárias.

A relação entre as gonadas, o ciclo sexual e o reumatismo mereceu na metade do século XIX certa atenção por parte dos clínicos franceses. Charcot publicou descrições clínicas detalhadas em casos de reumatismo durante a gestação e Peter, em 1871, descreve os casos de reumatismo articular agudo coincidentes com a gestação, ocorridos no hospital de Caridade de Paris. A sagaz observação dos clínicos franceses do século XIX havia-se antecipado ao conceito atual dos reumatismos, ainda que desconhecendo os fenômenos concretos que nos revelaram a histologia e a fisiologia moderna.

Quase simultaneamente com Mac Lagan, Burs de Saint Gall utilizou o ácido salicílico que Stricker em 1877 anunciaria como verdadeiro específico do reumatismo, comunicação que foi confirmada por outra igual e importante medida, feita à Acade-

mia de Medicina Francesa, por Germain See. Este autor, em sua metódica comunicação esclareceu a ação do salicilato, afirmando que só combatia a dor e a inflamação, sem que pudesse assegurar uma ação direta do mesmo sobre o ignorado agente patogênico do reumatismo. Enquanto isso a pesquisa do micróbio prosseguia incansável. Seria demasiado difícil e longo, tentar sequer uma resenha dos autores que anunciaram a sua descoberta quer por um cogumelo, protozoário ou vírus. Desde as monadinas que Klebs afirmara encontrar sistematicamente no endocardio reumático, descreveram-se micrococos, bacilos anaeróbios e micróbios vulgares, juntamente com estafilococos e o estreptococo, nas lesões reumáticas. Porém dava-se pouca importância à existência do foco infeccioso amigdaliano, e Oettinger em 1894 dedica umas poucas linhas para descrever a amigdalite do reumatismo articular agudo, incluindo-a em um subtítulo: «Complicações raras do reumatismo articular agudo»...

Os dados históricos, relativos ao papel das alterações dentárias em várias doenças, são mais antigos que os referentes às amígdalas; porém ambos acrescentaram, ao correr dos anos, os feitos demonstrativos para elaborar a doutrina da infecção focal.

Os exemplos de reumatismo, osteíte alveolar e cáries dentárias dos vertebrados mesozóicos, indica que a infecção focal existe, há milheões de anos, e que as dores de dentes e as doenças reumáticas afetaram os restos do mesozóico cretáceo, igualmente que aos faraós do Egito.

A primeira noção de interdependência entre ambos os processos que



se conhece é a regra estabelecida pelo conselho de médicos-profetas da medicina assíria, que há mais de 600 anos antes de Cristo, durante o reinado de Assubanipal, determinou a necessidade de estirpar os focos infecciosos dentários, já que a êstes dentes doentes eram devidas as dores de cabeça, dos pés e as dores dos lados.

Um dos acontecimentos de maior ressonância na evolução histórica dos conceitos reumatológicos, durante a primeira metade do século XX, foi a interpretação clínica da cardiopatia reumática. proposta por Bezançon e Weil.

Êstes autores, partindo da base mais comumente aceita da existência de um vírus específico, lhe atribuíram um cardiotropismo, afastando-se da idéia Bouillaudiana em que se referia a lesão cardíaca como uma complicação aguda e passageira e em relação ao seu caráter inflamatório, destinada a cicatrizar, uma vez passada a crise poliarticular. Benzançon e Weil emitem então seu conceito original, afirmando que se bem a cardiopatia reumática seja um pro-

cesso crônico, não é uma cardiopatia extinta, na maior parte dos casos. Assim, passou-se do critério clássico que contemplava a lesão valvular como um conceito estático de alteração constituída, ao das endocardites inflamatórias, capazes de evoluir com intensidade variável estabelecendo a continuidade infecciosa entre as etapas agudas, às vêzes muito separadas no tempo. Dêste novo e dinâmico conceito de Bezançon e Weil surgiu o tipo clínico de cardite reumática que Laubry e Bordet chamariam de endocardite crônica evolutiva e que posteriormente Ribierre e Pichon destacariam o conceito mais geral de REUMATISMO CARDÍACO EVOLUTIVO.

Nessa mesma época, afirma Danilopolu que a cardiopatia não é uma complicação do reumatismo senão uma determinação da doença, e acrescenta que esta é a localização mais importante da mesma.

—//—

Nota: - No próximo artigo: «Importância social do REUMATISMO».



**PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS**

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA


MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
MAIS BARATO!**



# O QUINHÃO DA FÔRÇA PÚBLICA NO POLICIAMENTO ESTADUAL

MONTE SERRAT FILHO

 CABA de ser publicado, pelo Quartel General, o Anuário Estatístico das atividades da Fôrça Pública do Estado, no ano de 1952. Muito bem impresso e com sugestivos gráficos, como os dos anos anteriores, retrata fielmente o que houve no exercício findo, de esforço e dedicação dos componentes da Milícia Bandeirante, no sentido de preservar a tranqüilidade pública, fator, sem dúvida, principal, do impressionante progresso do Estado.

## Dados numéricos

Na afã de bem zelar pela manutenção da ordem pública, de garantir o cumprimento da lei e a segurança das instituições, bem como o exercício dos poderes constituídos do Estado, a Corporação, por seus elementos, desdobrou-se, para superar, de muito, as atividades já notáveis registradas no ano de 1951.

Assim é que sòmente no Município da Capital, a Fôrça Pública atendeu a 45.409 ocorrências policiais, das mais variadas possíveis.

Acidentes de veículos, acidentes pessoais, afogamentos, agressões, apreensão de armas, apreensão de veículos, arrombamentos, assaltos, atentados à moral, atropelamentos, auxílios a autoridades, a doentes, ao

público, averiguações, encaminhamento de dementes, socorros em predações, desabamentos, inundações, incêndios, desordens, desacato à autoridades, desaparecimento de pessoas, detenções e prisões, patrulhamento preventivo, transporte de autoridades, etc., etc., são algumas das muitas ocorrências policiais atendidas pela Fôrça Pública e que, no interior do Estado, atingiu à cifra impressionante de mais de 100.0000 casos.

## Policiamento especializado

Não sabemos o que mais destacar no policiamento especializado (no qual a Corporação, dia a dia mais se impõe no conceito do povo, da imprensa e das autoridades estaduais). Se o Policiamento Florestal, que vem poupando ao patrimônio comum, essa imensa riqueza representada pelas reservas florestais; se o Policiamento Rodoviário que se intensifica e toma maior significado à medida que a serpentina negra do asfalto se desenrola em direção dos mais longínquos centros populosos da interlândia paulista; se o Policiamento Econômico da Comissão de Abastecimentos e Preços, que diariamente é motivo de manchetes nos grandes diários, exaltando ainda mais o já elevado conceito da Milícia Piratininga-



na. É o que dizermos, então, do Serviço de Bombeiros, hoje extensivo aos municípios de Santos, Jundiaí, Ribeirão Preto, Araraquara e São Carlos, que atendeu no exercício findo a mais de 3.000 ocorrências, defendendo o patrimônio particular e do Estado e principalmente inúmeras preciosas vidas ?

#### A disciplina na tropa

Outros dados estatísticos bastante significativos são os que se referem às punições de praças. Diminuiu consideravelmente o número de punições, principalmente entre os soldados alistados no último biênio, os quais passaram pelos exames psico-

técnicos do nosso Gabinete especializado. Houve mesmo uma turma de 150 recrutas à qual não se aplicou, praticamente, punição disciplinar, no transcorrer dos seis primeiros meses de instrução.

O Anuário Estatístico de 1952 reflete bem, não apenas o muito de serviços prestados pela Força Pública, mas, principalmente, mostra as suas possibilidades de desenvolvimento nos diversos setores de policiamento especializado, nos quais seus componentes só têm colhido aplausos pelo integral e eficiente cumprimento das missões que lhes foram atribuídas.

## Consumir

E' um dever de patriotismo.

---

## Produtos

E' contribuir para o  
desenvolvimento da  
nossa produção.

---

## Nacionais

E' ajudar a libertação  
econômica do Brasil.



# Não

A palavra, em si, parece representar nada. Palavra mínima, das menores de nossa língua. Três letras a completam. Palavra alguma pareceria mais despida de pretensões. Essa pequenina combinação de letras, talvez pelo seu tamanho diminuto, tem sido relegada a um plano secundário. Nós, néo-latinos, temos arraigada paixão pelas palavras quilométricas. Aos nossos ouvidos, têm elas um sabor todo especial e, por esse motivo, raramente nos detemos ante as humildes palavrinhas de nosso vocabulário.

As palavras longas exercem profunda atração sobre nós. Uma atração que nos encanta e transtorna. Não somos um povo propenso ao uso dos monossilábicos. Ao contrário. Os exageros nos atraem e nos confundem. Esse o motivo de, às vezes, nos esquecermos da existência de palavras como a que serve e justifica o título em epigrafe — NÃO.

Palavra que muito e nada diz a um só tempo. Vocábulo que tem causado mais alegrias e mais tristezas

que todas as guerras. Quantas vezes depende a sorte de alguém e, porque não dizer, a sorte de todo um povo, do bom ou mau emprêgo desse pequeno agrupamento de letras!

Ocasões existem em que, se não fôsse ela pronunciada, modificar-se-iam, por completo, os destinos do mundo. Muitas vezes, tem ela tido um uso inapropriado, causando, com isso, dissabores imensos a povos inteiros. Mas, nem por isso, é o NÃO uma palavra desprezível ou dispensável. Sentimos a necessidade de sua existência. Essa palavra é como que um dique colocado frente ao extravazamento de nossas paixões. Um NÃO, usado com energia e na ocasião propícia, nos transforma em verdadeiros super-homens. Serve êle para aquilatar-mos o nosso poder de auto-domínio. Uma imensurável sensação de bem-estar interior de nós se apossa, quando conseguimos obter uma vitória sobre os nossos próprios desejos. Quando negamos, a nós mesmos, alguma coisa, essa coisa assume um sabor mais doce e desejado. As coisas proibidas, são as que mais desejamos...

Façamos bom uso dessa palavra, porque, apesar de sua pequenez, é ela, como uma arma de dois gumes, que tanto pode ferir ao oponente, como a quem a maneja. Digamo-la, pois, sempre que houver necessidade de se por cõbro às desmedidas ambições que nos assaltam o espírito e, olvidemo-la, ao praticarmos as boas ações.

Creemos já ter muito falado sobre tão pequena palavra, não?



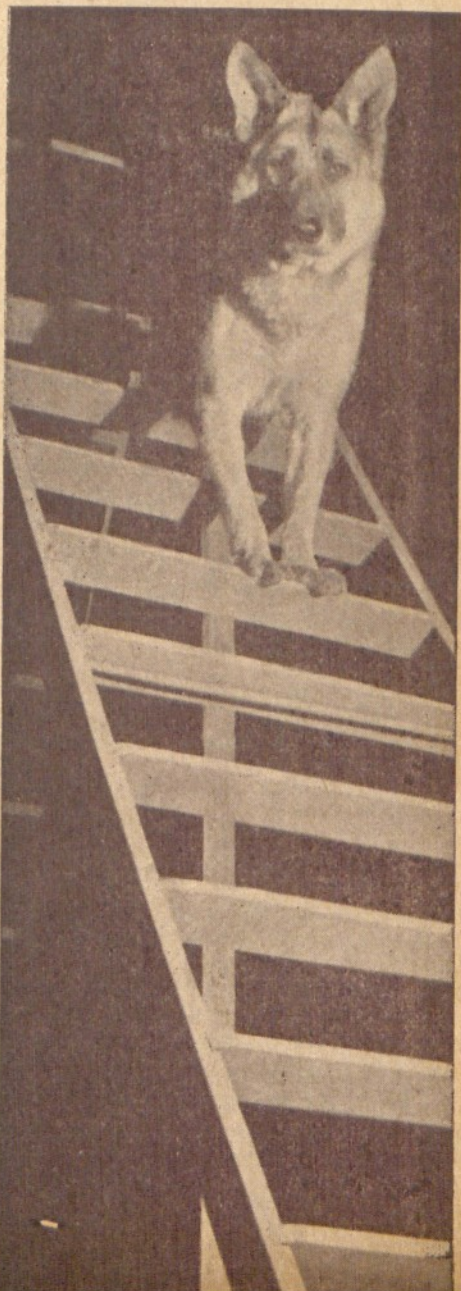
# CÃES PASTORES NO POLICIAMENTO DE SÃO PAULO

Fotos, gentileza de "VISAO".

**V**OLTA a Fôrça Pública a empregar o cão pastor alemão, no serviço de policiamento dos bairros mais afastados da Capital. Não constitui fato inédito tal medida, uma vez que outras organizações policiais, maximé as de países sobremodo civilizados, se utilizam de cães adestrados na árdua tarefa de manutenção da ordem pública e garantia dos poderes constituídos. No entanto, entre nós, como sóe acontecer, a decisão em foco provocou o pronunciamento duvidoso e incrédulo de alguns elementos, a respeito do assunto. Sempre fala e sempre opina o leigo. Respeitamos, no entanto, mesmo que desprovida de argumentos, a opinião alheia, sempre que a mesma não tenha objetivo oculto.

A despeito disso, vemos, com satisfação, que a medida posta em prática, novamente, pela Fôrça Pública, diante da eficácia demonstrada pelos cães pastores, com resultados que ultrapassaram as melhores expectativas, veio trazer mais dinamismo às ações policiais, dando-lhes maior presença em locais afastados e desprovidos de melhoramentos públicos. O emprêgo de meios violentos, como norma, na prevenção e repressão de crimes, não se coaduna mais com o nosso desenvolvimento.

Há recursos outros que não ferem, nas ações policiais, os brios do cidadão, nem tampouco atentam contra nossa formação. Prevenir o crime é, não resta a menor dúvida, fun-







---

"Prevenir o crime é, não resta a menor dúvida, função precípua e constitucional da Fôrça Pública, em todo o Estado de São Paulo".

---

ção precípua e constitucional da Fôrça Pública, em todo o Estado de São Paulo. Se é verdade que as observações cotidianas têm provado, sistematicamente, que nos serviços, policiais, o mantenedor da ordem nem sempre, por circunstâncias várias, se conserva atento e vigilante, mormente quando isolado, não menos verdade é que tal fato não se reproduz quando o policial se faz acompanhar

de um cão pastor, em seus patrulhamentos, em locais ermos e reconhecidamente perigosos. Isso não constitui surpresa para aqueles que, por fôrça de suas atribuições, mourejam, dia e noite, no árduo trabalho de preparar o homem, tornando-o um policial em condições de desempenhar suas funções. E' ponto pacífico que o homem, quando isolado, se sente como que «desamparado», principal-

---

"... veio trazer mais dinamismo às ações policiais, dando-lhes maior presença em locais afastados e desprovidos de melhoramentos públicos".

---







"... a ação psicológica exercida pelo animal sôbre o homem é fato inconteste, irrefutável..."

mente se conhece, de sobejo, a periculosidade da zona em que age.

O emprêgo do cão pastor, sanando êsse inconveniente, tem provado, cabalmente, que apenas seu ato de presença impede o delinqüente ou contraventor, por mais disposto que o seja, de reagir contra a medida

policial, pois a ação psicológica exercida pelo animal sôbre o homem é fato inconteste, irrefutável...

Além das razões já expostas, no tocante às vantagens da utilização do cão pastor, no serviço de policiamento, temos ainda que reconhecer nêle melhor faro..., bem como maior



presteza na perseguição de criminosos ou contraventores, maior acuidade na guarda e vigilância, a par de uma lealdade a tôda prova. Finalizando a presente apreciação é necessário ainda acrescer outro factor importante a respeito: a carência de maiores efetivos para a Força Pública aconselha o emprêgo de cães adestrados como meio auxiliar para a obtenção de policiamento magiço, dinâmico e eficaz, em todo o Estado.

Na Capital a ajuda dos cães pastores já começa a propiciar satisfatórios resultados e, no interior, em futuro próximo, também hão de chegar esses inofensivos e leais amigos do bem público.

Oportunamente, em ampla reportagem, daremos notícias aos leitores de «Militia» do que seja o grandioso e anônimo trabalho de preparo técnico dos cães utilizados no serviço policial.



MINISTÉRIO DA GUERRA  
(AVISO N.º 747 — EM 28/8/953)

## Praças excluidas das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros

1. Aplica-se às praças expulsas das Polícias Militares ou Corpos de Bombeiros, o Aviso n.º 403, de 3 de junho de 1951.

2. O Certificado de Isenção do Serviço Militar será fornecido pela Circunscrição de Recrutamento sob cuja jurisdição estiver a Unidade a que pertencia a praça.

3. Para fins do número acima o Comando Geral da Corporação remeterá ao Serviço Militar Regional a documentação relativa à praça expulsa, inclusive as fichas de identificação e o certificado de reservista.

4. O certificado de reservista será arquivado na Circunscrição de

Recrutamento a que se refere o número 2 acima e só será restituído após a reabilitação.

5. Quando a praça expulsa não fôr ainda reservista do Exército, após a reabilitação, receberá um certificado de reservista de 2.ª ou 3.ª categoria, conforme tenha servido, numa daquelas Corporações, por mais ou por menos de um ano respectivamente.

6. Os requerimentos de reabilitação serão dirigidos aos respectivos Comandantes de Regiões, devidamente informados pelos Comandantes das Polícias Militares ou Corpos de Bombeiros. — **Cyro Espirito Santo Cardoso.**



**CONFIANÇA NÃO SE IMPÕE,  
ADQUIRE-SE**

## RECONDICIONAMENTO DE MOTORES A EXPLOÇÃO

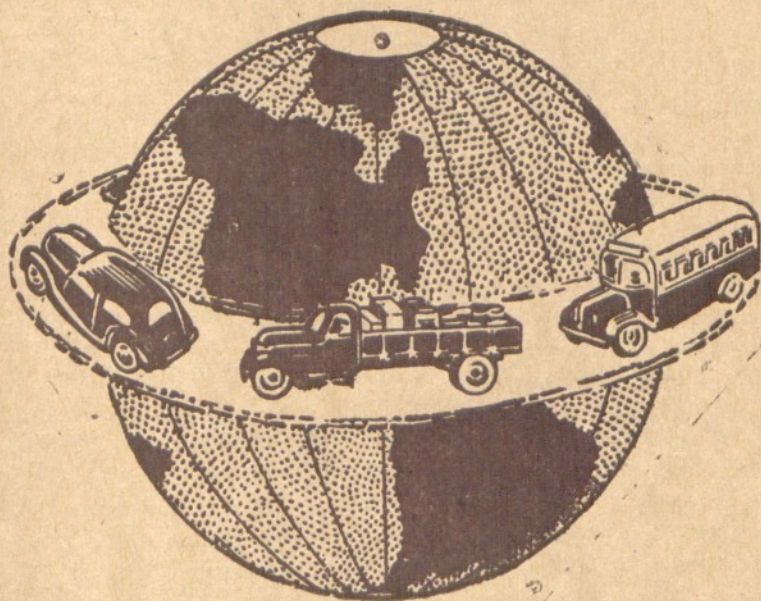
### GASOLINA

Retificação de Virabrequins, Cilindros, Válvulas, Sêdes, Enchimento e Mandrilagem de Mancais e Bielas.

### DIESEL

Pistões - Pinos - Anéis - Camisas  
Bronzinas - Válvulas - Sêde  
Mancais - Bielas

### PRECISÃO

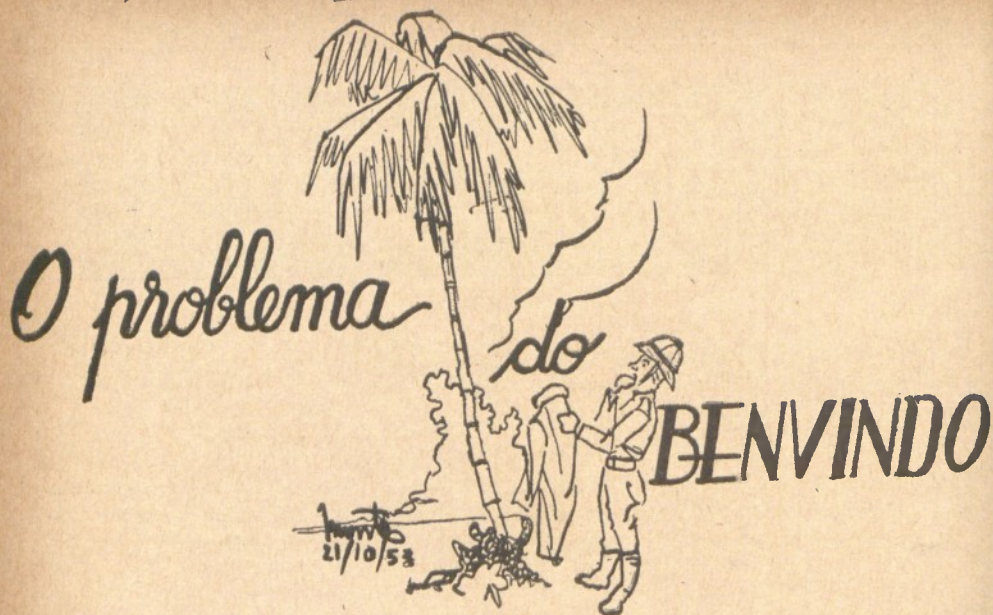


### RAPIDEZ

**Retificadora Universal de Motores Ltda.**

R. Três Rios, 456 — Fone: 52-6660 — S. PAULO





Raimundo Marques de Oliveira  
1.º sgt. reformado

BENVINDO foi cabo de esquadra no meu tempo. Quase analfabeto, tão descuidado e inexperiente que, ao ser designado para comandar um destacamento, tratava logo o primeiro sargento de destacar, também, para o mesmo local, um soldado desenvolvido, recomendando-lhe que resolvesse todo o expediente a cargo do Benvindo. Na falta de auxiliar espedito, o velho cabo, nas horas de aperto, recorria ao escrivão de polícia, ao carcereiro e, em último recurso, a «patrão» era quem resolvia...

Em 1932, nos últimos dias de Julho, achávamo-nos em campanha, na alta sorocabana. A frente de nossa posição havia um grande ângulo morto e nosso tenente resolveu deslocar uma esquadra, de modo a completar o sistema de observação e de fogos. Por certo, não conhecia o Benvindo...

Chamando-o, entregou-lhe os homens e lhe deu minuciosas instruções sobre a missão a cumprir.

Benvindo partiu com os comandados. Chegado ao local, arriou a mochila, abriu a «moamba», vestiu o capote, forrou o chão com o pano de barraca e... deitou-se. Os soldados, naturalmente, o imitaram.

E, assim, passou aquele dia e o seguinte. Benvindo só dava ordens quando sentia fome ou sede...

No terceiro dia o tenente dirigiu-se, em inspecção, ao posto, contando encontrá-lo organizado e em pleno funcionamento. Foi uma decepção... Nem os homens ali se achavam e Benvindo não dava explicação. O tenente, furioso, deu-lhe supina «carga», só entrecortada pelas desconexas palavras de Benvindo: «pois é... pois é, sim senhor».



O oficial compreendendo a incapacidade do Benvindo, dominou-se e lhe disse:

- Vê aquela palmeira no morro ao lado ?
- Sim... sim senhor...
- Vá, suba à palmeira e observe tôda a frente.

Benvindo partiu e instantes depois se achava ao pé da palmeira. Repentinamente se lembrou de qualquer coisa. Fazendo meia volta, to-

mou a posição de sentido, levou a mão à aba do capacete e gritou: «Seu tenente... seu tenente!».

- Que diabo quer você rapaz ?
- E' de capóóote ou sem capóóote, seu tenente ?
- .....

Será que Benvindo não tinha razão ? Aquela época, a questão de uniforme era seríssima... E o tenente não havia designado o uniforme com que o Benvindo devia cumprir a missão...



o biscoito da semana:

**Creme-Sandwich**



# AYMORE

ISTO É BISCOITOS

4 tipos: **Baunilha • Limão • Framboeza • Chocolate**





# SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

## CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

**RITA DE CASSIA**  
Redação de "Militia"  
Rua Alfredo Maia, 106  
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

**RITA DE CASSIA**

(Bacharelada da Escola de  
Jornalismo "Casper Líbero"  
da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo)

## FATO EM FOCO:

Pretendendo dar uma visão mais interessante, mais ampla e mais bela aos turistas, que certamente aqui virão, em 54, alguns vereadores de São Paulo estão elaborando um projeto que obrigará os proprietários de casa particulares a baixarem seus muros, assim como também a retirarem os gradis que porventura tenham colocado, deixando à vista a beleza do estilo de suas residências, a policromia de seus jardins, as piscinas e os lagos artificiais.

A idéia não seria desprovida de mérito, se os inconvenientes fôsem removíveis, o que não se verifica. Senão vejamos.

Como conseguir conservar intacto o gramado e as belas flores dos jardins, ou então o pão e o leite, socegradamente na soleira da porta, se o nosso povo não está habituado a respeitar, como se deve, a propriedade alheia? Como impedir que os vidros das portas e janelas não se arrebentem todos, se as crianças brasileiras como que nascem com a bola nos pés?

E isso não seria nada, se não tivéssemos de enfrentar os ladrões, que, à luz do sol ou da lua, invadem as residências, centrais ou suburbanas, levando consigo dinheiro, jóias e tudo o mais. Ou será que eles, que não se preocupam com a proximidade dos guardas, para roubar os automóveis, estacionados no centro da cidade, irão respeitar o louvável projeto de nossos representantes na Câmara?

Se é bem verdade que os turistas teriam um panorama mais bonito para apreciar, convenhamos, por outro lado, que as Rádio-Patrolhas e os Juizes de Menores não teriam mãos a medir, com tantos afazeres, e isto sem considerar os prejuizos que irão ter os donos de tais residências...

**RITA DE CASSIA**

## SER OU NÃO SER

Nem todos os papas que, pelo mundo afora existiram, foram italianos. Já houve 15 papas franceses, 13 gregos, 8 sírios, 6 alemães, 5 espanhóis, 2 africanos, 2 dalmatas, 1 inglês, 1 português, 1 suíço e 1 holandês.

E' curioso recordar que, à testa da independência dos Estados Unidos, não estavam aristocratas nem os chamados homens de Estado, mas sim: um empresário, Franklin; um mestre-escola, Adams; um carpinteiro, Thomaz Payne, e um lavrador, Washington.



Na Coréia, o vestido de noiva não é branco, como acontece em quase tôdas as partes do mundo, mas sim vermelho, azul ou amarelo, ou ainda, das três côres juntas.

Existe na Índia uma ave curiosa chamada ave-alfaiate. Constrói o ninho com folhas que coze, servindo-se do bico como se fôra uma agulha.

## ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE



1) Se você possui uma plástica semelhante à de Esther Williams, então dê preferência ao modelo acima, confeccionado em organza e ornamentado com rosas multicôres. A blusa apresenta grande decote, enquanto que a saia caracteriza-se por superposição de babados. É verdadeiramente um vestido arrebatador; todavia, lembre-se que no caso de escolhê-lo, não abuse dos colares e pulseiras, porque se não o efeito será bastante desastroso. Faça como o manequim, seja sóbria na escolha dos acessórios.

2) Ai vai, conforme lhe prometi, o vestido simples, elegante e encantadoramente juvenil, feito de encomenda para você, gentil amiguinha, que acaba de tirar o seu primeiro diploma. É de "nylon" com algumas aplicações de renda. O fôrro pode ser de tafetá ou de lamê. Qual a sua opinião? Não lhe inspira luar, canções e ritmos dolentes?





## CHAPÉUS QUE SEDUZEM

Não há nada que mais enfeite o rosto feminino do que estas invenções bonitas e extravagantes, tão do agrado dos chapeleiros franceses. No entanto, para usá-los torna-se necessária uma boa dose de bom gosto e inteligência, pois nada mais ridículo do que uma criatura "mignon", usando chapéus de aba larga, ou uma figura feminina, de altura acima da média, apresentando um minúsculo casquetezinho colegial.



1) Chapéu como este, de fina palha branca e de aba quase toda coberta por uma macia franja de plumas é, de fato, bastante «chic». Todavia, só pode ser usado por mulheres altas. A copa é muito rasa e a aba larga é ligeiramente «cloche», daí cobrir, e muito, o rosto daquela que o apresenta.



2) Outro elegante modelo de aba larga é o que apresentamos acima, todo ornamentado com ramos de «muguets». As folhas são arranjadas em coroa, rodeando a copa do chapéu, que é de tule finíssimo.

Modelo como este exige um vestido sóbrio, em preto ou em outra cor discreta, para não ofuscar a sua beleza natural. Como o primeiro, é aconselhável aos manequins altos e elegantes.



Você diz que bala máta,  
Bala não mata ninguém;  
A bala que mais me mata  
São os olhos de meu bem.

QUADRAS  
BRASILEIRAS

Riem no céu as estrelas  
Riem as vagas no mar;  
Mas ninguém sabe rir tanto  
Como a luz do teu olhar.

MILITIA





**DISTINGUIDO EM TODAS AS  
FARMÁCIAS DO BRASIL**

Peça o vidro gigante que  
oferece estas vantagens:

- Economia no preço, por igual número de doses.
- A história do "Jaca Tatualinho", de Monteiro Lobato.
- Tratamento mais prolongado, sem interrupção, com o mesmo vidro.



A Farmácia é uma "Casa do Bem" onde se encontram os melhores recursos para a defesa da saúde. Cumprindo as determinações do médico, ela entrega ao público medicamentos de comprovada eficácia, de absoluta confiança. É o caso do Biotônico Fontoura. Quando o organismo exige poderoso reconstituente — Biotônico Fontoura é sempre indicado. É o mais ativo medicamento contra anemia, raquitismo, fraqueza geral e neurastenia. Em todas as farmácias e drogarias.

**BIOTONICO**

o mais completo fortificante!

**FONTOURA**



## RECEITUÁRIO AMOROSO

**AMOROSA - N. F. (Limeira)** - Recebí a sua amável cartinha e procurei pôr-me em seu lugar a fim de melhor entender o seu caso. Muitas vezes sem querer machucamos alguém que muito nos estima, só vindo, depois de algum tempo, a lhe dar o real valor. Creio que no seu caso foi o que aconteceu. Todavia, antes de tomar qualquer atitude, procure investigar, por meios diretos, mas astuciosamente femininos, se êle realmente gosta de você ou apenas tenta tirar uma desforra, ficando depois com a namorada atual - (sua colega). Contudo, para que mais tarde não venha a se arrepender, por ter abandonado o campo a outrem, tente

namorá-lo por uns tempos e, quando achar que a ocasião é oportuna, invente qualquer pretexto que o leve a decidir a situação. Boa sorte.

**Dona de casa - Monte Alto** - Infelizmente, quando sua carta me chegou às mãos, já não havia mais tempo para encaixar a resposta no n.º a sair; daí a demora em atender ao seu pedido. Espero, no entanto, que não esteja chegando tarde demais. Neste n.º publicamos dois bonitos modelinhos, que poderão ser aproveitados para a festa em questão. Em "Enriqueça o seu menu" há duas receitas muito gostosas e fácil de ser preparadas; são ótimos para o lanche de domingo.

**Nadim João - Marília** - O seu pedido será atendido no próximo n.º.

## ENRIQUEÇA SEU MENU

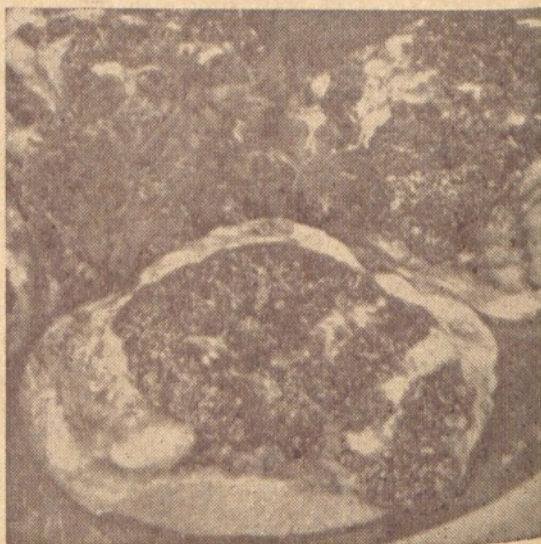
Cozinhar é fácil, mas saber cozinhar é uma arte.

Há pessoas que enfeitam bolos muito bem. Todavia, quando vamos experimentá-los é um desastre; puro pão-de-ló. Outras, são doceiras por excelência, só pecando na hora do acabamento final.

Ora, é tão simples unir-se o útil ao agradável. Para isso é necessário apenas um pouco de boa vontade. Lembrem-se sempre, minhas amiguinhas, que um prato torna-se muito mais estético e apetitoso, quando bem apresentado. Experimentem estas receitas simples de serem preparadas, mas de feliz efeito:

### **PIZZA DE MINUTA**

Com massa de pão, faça pequenos discos, não muito grossos, semelhantes aos que se vêem na gravura. Em seguida, numa caçarola ou frigideira, coloque 250 g de carne moída, para corar. Depois de tudo pronto espalhe a carne moída em cima de cada disco, cobrindo com muçarela (queijo cavalo) em fatias, um pouco de molho de tomate, salsa, cebola, sal e pimenta, queijo parmesão ralado e orégano. Asse em forno bem quente. Se preferir substitua a "muzzarela" por um queijo picante.





## PUDIM DE CHOCOLATE COM NOZES:

**Ingredientes:** — 1/4 de xícara de manteiga; 1 1/2 xícaras de açúcar; 2 ovos batidos; 3 xícaras de farinha de trigo, peneirada; 1 pitada de sal; 1 xícara de leite; 2 colheres de chá de

essência de baunilha; 150 g. de chocolate amargo, derretido; 1 xícara de nozes molhadas, e 3 colheres de chá de fermento em pó.

### MODO DE FAZER:

Bata a manteiga com o açúcar até ficar cremosa.

Adicione os ovos e depois os ingredientes secos, peneirados juntos, alternadamente com o leite. Acrescente depois a essência de baunilha e o chocolate. Misture tudo muito bem, não se esquecendo de colocar por último o fermento em pó. Asse em forno moderado e sirva com o seguinte molho:

—:—

### MOLHO DE SORVETE:

**Ingredientes:** — 1 xícara de açúcar; 1/2 xícara de água; 1 xícara de creme de "chantilly"; 2 gemas, e 1 colher de chá de essência de baunilha.

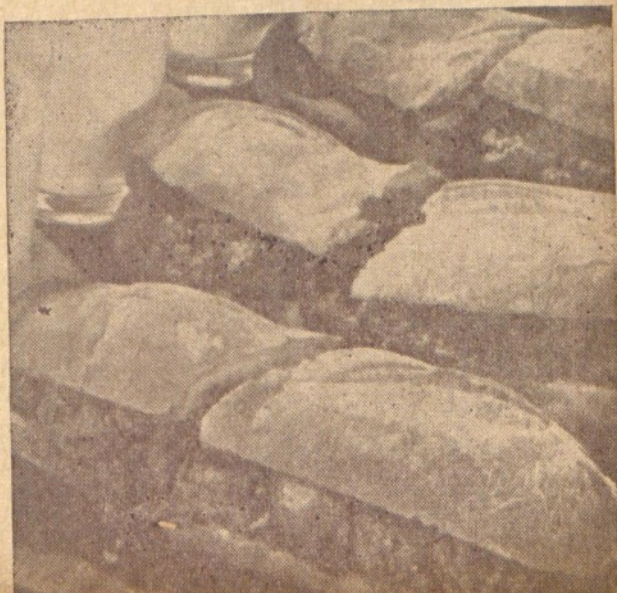
### MODO DE FAZER:

Ferva o açúcar e a água, até ponto de xarope. Bata as gemas até ficarem bem brancas, nela despejando, em seguida, o xarope. Continue a bater. Junte a baunilha e, depois de tudo bem misturado, leve para a geladeira. Adicione o creme de "chantilly" na hora de servir.

☆

## SANDUICHES ITALIANOS:

Doure pequeninas almôndegas e depois cozinhe, em fogo brando, juntamente com um pouco de molho de tomate e carne, 1 dente de alho picado, 1/4 de tomilho seco e, se desejar, a quantidade de uma lata de cogumelos (champions) sem o caldo. Faça os sanduiches com pão francês. São deliciosos, principalmente se servidos com um copo de leite.





## CONSELHOS E SUGESTÕES

- 1 — A mulher, que leva a vida sedentária, deve dedicar uma parte do dia para exercícios físicos, os quais a ajudam a manter a forma física e a evitar males oriundos da inatividade.
- 2 — Surgir de improviso em uma casa, mesmo trazendo as comidas e bebidas, para que todos comam juntos, pode ser uma grande surpresa. Mas é preciso lembrar que nem sempre será bem recebida pelos donos da casa.
- 3 — Ao pintar a sua sala pinte o espaço entre as janelas com uma tinta mais escura. Obterá assim um ótimo fundo para colocar as suas gravuras favoritas.

## LONDRINA - A BELA CAPITAL DO NORTE DO PARANÁ



A convite da Cia. Melhoramentos Norte do Paraná, duas turmas de alunos da Escola de Jornalismo "Casper Líbero" estiveram em visita à bonita e progressiva cidade, que é Londrina.

Contando apenas 20 anos de idade, Londrina assusta o turista menos prevenido pelos seus belos prédios de apartamentos, construídos num estilo bastante moderno, pelo seu luxuoso hotel "São Jorge", assim como pela última palavra em sala de projeção, que é o "Cine Ouro Verde".

Seu movimento ferroviário e rodoviário é intenso, sem se falar nos aviões que

aterrizam, diariamente, no seu aeroporto, que é considerado o 4.º do Brasil.

A maioria das firmas ali existentes são filiais de São Paulo e Curitiba, sendo que a primeira iniciativa de vulto que aparece no Norte do Paraná está em vias de funcionamento. Trata-se da Cia. de Cervejas Malta.

Devido ao vultoso movimento de transações, que ali são efetuadas, Londrina possui 26 bancos, além da tradicional Caixa Econômica Federal.

Como logradouros públicos, possui o bonito "Jardim Paraíso" e o "Hipódromo". A bonita capital do norte do Paraná apresenta, ainda, o moderníssimo "Country Club".

A única coisa com que o turista não se habitua, é o pó vermelho, que tudo tenta colorir. Todavia, como dizem os da terra, é ele o símbolo da fertilidade da região.





---

# SAUDADE

---



Cel. José Maria dos Santos

Mais uma vez, e em pouco tempo, se tarjam as páginas de «Militia», agora reverenciando a memória ilustre de um dos que lhe deram vida e lhe dirigiram os destinos, como seu

brilhante diretor que foi. Referimo-nos ao saudoso cel. José Maria dos Santos, falecido nesta Capital em 6 de outubro último. Inclito oficial da Fôrça Pública e lídimo representan-



te de sua classe, na qual se projetou como expoente de cultura, probidade e perseverança, deixa o cel. José Maria, como exemplo aos pósteros, um passado que, invariavelmente, é um roteiro dos fortes e dos idealistas.

Verificando praça em 1915, matriculou-se no Curso Especial Militar, sendo declarado aspirante em março de 1918. e, logo a seguir, promovido a 2.º tenente.

Classificado no Corpo Escola, em reconhecimento à sua cultura, cedo revelada, projetou-se como oficial de escol e foi chamado a servir no Estado-Maior da Corporação. Promovido a 1.º tenente e capitão em 1924, após portar-se com inteligência e bravura na defesa da legalidade, é reconduzido ao Corpo Escola, onde se firma como abalizado instrutor.

Em 1925, ao iniciar-se a reorganização do Regimento de Cavalaria, tarefa que impunha denodo e trabalho, vai o Comando da Fôrça Pública buscar, no Corpo Escola, o cap. José Maria que, embora pertencente a outra arma, cumpre a missão com realce e, dentro em pouco, é renomado cultor da arte eqüestre. Nessa épo-

ca, 1930, dirige na magnífica Revista Militar Paulista, do saudoso tenente Hely Câmara, a secção «Pela Eugenia da Raça», produzindo valiosos trabalhos técnicos sôbre hipismo. Mais tarde é nomeado professor do Centro de Instrução Militar e designado diretor do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Como major, foi um dos reorganizadores do Serviço de Intendência e teve papel preponderante na instalação dos Serviços Gerais da Fôrça Pública, de que foi, como tenente coronel, brilhante e eficiente chefe.

O cel. José Maria dos Santos finalizou sua magnífica carreira, em 1939, na Chefia do Serviço de Fundos (unidade de que foi organizador e primeiro dirigente), em consequência dos sintomas iniciais da insidiosa moléstia que ora, dolorosamente, nos rouba o grande companheiro de lutas do convívio diário.

«Militia», rendendo a mais sincera e sentida homenagem ao cel. José Maria, que lhe deu as últimas e sublimadas energias como seu culto e valoroso diretor, se cobre de luto e apresenta à família do grande chefe comovidadas condolências.

## AGRADECIMENTO

Profundamente sensibilizada, a família do saudoso cel. José Maria dos Santos agradece as manifestações de solidariedade que recebeu de seus amigos quando do doloroso transe por que passou.



VISITA DE CORTESIA À

# ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA



Em visita de cortesia, estive no Palácio 9 de Julho, no dia 6 de novembro último, o cel. Oscar de Melo Gaia, comandante geral da Fôrça Pública.

Recebido pela capitão Juventino Borges, assistente militar do presidente da Assembléia Legislativa, o cel. Gaia, que se fazia acompanhar do cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, chefe do Estado Maior, e 1.º ten. Wilson Alves de Andrade, ajudante de ordens, dirigiu-se ao

gabinete da presidência daquela Casa Legislativa, onde já o aguardava o deputado Vitor Maida. Após ser apresentado, por aquêlê parlamentar, aos deputados presentes, o cel. Gaia manteve com o presidente da Assembléia Legislativa longa e cordial palestra.

O clichê acima fixa um aspecto da visita. Sentados, da esquerda para a direita, o cel. Oscar de Melo Gaia, deputado Vitor Maida e cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques.



# POLÍCIA CIVIL

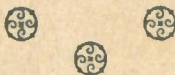
Estão de parabéns os servidores da Polícia Civil, pois, consoante notícias insertas em «O Estado de São Paulo», a 29 de outubro último o dr. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, compareceu ao gabinete do sr. secretário da Segurança Pública, onde, por deferência especial, promulgou a lei recentemente aprovada pelo Legislativo de São Paulo, elevando os vencimentos de diversas carreiras de servidores da Polícia Civil do Estado.

O chefe do Executivo foi recebido pelo dr. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública, além dos srs. Osvaldo Silva, diretor-geral, cel. Melo Gaia, comandante geral da Força Pú-

blica, diretores, chefes de serviço e funcionários.

A cerimônia revestiu-se de simplicidade, tendo falado, na ocasião, agradecendo a presença do governador do Estado e realçando a importância da lei promulgada para a classe a que pertence, o sr. Alceu Dias Batista, presidente da Associação dos Funcionários da Polícia Civil.

Em agradecimento às referências feitas à sua pessoa, pronunciou o dr. Lucas Nogueira Garcez algumas palavras, ressaltando as vantagens que a lei que acabara de promulgar concede aos escrivães, carcereiros, investigadores e elementos da Polícia Marítima e Aérea.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

## CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

### MAIZENA

DURVEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO





## HOMENAGEM

A Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública recepcionou a 21 de outubro, às 15,00 horas, os ceis. João de Quadros, Luiz Gonzaga de Oliveira e Henrique Arouche de Toledo, ao ensejo de suas transferências para a reserva e como prova de reconhecimento pelas atenções recebidas dessas autoridades, quando no exercício, respectivamente, das funções de Comandante Geral, Chefe do E.M. da Fôrça Pública e Diretor Clínico do Hospital da Cruz Azul.

Abrindo a sessão, o cel. Homero da Silveira ressaltou a feliz coincidência de realizar-se aquela festa na data natalícia do cel. Quadros, pedindo, a seguir, ao major Arí Gomes que saudasse os homenageados, em nome da Associação. O major Arí, cessados os cumprimentos pessoais

de que foi alvo o aniversariante, em brilhante e comovente discurso, exteriorizou o que significa a passagem à inatividade, após uma existência tãda de inteira identificação com a vida da entidade a que servimos. Salientando, depois, os méritos dos ceis. Quadros, Gonzaga e Arouche, deu-lhes as boas vindas a abriu-lhes as portas da nova casa.

Agradecendo em nome dos homenageados, o cel. Quadros, em emocionante improviso, lembrou momentos que assinalaram sua longa permanência na Corporação e interpretou os sentimentos de cada um na nova fase defrontada, prolongamento natural de sua permanência na gloriosa Milícia, que tão cedo os acolheu.

Finalizando a agradável reunião, foi servida lauta mesa de doces.



# CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

A Diretoria do Clube dos Oficiais, em sua última sessão ordinária, nomeou os sócios abaixo para exercer os seguintes cargos:

Ten. Cel. RUBENS TEIXEIRA BRANCO — Suplente do 2.º Vice-Presidente;

1.º Ten. ADEMAR GOMES DA SILVA — Suplente do 2.º Secretário;

1.º ten. ADEMAR FERREIRA — Suplente do 2.º Tesoureiro e,

cap. DJALMA RAMOS ARANTES — Suplente do Orador Oficial.



Atendendo a uma solicitação do sr. Antônio Holanda Freitas, presidente do Clube dos Inapiários de São Paulo, os sócios daquela instituição poderão hospedar-se nas Colônias de Férias do Clube dos Oficiais, ficando estabelecido que os mesmos pagarão a diária de Cr\$ 80,00 para as temporadas maiores de 6 dias, e Cr\$ 90,00 para as menores (categoria «C»).



## ACIDENTES NO TRABALHO

Aquêles que trabalham com electricidade e armas de fogo precisam ter sempre em mente o perigo a que, diariamente, se expõem. A fatalidade está sempre à espera da primeira negligência ou da imprudência primeira para agir, fatal, irremediavelmente. Os perigos resultantes de uma falta de atenção no trabalho são incalculáveis; muitas vezes, é uma indústria que pára, momentaneamente embora, o suficiente, porém, para quebrar o ritmo de sua produção ou ocasionar transtornos de conseqüências imprevisíveis; porém, infinitamente maior é o sofrimento de um lar que se vê privado de seu chefe, cuja imprevidência vitimou-o com uma descarga de milhões de watts ou atirou-o de encontro a uma engrenagem mecânica que se move ao impulso de poderosa corrente elétrica. Dentro do próprio lar, a fatalidade vigia o homem negligente. Basta que êle proceda à limpeza de uma arma de fogo, sem reparar que a mesma contém uma carga fatal e que seu filho brinca inocentemente nas imediações, para que a mão da fatalidade estenda o véu da morte sobre sua cabeça. Diariamente, muitos e muitos lares são impiedosamente feridos no que possuem de mais fundamental em sua existência. E' um chefe que salu para o trabalho e não mais voltou; um filho que era sua esperança e que sucumbe vítima de uma bala traçoira. **NAO FAÇA ISSO — ANTES PREVENIR QUE REMEDIAR.**

(Do Serviço de Divulgação da Secretaria da Seg. Pública).





## NO C. A. PAULISTANO

### BAILE DE ANIVERSARIO DO CLUBE

Assinalando a passagem do aniversário da sua fundação, o Clube dos Oficiais da Fôrça Pública fêz realizar, no dia 17 de outubro, nos salões do C.A. Paulistano, mais uma de suas reuniões dansantes. Fixa, o clichê, aspectos do baile, no Jardim América.





## BAHIA

### TRANSFERÊNCIA PARA A RESERVA

Foi transferido para a reserva, o ten. cel. médico Oscar Marques de Freitas, que de há muito chefiava o Serviço de Saúde da Corporação.

Passando para a inatividade, o cel. Oscar deixou saudosos superiores, colegas e subordinados, que proclamaram-no unanimemente, «um homem bom, amigo e prestimoso, que nos deixa». Na verdade, foi o médico e o cristão que o fizeram chefe estimado em toda a sua vida ativa e profissional. Tratava a todos com cuidados paternos, sempre com o seu perene sorriso de esperança e de conforto, bálsamo para os que padeciam e desejavam o abrigo de sua bondade.

Foram-lhe prestadas carinhosas homenagens pelos seus pares, quando da efetivação daquele ato do governo, que, também, lhe deferiu a promoção ao posto de coronel.

## DISTRITO FEDERAL

(POLICIA MILITAR)

### 29.o ANIVERSARIO DO 6.o B.C.

Por ocasião da passagem, no dia 9 de outubro último, do 29.o aniversário do 6.o Batalhão de Infantaria, foram realizadas, no quartel daquela unidade, numerosas solenidades em comemoração à efeméride às quais compareceram altas autoridades entre as quais destacavam-se, além do comandante do 6.o B.I., coronel João Pereira da Cunha, o general Caiado de Castro, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; gen. Ancora, chefe de Polícia; cardeal D. Jaime de Barros Câmara; comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, cel. Ururahy de Magalhães; o representante do Corpo de Bombeiros e todos os comandantes de Corpos, Serviços e Repartições da P.M. e sra. Clélia Pereira Gomes, que presidiu uma representação de meninas do orfanato da Polícia Militar. As 9,30 horas foi recepcionado no tradicional quartel da rua Barão de Mesquita o Comando Geral, realizando-se, a seguir, um desfile do contingente, que entrou, acompanhado da Banda Marcial, a canção do 6.o B.I. Efetuada pelo tenente Jerson Marcondes a leitura do Boletim alusivo à data, as autoridades presentes visitaram todas as dependências do quartel.

### PROMOÇÃO E REFORMA DE OFICIAIS

Por decreto de 5 deste mês, foram promovidos os seguintes oficiais: a coronel, o ten. cel. Reinaldo Lirio de Almeida; a ten. cel., o major José Batista de Matos; e a major, o cap. He-



raldo Lins. Os oficiais promovidos, foram, por ato da mesma data, reformados em seus novos postos.

## **DISTRITO FEDERAL**

### **(CORPO DE BOMBEIROS)**

#### **MORTO NO CUMPRIMENTO DO DEVER**

Morreu mais um homem humilde. Um bombeiro, o bravo, Asdrubal José da Silva.

Sua folha de serviço contava com inúmeras referências elogiosas. Com pouco mais de um ano de praça, no verdor de seus 19 anos de vida, destacara-se dentre os companheiros pelas suas qualidades pessoais para o desempenho das funções, recebendo, desde a referência em ordem do dia, ao elogio direto na "folha de alterações" mandado lavar pelo chefe da corporação, Cel. Sadock de Sá.

No dia 10 deste mês, porém, a sorte lhe foi adversa, fazendo com que a fatalidade o colhesse na sua implacável voragem.

Os funerais do bombeiro 1182, constituíram um espetáculo comovente. Defronte à capela São João de Deus, do Corpo de Bombeiros, verdadeira multidão prestava sua reverência ao bravo tombado. O féretro saiu, rumo ao cemitério do Caju, carregado por oficiais superiores do Exército, Polícia Militar e da própria corporação. 28 coroas inclusive das Cias. de Seguros, Guarda Civil, Inspetoria do Trânsito, completavam o ambiente.

Precisamente às 16 horas, mais de 30 carros, escoltados por 6 batedores do trânsito, acompanhavam o carro-bomba que levava o caixão, notando-se, entre as autoridades, o sr. Edgard Estrela,

general Carlos Germac Possolo, comissário Waldemar Manuel Castro, sr. Henrique Aristarco Pessoa, por seu saudoso pai, velho amigo e antigo comandante da corporação.

Ao ser dado o corpo à sepultura, foi lida a Ordem do Dia, ocasião em que foi o extinto promovido a cabo "post-mortem". O mesmo boletim dizia que a morte do 1182 não deveria influenciar no arrôjo de seus companheiros, que continuariam, como até agora, a servir aos interesses da população, com bravura e despreendimento pela própria vida. Ao final, foi dado toque de silêncio, ante o túmulo do companheiro que partia, para sempre.

## **ESPÍRITO SANTO**

### **OFICIAIS PROMOVIDOS**

Por merecimento: - a ten. cel. o ten. cel. graduado Djalma Borges e os majores Francisco Fernandes de Miranda, Alcides Gomes de Vasconcelos e dr. Serynes Pereira Franco; a major, os caps. Crispiniano Veiga dos Santos, Idyllio Dessaunne Coelho, Amado Ribeiro dos Santos, João José do Nascimento e dr. Perly Lacerda Pôncio; a cap. os 1.ºs tens. Alfredo Pacheco Barroca, operoso e eficiente representante de MILITIA, e Sebastião Lopes da Costa.

Por antiguidade: - a ten. cel., o major Lumberto Maciel de Azevedo; a major, os major graduado Abdon Rodrigues Cavalcanti e cap. Josias Santa Rita; a cap., o cap. graduado Francisco Pereira da Silva e o 1.º ten. Gonzaga Faria.

### **CLASSIFICAÇÃO DE OFICIAIS**

Foram classificados: na chefia do E.M., sub-chefia do Gabinete do Co-



mando, diretoria da Intendência, diretoria do Pessoal, diretoria de Instrução e diretoria da Saúde, respectivamente, os tens ceis. Djalma Borges, Ernesto Vieira da Silva, Francisco Fernandes de Miranda, Alcides Gomes de Vasconcelos, Lumberto Maciel de Azevedo e dr. Serynes Pereira Franco.

Na Sub-Diretoria da Intendência, da Saúde, do Pessoal, da Instrução, na Chefia da Casa Militar do Governador, no Comando do 1.º Btl. Inf., na Sub-Chefia do Estado Maior e no Serviço Jurídico, os majores Idyllo Dessaunne Coelho, dr. Perly Lacerda Pôncio, João José do Nascimento, Amado Ribeiro dos Santos, Josias Santa Rita, Crispiniano Veiga dos Santos, Abdon Rodrigues Cavalcanti e dr. Francisco Eugênio de Assis, respectivamente.

#### NOMEAÇÃO DE PREFEITO

Foi nomeado prefeito municipal de Guarapari, o major Josias Santa Rita, ato êsse que foi muito bem recebido por todos os seus colegas de farda, não só por se tratar de um oficial de escol, como também pela confiança demonstrada pelo governo capixaba, ao outorgar tão honrosa investidura a um membro da P.M.

### MATO GROSSO

#### CONCLUIRAM O C.O.C.

Concluiu o Curso de Oficiais Combatentes a primeira turma de alunos matriculados após a criação, organização e funcionamento do C.I.M., com apreciável aproveitamento, os seguintes alunos: Oldemar Pereira, Antonio Benedito da Costa

Leite, José Pereira Diniz, Evaristo da Costa Leite Filho, Argemiro Vilangière de Moraes e Mário Policarpo da Silva. A 3 de setembro, foram declarados aspirantes a oficial, por decreto do govêrno matogrossense.

Acedendo ao convite que lhe fizeram os aspirantes recém-diplomados, foi paraninfo dessa primeira turma, formada pelo C.I.M, s. excia. o sr. governador do Estado, o qual esteve presente a todos os atos das solenidades realizadas no dia 5, no Q.G.

Também foram diplomados pelo C.I.M., por terem concluído os três períodos do C.O.C., os segundos tenentes Alencarliense Alves e Vicente Vitoriano de Souza, os quais haviam sido promovidos anteriormente sem êsse requisito.

#### PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por decreto ainda de 3-IX-1953, do exmo. sr. dr. governador do Estado, foram promovidos, por merecimento, ao posto de 1.º ten., os 2.ºs tens. Alencarliense Alves e Vicente Vitoriano de Souza.

#### OFICIAIS AGRACIADOS

Por ato do exmo. sr. dr. governador do Estado, foram agraciados com a medalha de bronze e pasadores de ouro e prata, respectivamente, os ten. cel. José Silvêrio de Magalhães e major Francisco Fernandes dos Santos, por contarem mais de 30 e 20 anos de serviços prestados ao Estado e ao Brasil.

#### INAUGURAÇÃO DE RETRATO

Num gesto de justo reconhecimento pelos relevantes serviços que





Ao alto, o major Ubaldo Monteiro, falando por ocasião da inauguração do retrato do cel. Daniel de Queiroz, no C.I.M.; ao centro, fases da solenidade no C.I.M., vendo-se o governador Fernando C. Costa (à direita) entregando a espada ao asp. Oldemar Pereira e o cel. Daniel de Queiroz (à esquerda), fazendo-o ao asp. Mário Policarpo. Em baixo, prestam compromisso os novos aspirantes.



o cel. Daniel de Queiroz vem apresentando, com acendrado desvêlo patriótico, no sentido do engrandecimento sempre crescente da Polícia Militar, os professores do C.I.M. fizeram inaugurar, no salão de aulas do Curso de Oficiais Combatentes, o retrato daquele oficial superior, atual comandante geral da Milícia. Por escolha dos demais integrantes do corpo docente, falou, na ocasião, o seu diretor, major Ubaldo Monteiro.

#### DELEGADOS DE POLÍCIA

Encontra-se, já há alguns meses, no exercício do cargo de delegado de polícia da Capital do Estado, o major Evaristo da Costa e Silva, que anteriormente vinha servindo à disposição da C.Er. - Mt., onde prestou grande colaboração no serviço rodoviário.

Está, igualmente, no exercício do cargo de delegado de polícia do município de Bonito, o cap. Antônio Jerônimo de Figueiredo. A ambos, os votos de feliz desempenho das funções de que foram investidos.

### MINAS GERAIS

#### 118.o ANIVERSARIO DA POLICIA MILITAR

Transcorreu, no dia 10 de outubro último, o 118.o aniversário de fundação da Polícia Militar. Acontecimento dos mais gratos para os mineiros, a data da criação da sua Milícia foi assinalada com uma série de expressivas solenidades, constituindo-se em verdadeira festa de confraternização dos elementos que servem à brilhante corporação.

Um dos atos da comemoração referida foi o almôço oferecido pela P.M., ao governador Juscelino Kubitschek, no

Clube dos Oficiais. Ali estiveram presentes, além do homenageado, o sr. Starling Soares, secretário do Interior, gen. Lima Câmara, comandante da 4.a D.I., comandante do C.P.O.R., 10.o R.I., 11.a C.R. e da Base Aérea de Belo Horizonte, e comandantes de unidade, chefes e diretores de serviços da P.M.

#### *Discurso do cel. Nêlio*

Saudando o governador, falou o comandante geral da Polícia Militar, cêl. Nêlio Cerqueira Gonçalves, que ressaltou, inicialmente, o apôio que o governador vem dando ao reaparelhamento da milícia, o que lhe está permitindo tornar-se uma das mais modernas de todo o País. Destacou a ação da Polícia Militar em todos os setores onde tem sido chamada a prestar seus serviços, fazendo, depois, um agradecimento ao general Lima Câmara, pela colaboração que o Exército vem prestando para melhoria das condições do material e do homem da Polícia Militar.

#### *Agradecimento do governador*

O sr. Juscelino Kubitschek agradeceu à saudação do cel. Nêlio, lembrando, inicialmente, o fato de ser tenente-coronel médico da Polícia Militar e que há mais de vinte anos participa de seus movimentos, para garantia da ordem e do prestígio do Estado.

O cel. Otávio Diniz, presidente da União dos Reformados da Polícia Militar, fez a entrega, ao cel. Nêlio Cerqueira de um documentário fotográfico e histórico da Polícia Militar.

#### *Melhoramentos no Corpo de Bombeiros*

Ainda como parte das comemorações, no dia anterior, o governador do Estado esteve no quartel do C.B., ali inaugurando melhoramentos.



O ato contou com a presença do homenageado, do secretário do Interior, ser. Geraldo Starling do vice-governador Clóvis Salgado, comandante geral, comandante de unidades e oficiais da Polícia Militar, além de outras altas autoridades e muitas pessoas gradas.

O governador do Estado inaugurou a caixa d'água do quartel, com capacidade para 60.000 litros e a cozinha e refeitório da unidade.

O chefe do Governo foi saudado, em nome dos soldados e sargentos do Corpo de Bombeiros, pelo soldado Ali Salim.

Falou, depois, o comandante, ten. cel. Paulo Renê de Andrade, agradecendo o apóio e a colaboração do governador Jucelino Kubitschek, no sentido do reaparelhamento do serviço público.

#### *Agradecimento*

Finalmente, o governador agradeceu, acentuando o papel do Corpo de Bombeiros na salvaguarda do patrimônio material da população, com sacrifício, na maior parte das vêzes, da vida de seus homens, tendo, ainda, dito do prazer com que sempre procura atender às reivindicações da importante unidade e de seus elementos, através de iniciativas que levam a possibilitar que os bravos soldados do fogo se desempenhem à altura de suas tradições.

Foi oferecido, aos presentes, um "lunch", após o qual o governador do Estado encerrou a sua visita ao estabelecimento.

#### **PROMOÇÃO DE OFICIAIS**

Foram promovidos, por merecimento: a ten. cel., o major Geraldo Batista; a major, o cap. Geraldo de Oliveira (1.º); a capitão, os 1.ºs tens An-

tonino Machado Neto, Edésio Diniz da Silva e Dirceu Rodrigues Dias; a 1.º ten., os 2.ºs tens. José Onésimo de Abreu, Miguel Carlos Leando e Valdir Rosa Nazaré; a 1.º ten. de adm., os 2.ºs tens. de adm., Dirceu Macedo, Aluisio Ribeiro, Oscar Andrade, Geraldo Ferreira dos Santos (1.º), João Ferreira Borges, Washington Ferreira Toledo, João Batista dos Santos Cintra e João Evangelista de Almeida.

Por merecimento: a cap., os 1.ºs tens. José Guilherme Ferreira, João Cândido de Oliveira (2.º), Mário Cardoso de Melo e Agenor Mafra Sobrinho; a 1.º ten., os 2.ºs tens. Edgar Ferreira dos Santos, José Coelho de Lima, Luciano Antônio dos Santos e Elos Pires de Carvalho; a 2.º ten., os substens. Adelino Luiz da Silva e Domingos Martins de Oliveira; a 1.º ten. de adm., os 2.ºs tens. de adm., Artur Figueiredo Filho, Abílio Gomes Pereira, Antonio Vicente Mario, Geraldo Mascarenhas (2.º), Glaudinor Soares Filho, Jurandir Torres de Castro, Pedro Bambira Neto, Raul Pereira e Valdir Foch de Menezes; e a 2.ºs tens. de adm., os subtenentes Vicente Ferreira Neto e Sebastião Lucas; e os 1.ºs sargentos Wilson Pinto da Silva, Geraldo Lopes Moraes, José Alcides Gomes, Francisco de Oliveira Marino, Antônio de Padua Figueiredo, João Viana, Geraldo da Silva Viêira, Segismundo Nonato Guimarães, Pedro Liberto de Oliveira e Joaquim Pinto Neto.

Por merecimento intelectual, ao posto de 2.º ten., o aspirante a oficial Fernando Vicente Calvo Ferreira.

#### **PARAIBA**

**HOMENAGEADO O COMANDANTE DA P.M.**

Foi homenageado, no dia 5 d'êste mês, com um almôço no Paraiba Palace



Hotel, o cel. Ivo Borges da Fonseca Neto comandante da Polícia Militar.

Motivou essa demonstração de simpatia e aprêço ao ilustre militar da parte dos seus amigos, sua recente promoção no quadro de oficiais superiores do Exército Brasileiro, em cujas fileiras tem tido oportunidade de prestar relevantes serviços à Nação nos diversos postos que tem ocupado.

Militar dos mais distinguidos, o cel. Ivo Borges tornou-se merecedor do respeito e amizade de quantos priavam das suas relações, assinalando-se a sua ação nos altos postos que lhe têm sido confiados pelo patriotismo e larga visão com que encara os interesses nacionais.

Entre os que participaram do banquete, assinalamos a presença do Governador João Fernandes de Lima, que se fazia acompanhar de todo o Secretariado e das Casas Civil e Militar do Govêrno; do cel. José Arnaldo Vasconcelos, Comandante do 15 R.I.; do Dep. Tertuliano Brito, presidente da Assembléia Legislativa do Estado; deputados, oficialidade da Polícia Militar, representantes do Comércio e da Indústria, jornalistas e outras personalidades de projeção dos círculos sociais e administrativos da terra.

Saudando o homenageado, falaram o cel. médico Edrise Vilar e o deputado Pedro Moreno Gondin, que destacaram a personalidade do ilustre conterrâneo e os motivos daquele gesto de simpatia dos seus amigos.

O cel. Ivo Borges agradeceu em breve alocução.

## **PERNAMBUCO**

### **PREMIO AOS QUE COMBATERAM O BANDITISMO**

O deputado Osvaldo Lima Filho, apresentou, no mês de outubro último,

um projeto de lei que manda promover ao posto imediato os oficiais e praças do quadro suplementar da Polícia Militar que, durante mais de cinco anos, tenham prestado serviço efetivo no combate ao banditismo no interior do Estado. E' esta a justificativa apresentada por aquêlê parlamentar:

"Quando, no país, se promove um insidioso e perigoso endeusamento dos bandoleiros, que durante os primeiros decênios dêste século ameaçaram a vida, a tranqüilidade e os bens das populações do interior do nordeste, nada se nos afigura mais injusto, que a situação de modestos oficiais e praças do quadro suplementar da Polícia Militar do Estado que, envelhecidos e quase inválidos, se vêm melancolicamente relegados a uma situação de necessidade e pobreza. São assim os defensores da ordem e da lei, que surgem injustiçados, no momento em que o cinema, a literatura, o rádio e a imprensa iniciam um impatriótico movimento de revisão do julgamento da sociedade sobre os temíveis facinoras, que talaram os nossos sertões.

Regulando apenas a situação dos inativos do quadro suplementar, não será de grande monta a despesa com a execução da medida proposta pelo projeto e daí julgarmos de imediato interêsse a sua aprovação".

## **RIO DE JANEIRO**

### **ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS**

Pela Lei n.o 1.968, de 1.o de setembro do corrente ano, foi criado, na Polícia Militar dêste Estado, a Escola de Formação de Oficiais, que funcionará no próximo ano de 1954, e que se destina a habilitar os candidatos, civis ou militares, ao ingresso no posto de aspirante-a-oficial e conseqüente acesso



até ao de capitão. A matrícula na Escola processar-se-á mediante concurso, assegurada, entre os aprovados, em igualdade de condições, preferência para o candidato que já venha prestando serviços à Polícia Militar.

A E.F.O. funcionará sob regime de internato, iniciando-se o período letivo na segunda quinzena de março, sendo a segunda quinzena de novembro e o mês de dezembro destinados aos exames. Anualmente, haverá um período de férias juninas, de 15 a 30 de junho. O ingresso na E.F.O. far-se-á mediante exame de admissão, médico e físico.

A inscrição para o exame resultará de despacho favorável do Comando Geral, em requerimento a êle dirigido, entre 1.º a 31 de janeiro. Os candidatos farão entrega dos seus requerimentos, cujo modelo será fornecido pela Secretaria, nessa mesma repartição, dentro do prazo acima. Os requerimentos, quer dos civis, quer dos militares, só serão encaminhados ao Comando Geral, depois de devidamente informados pelas autoridades competentes. Para matrícula no curso, o candidato deverá preencher os seguintes requisitos: ser brasileiro nato; apresentar certificado de aprovação nos exames de licença do curso ginasial (1.º ciclo do ensino secundário); ter idade compreendida entre 18 e 24 anos completos, referida ao dia 1.º de março do ano da matrícula, salvo para os militares, que poderão ter, no máximo, 25 anos completos; ser solteiro; ser julgado apto em inspecção de saúde. Além dos requisitos acima, o candidato deverá possuir a idoneidade moral necessária para ingressar no oficialato da Corporação, o que será verificado por uma comissão de oficiais designada pelo Comando Geral, sendo esse parecer dado em caráter reservado.

Os alunos civis terão, no 1.º ano do curso, o vencimento atribuído ao

soldado (Cr\$ 800,00); no 2.º ano, o atribuído ao cabo (Cr\$ 950,00); e, no 3.º o que competir ao terceiro sargento (Cr\$ 1.300,00).

Os alunos que terminarem o curso da Escola de Formação de Oficiais, serão declarados aspirantes-a-oficial, na ordem rigorosa da respectiva classificação final, obedecida, estritamente, a precedência de turma.

Para maiores esclarecimentos, os interessados deverão dirigir-se à Secretaria da E.F.O., Caserna General Fonseca Ramos, na Polícia Militar.

## **RIO GRANDE DO NORTE**

### **118.º ANIVERSARIO DA P.M.**

A Polícia Militar do Estado comemorou a passagem do 118.º aniversário da Corporação com uma serie de festividades que foram iniciadas com a alvorada às cinco horas da manhã. No decorrer das festas foram inaugurados novos melhoramentos no quartel, inclusive uma quadra de basquetebol. À tarde, houve o lançamento da pedra fundamental do futuro hospital da Polícia Militar, cuja planta foi evposta aos visitantes. Foram também inaugurados o almoxarifado e postos de lubrificação e lavagem para as viaturas da Corporação.

## **RIO GRANDE DO SUL**

### **ANIVERSARIO DE CRIAÇÃO DO 1.º B.C.**

Transcorreu, no dia 21 de outubro p. findo, o 61.º aniversário do glorioso 1.º Batalhão de Caçadores da Brigada Gaúcha, do qual é patrono o inolvidável cel. Aparício Borges, herôicamente tombado na generosa gleba paulista, por ocasião do Movimento Constitucionalista de 1932.



Em seu quartel, na antiga chácara das bannaneiras, o seu comandante, o ilustre ten. cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, comemorando o evento, organizou e cumpriu bem elaborado programa, dividido em três partes: a primeira, constou da colocação de flôres na herma levantada em frente aquêlé B.C., em memória do seu antigo comandante, cel. Aparício Borges; a segunda, de competições esportes da unidade; e a terceira, de um grandioso churrasco que foi servido na aprazível chácara do Corpo de Bombeiros.

Provas esportivas foram realizadas, com início na véspera, através da realização de duas competições: — cabo de guerra, entre as praças das diversas sub-unidades; e voleibol, entre duas equipes de sargentos do batalhão, denominadas «Ten. Cel. Ildefonso» e «Maj. Machado», sagrando-se vencedora a primeira, depois de acirrada luta. No dia seguinte, depois da leitura do boletim alusivo à data, pelo ajudante, perante a tropa, teve prosseguimento a competição esportiva, já contando com a presença do cel. Venâncio Batista, cmt. Geral da Fôrça, dos cmts. de corpo, chefes de serviço e exmas. famílias de oficiais e praças, realizando-se as seguintes provas: voleibol, entre as equipes de oficiais do 1.º B.C. e do Centro de Instrução Militar, em homenagem ao ilustre cmt. da unidade escola da Brigada Militar, ten. cel. dr. Olavo João Urquia Castagna; e competição de boxe de olhos vendados, em que foram concorrentes uma praça por sub-unidade. A partida de voleibol entre oficiais, ardentemente disputada e cheia de lances emocionantes, terminou com a vitória da valente

equipe da unidade escola, pelo ajustado escore de 2 a 1. A competição de boxe de olhos vendados, provocou hilaridade geral na seleta assistência.

Seguiu-se a entrega de prêmios a todos os vencedores, na presença do Comando Geral da B. Militar.

Encerrada a parte esportiva, os convidados dirigiram-se à chácara do Corpo de Bombeiros, onde foi servido suculento churrasco, que teve ainda como participantes os governador Ernesto Dorneles, acompanhado de sua espôsa e do ten. cel. Max Hanke, chefe da Casa Militar; dr. Theobaldo Neumann, secretário do Interior; cel. Walter Perachi de Barcelos, deputado estadual; cel. Venâncio Batista, cmt. Geral da Fôrça; major João Lúcio Marques, vereador; maj. Jorge Adão Feter, diretor da Polícia Rodoviária; cmts. de corpo, chefes de serviço e famílias dos oficiais e praças. Durante o magnífico ágape e num ambiente de verdadeira confraternização entre os presentes, se fez ouvir o excelente «jazz» do Btl. Saudando o governador Ernesto Dorneles e demais autoridades presentes ao ato, falou o ten. cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, comandante do B.C. aniversariante. Respondeu a essa saudação o dr. Theobaldo Neumann, em nome do governador do Estado. Discursaram, ainda, os capitão médico dr. Manoel José Lopes Fernandez e o cel. Walter Perachi de Barcelos, que, além de ressaltarem os serviços prestados pelo patrono do batalhão, neste como em outros pontos do país, tanto na paz como na guerra, congratularam-se com o governador por haver ainda assinado, naquela data, um decreto instituindo PATRONO DA BRIGADA MILITAR DO ESTADO DO RIO





### CHURRASCO NA CHÁCARA DOS BOMBEIROS

O dr. Theobaldo Neumann, secretário do Interior, discursa em nome do governador Ernesto Dorneles, que se vê à sua direita. A sua esquerda, o cel. Venâncio Batista, o dep. cel. Walter Perachí Barcelos e o ten. cel. Ildfonso P. Albuquerque.

GRANDE DO SUL o seu ex-comandante geral — coronel AFFONSO EMILIO MASSOT — falecido em 21 de outubro de 1925.

Em tôdas as solenidades se fêz presente o representante de «Militia» que, para isso, foi distinguido com especial e gentil convite do ten. cel. Ildfonso Pereira de Albuquerque, que se confessou exultante com o magnífico exemplo de fraternidade que observou durante a reunião e satisfeito pela maneira com que o inteligente e prático cap. Salvador Soares da Silva desempenhou a missão que lhe foi atribuída, «funcionando», de fato, para que tudo saísse bem.

### NOVA SEDE PARA O C. B. — ADQUIRIDO UM TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO

O já crônico problema das instalações e localização do Corpo de

Bombeiros de Pôrto Alegre, que tem merecido tanta atenção por parte dos poderes públicos e da imprensa, encaminha-se, finalmente, para uma solução definitiva, que virá colocar essa instituição em condições de poder atender convenientemente às necessidades de uma metrópole moderna, como é a capital gaúcha.

Bem compreendendo a impossibilidade de continuar o atual estado de coisas, com o Corpo de Bombeiros em precários barracões e sem dispor do aparelhamento conveniente para enfrentar devidamente incêndios de proporções, os Poderes Executivo e Legislativo juntaram seus esforços para resolver, de uma vez por tôdas, a situação.

Assim, no chamado pequeno plano de obras, aprovado pela Assembléia Legislativa, foi incluída a ver-



ba indispensável para a construção das novas instalações do Corpo de Bombeiros e o governo do Estado já providenciou a elaboração de um projeto definitivo, tendo, o governador, general Ernesto Dorneles, de acôrdo com um processo encaminhado pelo secretário do Interior, sr. Theobaldo Neumann, assinado um ato designando uma comissão formada pelo tenente coronel Tisiano Felipe de Leoni, comandante do Corpo de Bombeiros, e os engenheiros Flávio Borralho, do Instituto Tecnológico e Nilton Castro Reis, da Secretaria das Obras Públicas, para estudar e dar parecer sôbre a localização do novo edifício do Corpo de Bombeiros.

Acresce notar, aliás, que já foi adquirida uma apreciável gleba de terra, nas imediações do campo esportivo do «Fôrça e Luz», no limite das ruas Lucas de Oliveira e Dona Eugênia, exatamente para a instalação em apreço, a qual será especialmente considerada pela Comissão técnica recentemente designada.

Estamos, assim, na última etapa da grande batalha em prol de instalações adequadas para a corporação incumbida do combate às chamas, o que representa uma vitória para todos os porto-alegrenses, que poderão contar, em futuro próximo, com um Corpo de Bombeiros à altura de suas reais necessidades.

#### VISITA DE CORTESIA

Visitou o comando da Brigada Militar, no dia 3 de outubro p.p., o major médico Antônio Vilela Teixeira de Azeredo, da Fôrça Pública de Minas Gerais. Após amistosa e animada pa-

lestra com o cel. Venâncio Batista e o seu E.M., o ilustre visitante percorreu as dependências do SMB, SF, SI e ESBM.

No SI, foi oferecido um almoço ao major Azeredo e à sua comitiva, composta de alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Agradecendo a amabilidade da visita, falou o cel. Venâncio Batista, comandante da Brigada. O major Azeredo, em resposta, confessando-se sensível à amável hospitalidade, se congratulou com a B.M., pelo grande progresso em que se encontra.

#### FIXAÇÃO DE MATRICULAS PARA 1954

As matrículas dos diversos cursos do CIM foram fixadas nas seguintes bases, para 1954: CFO, 25 — CFS, 50 — CT, 10 — CMEF, 10 — CFC, 65.

#### 27 MILHÕES PARA O CORPO DE BOMBEIROS

Ao secretário do Interior, a Brigada Militar remeteu pedido de crédito especial de 27.000.000 de cruzeiros, para a construção do prédio do C.B. Aquêl titular deu o seguinte despacho, no respectivo processo:

"Retorne, êste expediente ao Comando Geral da B.M. para servir-se em determinar estudos sôbre a concessão de recursos financeiros para a eventual execução do muito bem elaborado plano de reaparelhamento do benemérito Corpo de Bombeiros, cujos inestimáveis serviços prestados à coletividade, por si só, lhe credenciam a merecer dos poderes públicos especial atenção no sentido de que venha a ter em breve resolvidos os seus problemas".





## "LES GROGNARDS"

A respeito da colaboração pós-tumba do saudoso capitão Sérgio Rodrigues Caldas que, sob o título acima, inserimos no número 40, recebemos a seguinte carta do sargento reformado Eliziário Vieira:

*"Baurú, 25 de novembro de 1953.*

*Presado diretor da revista "MILITIA"*

*Saudações cordiais*

*Mui respeitosamente dirijo-me a V.S., a fim de solicitar dessa digna direção, seja retificada a publicação constante da página n.º 18, da revista "Milita" n.º 40, de setembro de 1953, a respeito da pessoa do 3.º sargento reformado Eliziário Vieira, R.E. 5745.*

*Deve-se declarar, positivamente, que o 3.º sargento Eliziário, signatário desta, vive à rua Alto Purús s-n. em Baurú — S. Paulo.*

*Acresce ainda que o mesmo é assinante dessa revista "Milita".*

*Junto, transmito-vos a minha fotografia, tirada durante a campanha. Nela estou à direita, com as mãos cruzadas sobre o joelho.*

a) *Eliziário Vieira*  
*3.º sgt. rfm.*

Eis o que de melhor nos cabia fazer neste caso. Estivesse entre nós, porém, o saudoso Sérgio, por certo a presente carta seria motivo de mais uma primorosa crônica. A

nós, entretanto, só resta agradecer a informação prestada e apresentar, ao sargento Eliziário, as nossas mais sinceras felicitações.

—o—



## PEDESTRIANISMO

# Bonita vitória de Taubaté na Prova Pedestre do Vale do Paraíba

Taubaté foi palco, no dia 3 de outubro último, à noite, da maior prova pedestre do Vale do Paraíba. Os mais destacados vultos do pedestrianismo do Vale estiveram em confronto, na Prova «Dr. Luiz Roberto Vidigal», promovida pelo SESC, com a colaboração da Comissão Central de Esportes da 24.ª Região. A competição, que foi efetuada numa distância de 3.000 metros, despertou enorme interesse entre os desportistas do Vale do Paraíba, tanto assim que reuniu representantes de clubes desportivos das cidades de Taubaté,

Guaratinguetá, Cruzeiro, Lorena, Agulhas Negras, Campos de Jordão, Jacareí e outras cidades.

O vencedor da prova foi o atleta sd. João da Silva, inscrição n.º 11, representante do 5.º B.C., que cobriu o percurso em 9 minutos e 52 segundos. Secundou-o o representante do Grande Hotel Clube, de Campos de Jordão, inscrição n.º 42, Olívio Pereira, com o tempo de 9 minutos e 54 segundos. Até o 10.º lugar foram as seguintes as classificações individuais:

- 1.º lugar — Sd. João da Silva - 5.º B.C.
- 2.º lugar — Olívio Pereira - Grande Hotel Clube, de Campos de Jordão.
- 3.º lugar — Geraldo Gonçalves de Oliveira - Clube de Regatas de Guaratinguetá.
- 4.º lugar — Sd. José Vitoriano - 5.º B.C.
- 5.º lugar — Sérgio Freitas Fontes - E.C. Elvira, de Jacareí.
- 6.º lugar — Sgt. Osvaldo Gonçalves Mendes - 5.º B.C.
- 7.º lugar — Antônio Pádua - 5.º R.I., de Lorena.
- 8.º lugar — Alvaro Costa Filho - Cruzeiro.
- 9.º lugar — José Ângelo Vital - C.A. Ipiranga, de Taubaté.
- 10.º lugar — Nelson Rodrigues - do E.C. Elvina, de Jacareí.

Colocou, assim, o 5.º Batalhão de Caçadores da nossa Fôrça Pública, além do líder absoluto da corrida, mais dois de seus elementos, em 4.º e 7.º, consolidando uma espetacular

vitória de conjunto.

### Classificação por equipe

Foi a seguinte a classificação por equipe:

- 1.º lugar — 5.º B.C. da F.P.S.P. - 11 pontos.
- 2.º lugar — Grande Hotel Clube, de Campos de Jordão - 28 pontos.
- 3.º lugar — Clube de Regatas Guaratinguetá - 30 pontos.



A entrega dos troféus e medalhas aos vencedores dessa notável carreira realizou-se nos salões do Taubaté Country Clube, perante altas autoridades e uma seleta assistência, tendo sido entregue ao ten. cel. Zeferino Astolfo de Araujo, comandante do 5.º B.C., a linda taça a que fêz jús a Unidade sob seu comando, como vencedora absoluta da prova.

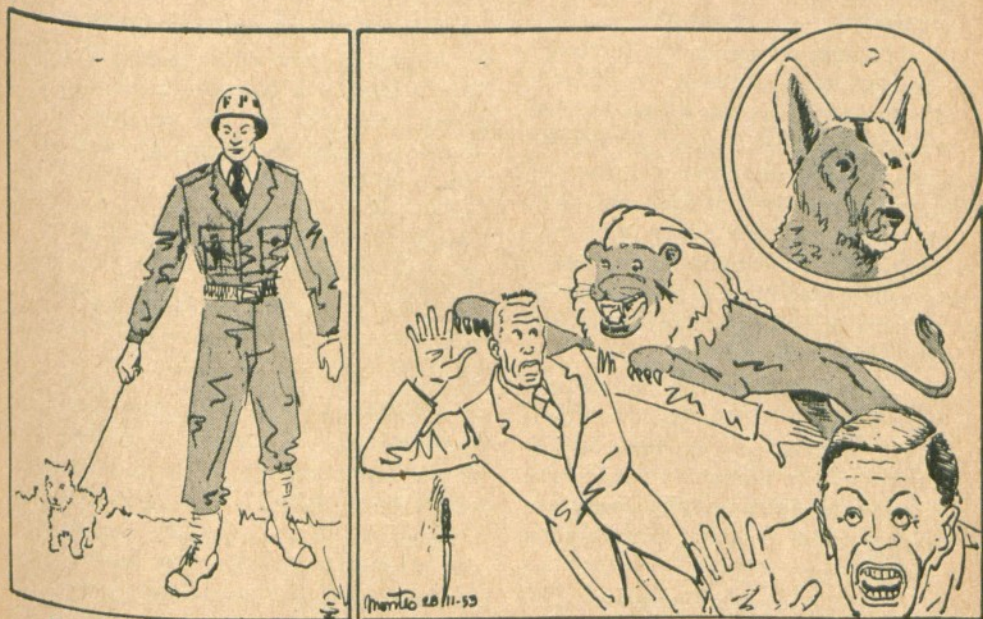
Receberam também troféus, o sd. João da Silva, Olívio Pereira e Geraldo Gonçalves, respectivamente 1.º, 2.º e 3.º classificados.

Marcou época essa competição do II Campeonato Comerciário de Taubaté. Todos competiram lealmente, representando condignamente suas entidades. Os nossos parabéns ao 5.º B.C. e aos seus lídimos representantes.



## PONTOS DE VISTA

### O CÃO PASTOR

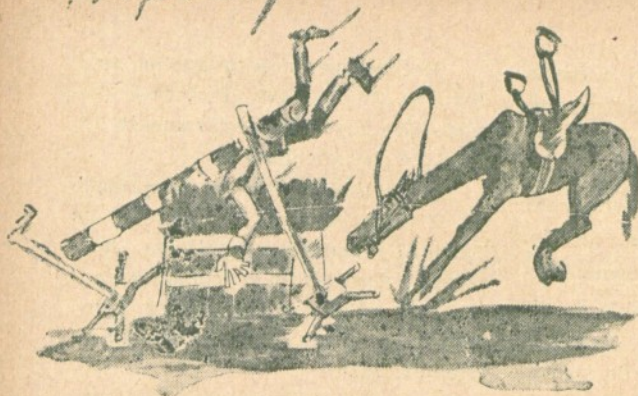


PARA O POLICIAL...

PARA O CONTRAVENTOR...



# HIPISMO



Capitão

Plínio

Desbrousees

Monteiro

## Aniversário do Regimento de Cavalaria

Dia 11 de outubro registrou o 61.º aniversário do Regimento de Cavalaria da Fôrça Pública. Comemorando-o, realizou-se u'a magnífica festa hípica, a qual contou com ótimos disputantes nas provas realizadas, e com entusiasta e numerosa assistência.

Compareceram os srs. secretário da Segurança Pública, dr. Elpidio Reali; cmt. geral da Fôrça Pública, cel. Oscar de Melo Gaia; inspetor administrativo, cel. Cândido Bravo; diretor geral de instrução, cel. João de Oliveira Melo, cmts. de corpo, chefes de serviço, inúmeros oficiais e exmas. famílias, e ainda elevado número de amigos e admiradores com que conta o Regimento.

Representaram ótima atração para a manhã do dia 11, as três provas levadas à disputa, entre oficiais da Fôrça e do Exército e sargentos e subtenentes da nossa Corporação, e a demonstração, sempre interessante, da Escola de Volteio.

Em boletim comemorativo lido às 8,00 hs., como início das festivi-

dades, esclareceu o ten. cel. Agenor de Almeida Castro, comandante do Regimento, os motivos que o levaram a batizar as provas hípicas do dia, com os nomes dos srs. dr. Elpidio Reali e cel. Euryale de Jesus Zerbini.

O primeiro concurso ocorrido entre sargentos, teve a designação de «Prova Capelania Militar», tendo sido seu patrocinador o ten. cel. capelão militar, monsenhor Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, que vem, sempre, procurando incentivar, por tôdas as formas, as disputas hípicas entre os sargentos do R.C.

Sôbre 10 obstáculos, classe «A», com percurso normal em tempo, o resultado foi o que se segue:—

Obteve a 1.ª colocação, conduzindo «Brinco», o sgt. Severino Alves Cordeiro, que fêz um percurso limpo, em 1' 16" 2/10.

Em 2.º, 3.º e 4.º lugares, todos com 4 pontos perdidos por faltas, colocaram-se, respectivamente, o subten. Manoel Longo da Silva, montan-



do «Biriba», em 1' 18" 6/10, sgt. Aloísio Proba, montando «Grego», em 1' 13" e sgt. Nelson de Oliveira, na condução de «Sombra», no tempo de 1' 23" 2/10.

A prova número dois, também de classe «A», com «handicaps» 1 e 2, e denominada «Dr. Elpídio Reali», foi vencida pelo 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima (F.P.), que conduziu sem faltas «Galã», no tempo de 1' 3" 1/10; 2.º lugar - ten. Humaitá (F.P.), com zero pontos perdidos, em 1' 6", sôbre «Sonâmbulo»; 3.º colocação - ten. Cirilo (2.º R.M.), montando «Albatroz», também com zero pontos, no tempo de 1' 7" 1/10; 4.º lugar - outra vez, o ten. Roldão, agora com «Shangay II», fazendo o percurso em 1' 10" 7/10, com 4 pontos por faltas.

A prova seguinte, «Coronel Euryale de Jesus Zerbini», de percurso normal, e que inaugurou o novo Picadeiro Coberto, apresentou 11 obs-

táculos a 1,20, com «handicaps» 1 e 2. Dezenove concorrentes correram êsse difícil percurso, para disputar a classificação abaixo: — 1.º lugar - ten. Cordeiro (F.P.), com «Bolo», 4 pontos por falta, tempo de 56' 9/10; 2.º lugar - ten. Roldão, (F.P.) sôbre «Galã», 4 pontos perdidos, 1' 18"; 3.º lugar - cap. Portela (F.P.), conduzindo «Marambaia», com 7 pontos perdidos em 1' 2" 5/10; 4.º lugar - cap. Bianco (2.º R.M.), em 52", com 8 pontos, montando «Jaguaribe».

Compuseram o Júri de Campo: - major Hugo Bradaschia, caps. Frederico Gimenez e Plínio D. Monteiro e ten. Gastão Von Hülsen Tosta. Juiz de Pista: - ten. Anselmo Peres.

Após a distribuição dos prêmios, no salão nobre, a retirada dos assistentes marcou o final da alegre manhã para os aficionados do esporte hípico de obstáculos.

## A Pauli-Poli no Regimento de Cavalaria

Já é tradicional e muito esperada a sã disputa esportiva realizada há vários anos, pela Escola Paulista de Medicina e Escola Politécnica, acontecimento que mantém em grande expectativa não só os alunos da «Pauli» e da «Poli», mas também enorme parte do público esportivo de São Paulo. Entre os inúmeros ramos de esporte disputados no âmbito da «Pauli-Poli» se incluem provas hípi- cas, que vêm sendo disputadas (com motivo de orgulho para a Fôrça Pública), no Picadeiro do Regimento de Cavalaria, e tem tido sempre como orientadores técnicos oficiais desta

Unidade. Coube, desta vez, tal incumbência ao 1.º tenente Anselmo Peres, que orientou, com bastante acêrto, os jovens estudantes na condução do cavalo, esforçando-se em manter aceso o espírito equestre dos concorrentes.

Revestiu-se a festa de maior entusiasmo que nos anos anteriores, e como afirmativa dêsse interesse, uma seleta assistência, numerosa e cheia de alacridade, contribuiu com sua presença, derramando-se por tôdas as amplas dependências do Quartel de Cavalaria da rua Jorge Miranda. As multicôres roupagens femininas ale-



gravam o ambiente na tarde ligeiramente nublada de 6 de outubro último.

Realizada a prova, com grande vontade, de parte a parte, em obter a vitória, chegaram os acadêmicos, ao final, com o seguinte resultado, depois de terem ido os concorrentes ao 2.º desempate: — em boa condução de «Caci», Harry Simonsen, da Poli, sagrou-se vencedor;

Diogo Brandt de Carvalho, da Pauli, conquistou o 2.º lugar montando «Tamoio»;

em terceiro pôsto ficou um representante da Poli — Dino Raviogli — que montou «Urupi»;

Paulo Maluf, também da Politécnica, classificou-se em 4.º lugar, conduzindo «Corsário».

Por equipe, colheu os louros da vitória a homogênea representação da Escola Politécnica.

## Prova "Shangay II"

A reabertura da Temporada Hípica Oficial, levada a efeito pela Federação Paulista de Hípismo, teve seu início sábado, dia 19 de setembro, às 15,00 horas, no Clube Hípico de Santo Amaro.

Homenageando a Fôrça Pública, por intermédio de um seu grande expoente eqüino — Shangay II — nosso concorrente às Olimpíadas de Helsinque (Finlândia), e que de passagem se glorificou vencendo provas em solo de outros países europeus, entrou em disputa a «Prova Shangay II», de percurso normal, sobre doze obstáculos.

Neste concurso o ten. Raul Humaitá Vila Nova, como bom cavaleiro que vem sendo, soube trazer, para o Regimento de Cavalaria e para a Fôrça Pública, os louros da vitória, conquistando o 1.º pôsto sobre «Sonâmbulo». Para tanto, fez o percurso sem faltas, no magnífico tempo de 1' 6" 2/5.

Assim, mui acertadamente, se concretizou ainda mais a homenagem, por ter sido a prova com o nome de

um grande cavalo nosso, vencida por nosso digno representante — ten. Humaitá.

★ ★ ★





# José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»  
CAIXA POSTAL, 445  
TEL. 43-28-95 (RÁDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

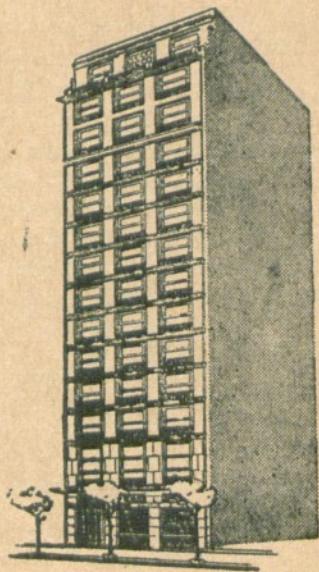
TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL  
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE  
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Departamento de vendas  
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —  
En. Telegráfico, "SILVIUS"  
Telefone: 33-2662



Edifício no Rio de Janeiro



# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

- BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)  
— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.
- CHILE (Cuerpo de Carabineros)  
— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.  
— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro
- ACRE (Guarda Terretorial)  
— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.
- ALAGOAS (Policia Militar)  
— Q.G. (Maceió) — cap. Cavalcante Maranhão.
- AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)  
— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.
- AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)  
— Major Caetano Felix do Nascimento
- BAHIA (Policia Militar)  
— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.
- CEARA (Policia Militar)  
— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.
- DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)  
— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castrb.  
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apollinário Chaves.  
— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.  
— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.
- ESPIRITO SANTO (Policia Militar)  
— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.
- GOLAS (Policia Militar)  
— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury.
- MARANHÃO (Fôrça Policial)  
— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.
- MATO GROSSO (Policia Militar)  
— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.  
— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.
- MINAS GERAIS (Policia Militar)  
— B.G. (Belo Horizonte) — cap. Antônio Norberto dos Santos.
- PARA (Policia Militar)  
— Q.G. (Belém) — cap. Walter Moreira Cals.
- PARAIBA (Policia Militar)  
— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.
- PARANA (Policia Militar)  
— Q.G. (Curitiba) — cap. Washington Moura Brasil.  
— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.
- RIO DE JANEIRO (Policia Militar)  
— Q.G. Capitão Walter Zulmiro Pereira de Castro.
- RIO GRANDE DO NORTE (Policia Militar)  
— Q.G. Capitão Antônio Morais Neto.



RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Pôrto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Policia Militar)

- Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.

SÃO PAULO (Fôrça Pública)

- Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
- Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — 2.º ten. Jorge Paes Leme.
- R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumercindo Guimarães.
- C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.
- B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.
- 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.
- 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Lulz Nobrega e Silva.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.
- S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.
- S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvea Franco Junipr.
- S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
- S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Mólca.
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godol.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
- Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmir C. Costa.
- Policia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.

SERGIPE (Policia Militar)

- Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



# GALERIA DE VALORES

## UM FUTURO CAMPEÃO

Poucos atletas têm alcançado, tão rapidamente, a forma que desfruta o nosso homenageado. Iniciado no desporto base aos 25 anos de idade, no início deste ano o sargento Alves escalou degraus difíceis, transpondo-os com bastante facilidade e qualificando-se, desde já, como um grande corredor do atletismo paulista. Tem verdadeira inclinação para o desporto que abraçou e possui pendores naturais para o seu desenvolvimento. E', atualmente, militante do Clube de Regatas Tietê, desta Capital.

Sua estréia verificou-se na «XXIII VOLTA DA PENHA», ocorrida no dia 26 de abril do corrente ano, obtendo o 1.º lugar. E' detentor atual do **recorde** dos 1.000 metros rasos, na classe dos aspirantes da F.P.A., com o tempo de 2' 38" 8/10. São os seguintes os seus resultados nas muitas provas em que tomou parte:

a 16-V-953 - Prova «Cap. Alcides Teodoro dos Santos» - 4.000 metros - 1.º lugar; a 11-VI-953 - Prova «Onze de Junho» - 3.200 metros - 1.º lugar; a 23-VI-953 - Prova «A Noite» - Rio de Janeiro - 9.600 metros - 19.º lugar; a 12-VII-953 - «XIX Volta do Ipiranga» - pelo C.R. Tietê - 3.º lugar; a 8-VIII-953 - «Prova Sd. Sebastião» - Baurú - 4.200 metros - 2.º lugar; a 16-VIII-953 - «Trocéu



Sargento Antonio José Alves



BRASIL» - Rio de Janeiro - 1.500 metros - 7.º lugar; a 22-VIII-953 - Prova dos Novos da F.P.A.» - 1.000 metros - 1.º lugar; a 23-VIII-953, em Mogí das Cruzes - 3.600 metros - 2.º lugar; a 8-IX-953 - Aniversário da Cidade de Mirasol - 5.000 metros - 1.º lugar; a 20-IX-953 - «Volta do Chapadão» - Campinas - 4.000 metros - 1.º lugar e a 1.º-X-953 - Prova «Coronel Otaviano» - 3.500 metros - no Batalhão de Guardas - 1.º lugar.

O sgt. Alves é aluno do C.M.E.F., da nossa Escola de Ed. Física, e tem participado de quase tôdas as

provas de pedestrianismo, inclusive as do Campeonato Paulista, nas suas categorias, obtendo ótimos resultados. Melhorará bastante no futuro, porque no momento não pode dedicar-se, como deve, aos treinamentos. O curso de monitor lhe rouba quase todo o tempo e lhe exige esforços máximos.

Será um campeão do futuro, caso não se descuide do seu preparo. Pertencerá à galeria de honra dos nossos grandes campeões, para a glória do desporto da Fôrça Pública, de São Paulo e do Brasil.



## Cabo Luiz Gonzaga de Oliveira

Recordista brasileiro dos 5.000 metros

Continuando a sua interminável série de vitórias, graças à forma em que se encontra atualmente, o nosso atleta **GONZAGUINHA** obteve no domingo último, 15-II-53, no desenrolar da competição internacional entre brasileiros e italianos, uma belíssima vitória para o desporto nacional, vencendo espetacularmente os 5.000 metros e tornando-se o novo recordista brasileiro da prova com o tempo de 15'14" e 6/10.

Secundou-o brilhantemente o notável Giacomo Pepicelli, «o mignon» corredor peninsular, participante já de duas São Silvestre, com colocações bastante honrosas. Essa vitória in-

ternacional que foi uma vitória de «alma», constitui uma das grandes conquistas para o Brasil.

O recorde anterior da prova pertencia também ao antigo corredor da nossa Fôrça Pública, o notável Sebastião Alves Monteiro. Sai, pois, da Escola de Educação Física, os construtores desses excelentes feitos para o atletismo da nossa Pátria. Essa marca passou, pois, de casa para casa, para orgulho nosso, quando vimos acompanhando as atividades atléticas dos nossos homens, incentivando-os para as futuras pugnas.

Parabéns ao recordista **LUIZ GONZAGA RODRIGUES**.



# "TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

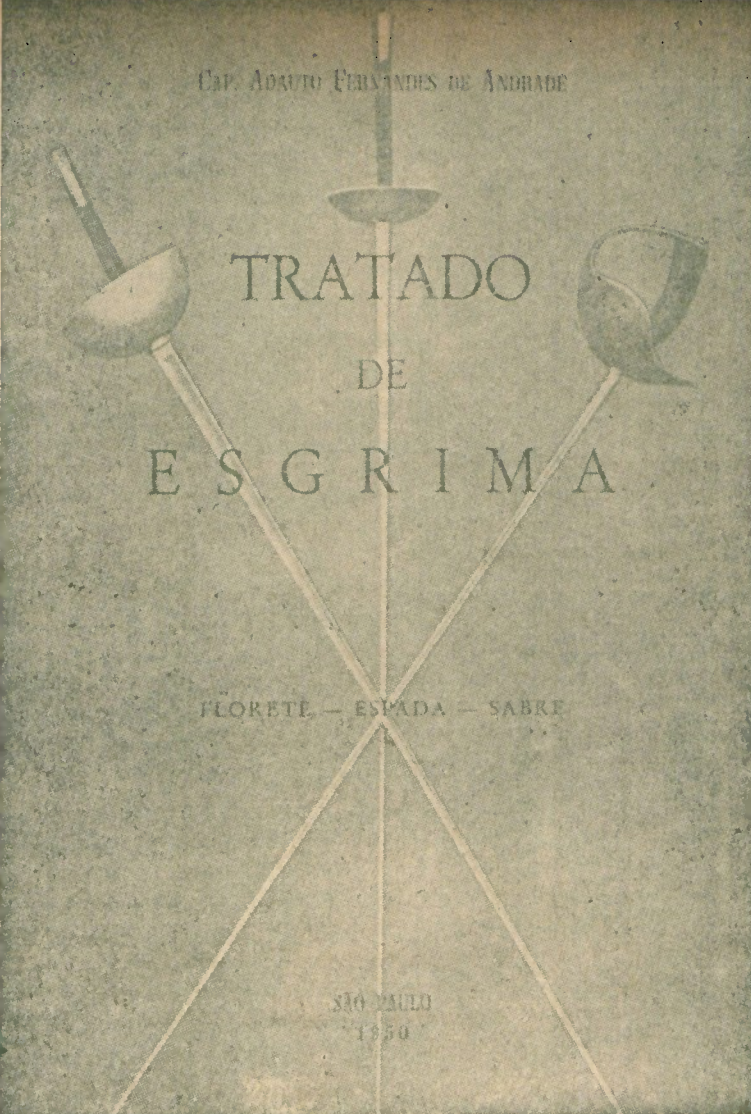
A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (\*).

---

\* Trecho da nota do major Arrisson de Souza Ferraz, fiscal e diretor de ensino da Escola de Educação Física, sobre o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade.



CAP. ADALTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO  
DE  
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO  
1950

- \* ABORDA OS ASPECTOS TÉCNICO, PEDAGÓGICO, HISTÓRICO E ORNAMENTAL, PERFEITAMENTE ATUALIZADOS.
- \* EXCELENTE APRESENTAÇÃO GRÁFICA !
- \* 60 ILUSTRAÇÕES !
- \* Preço: Cr\$ 50,00 (incluindo o porte registrado).  
Pedidos à Gerência de "MILITIA", mediante remessa em valor declarado, cheque ou vale postal.



# Secção



DE

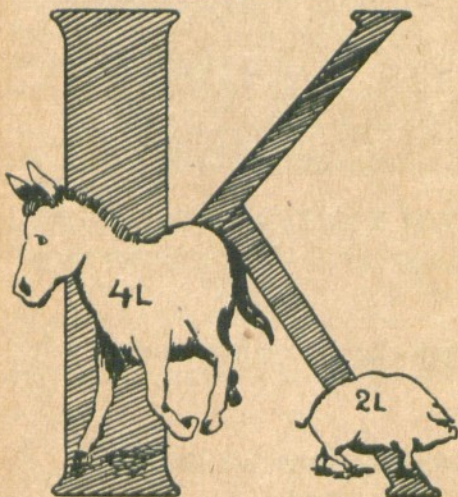


# EDIPO

4.º TORNEIO DE 1953

OUTUBRO - NOVEMBRO - DEZEMBRO

16 — ENIGMA PITORESCO



Veterano

CHARADA ANTIGA

- 17 — Batata inglesa pilada, - 2  
Desmentir isso não tente,  
E' iguarla delicada, - 2  
De paladar excelente.

Paulista Velho

CHARADA AUXILIAR

- 18 — ... + la = brinquete  
... + ma = fenda  
... + ma = amido  
... + la = salva

Conceito: Cachaça

X. P. T. O.

CHARADAS NOVISSIMAS

- 19 — Na fileira a ama ruim não viu o  
caixeiro viajante - 2-1-1.

Plínio D. Monteiro

- 20 — E' escrava do desejo, então, a cana-  
lha ? - 1-1.

Enric & Bezerra

- 21 — Levei uma tunda rija, ficando pior  
que vítima de atropelamento - 2-2.

Cel. S. O. Silva

- 22 — A perda da liberdade foi um obstá-  
culo na vida errante do homem  
turbulento - 2-2.

K. D. T.

CHARADAS SINCOPADAS

- 23 — Quem usa dar cambalhota termina  
sendo velhaco - 4-2.

Enric & Bezerra

- 24 — O arbusto aromático da família das  
labiadas não é encontrado por qual-  
quer pessoa - 4-2.

Silvosky



25 — Considera que a paciência tem li-  
mite - 3-2.

P. Q. Nino

26 — Vi um recruta abaixado - 3-2.

Cel. S. O. Silva

CHARADA CASAIS

27 — Este parvo parou na entrada - 2.

Plínio D. Monteiro

28 — Receio que esteja incompleto o exer-  
cício escolar para retroversão ou  
análise - 2.

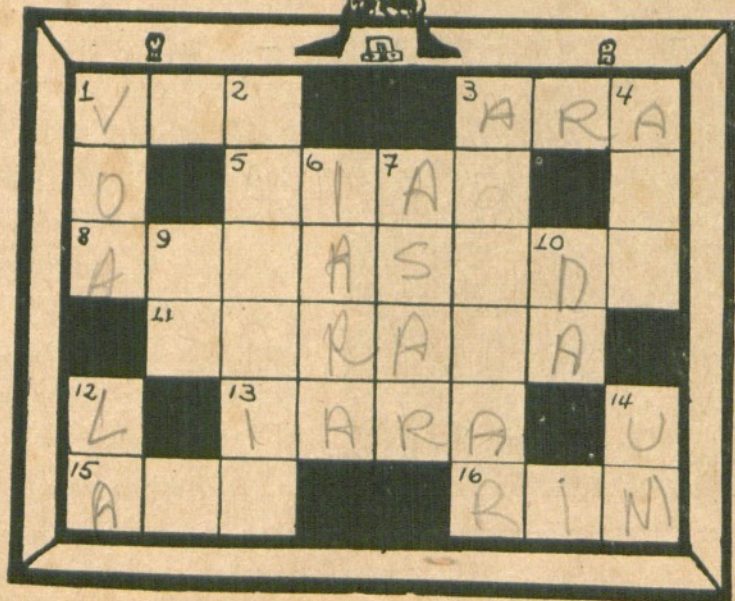
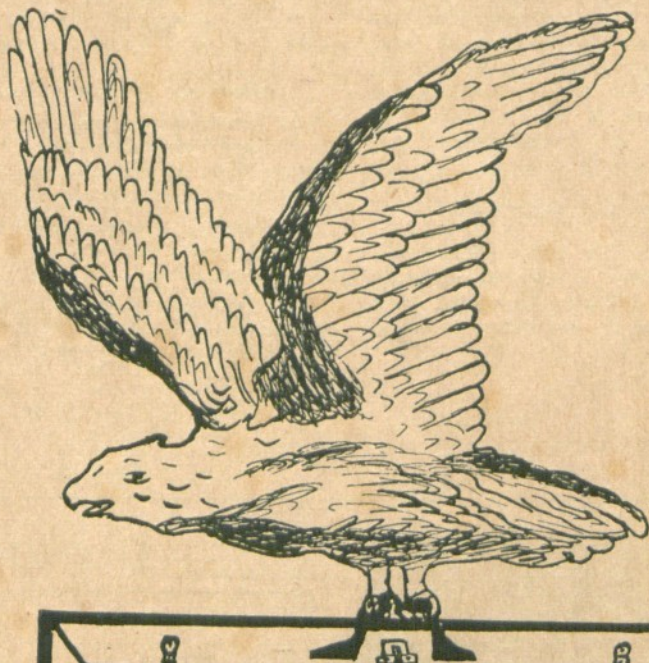
Silvosky

29 — Casal interessante: Ela é galante;  
ele, folgazão - 3.

Pompeu Júnior

30 — Mais um tiro de pistola e o corpo  
tornou-se inerte - 2.

K. D. T.



EUFRÁSIO



## PALAVRAS CRUZADAS

### Problema n.º 3

**Horizontais:** — 1 - lugar por onde se vai ou é levado; 3 - altar dos sacrifícios; 5 - ligar; 8 - ruído súbito; 11 - espécie de formiga; 13 - mulher fantástica, sereta de rios e lagoas; 15 - nome de homem; 16 - víscera dupla que segrega a urina.

**Verticais:** — 1 - do verbo voar; 2 - estrela da constelação da águia; 3 - arar superficialmente para tirar ervas daninhas; 4 - marcos das portas; 6 - mulher fantástica, seria de rios e lagoas; 7 - relativo a asa; 9 - serviço secreto; 10 - oferece; 12 - ali; 14 - único.

### CORRESPONDÊNCIA

Idyla — Inscrita, com o máximo prazer. Recebemos a lista de soluções. E trabalhos? Esperamos alguns fáceis ao alcance dos que se iniciam no charadismo.

## O Enigmista

O Enigmista órgão charadístico, cujo nome encima estas linhas, passou a ser órgão oficial do C.E.S.

Em consequência, foi suspensa sua venda avulsa, sendo ele distribuído apenas aos sócios do Centro e aos assinantes.

Assinatura anual, Cr\$ 36,00, registrado e por via aérea, Cr\$ 50,00.

Pedidos a Arpetra, rua Marquês de Oliveira, n.º 16 - Santos - S. Paulo.

### Resultado do 1.º torneio de 1953

De acordo com o resultado da loteria Federal extraída em 28 de outubro último, foram classificados os seguintes concorrentes do 1.º torneio de 1953.

1.º lugar - Paulista Velho, a quem oferecemos um Dicionário de C. de Figueiredo, ed. pequ.

Mais de 50% das decifrações: X.P.T.O., que recebeu um "Auxiliar do charadista", de Alvazil - 2.º volume.



## NOSSA CAPA

O emprêgo do cão pastor, no serviço de policiamento, não constitui novidade para a Força Pública. Antes, significa a adoção daquelas mesmas medidas que, no passado, tanto dinamismo imprimiram às ações policiais.

(Foto, gentileza de "Visão").



# militia

Revista de assuntos técnicos, policiais,  
militares e culturais em geral.

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA  
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo ..... 34-6488  
          { interno ..... 142

SÃO PAULO, S. P. ..... Brasil

ANO VII

Novembro de 1953

N.º 42

DIRETOR GERAL .....	cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESP. E GERENTE :— .....	cap. Francisco Vieira Fonseca
REDATOR-CHEFE: — .....	maj. Bento Barros Ferraz
SECRETARIO — .....	1.º ten. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
TESOUREIRO : — .....	major Manoel Pereira da Silva
REDADORES :	ILUSTRAÇÃO :
— ten. cel. mons. Paulo A. Cavalheiro Freire	— cap. Félix Barros Morgado
— maj. Milton Marques de Oliveira	— 2.º ten. Olavo Soares
— cap. Felix de Barros Morgado	— José C. Montes
— cap. Paulo Monte Serrat F.º	FOTOGRAFIA :
— cap. Ari José Mercadante	— Ludovico Paraschin
— cap. Francisco Antônio Bianco Jr.	
— 1.º ten. Miguel M. Sendin	
— 1.º ten. Antônio Silva	

## ASSINATURAS

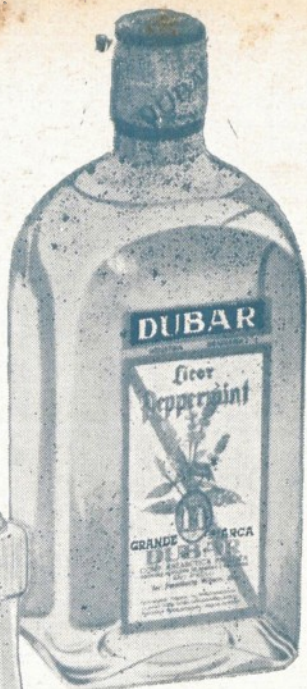
Por 12 números ..... Cr\$ 50,00  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00

## AOS COLABORADORES E LEITORES

- A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos politico-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
  - Desejamos establecer el cambio
    - Desideriamo stabilire cambio
      - On désire établir échange
        - We wish to establish exchange
          - Austausch erwünscht





LICORES  
**DUBAR**



*uma  
"presença"  
indispensável  
nas Festas*



**DUBAR**

*Há uma delícia Dubar para cada paladar*

GRÁTIS - Envie seu endereço para a Caixa Postal 4100, S. Paulo e receberá um folheto com receitas dos melhores coquetéis Dubar